

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO NA INTERNET:
LEITURA E ESCRITA DE JOVENS NO ORKUT**

INEZ RODRIGUES ROSA

Goiânia/GO

2011

INEZ RODRIGUES ROSA

**PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO NA INTERNET:
LEITURA E ESCRITA DE JOVENS NO ORKUT**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Dr^a. Joana Peixoto.

Goiânia/GO

2011

R788p	Rosa, Inez Rodrigues. Práticas de comunicação na internet: leitura e escrita de jovens no Orkut / Inez Rodrigues Rosa. – Goiânia, 2011. 160. f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Faculdade de Educação, 2011. “Orientador: Prof. ^a Dr. ^a Joana Peixoto” 1. Redes sociais. 2. Relações interpessoais. 3. Comunicação escrita – internet. I. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. II. Peixoto, Joana. III. Título. CDU: 316.472.4(043.3)
-------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

INEZ RODRIGUES ROSA

**PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO NA INTERNET:
LEITURA E ESCRITA DE JOVENS NO ORKUT**

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Joana Peixoto – PUC/GO
(Presidente/PUC Goiás)

Prof^ª. Dr^ª. Mirza Seabra Toschi
(Membro UEG/UniEVANGÉLICA)

Prof. Dr. José Carlos Libâneo –
(Membro/ PUC Goiás)

DEDICATÓRIA

A vida, mesmo sendo curta como é,
merece ser bem vivida quando se está ao
lado de pessoas tão queridas como as que
tenho comigo.

A elas dedico todo meu esforço para
produção deste trabalho e de tudo que
tenho feito.

AGRADECIMENTOS

- A meu Senhor e Deus, honra, glória e louvor pela saúde, disposição e luta vencida;
- A meus pais, Geraldo e Maria, por me ensinarem a lutar cotidianamente pela vida com dignidade e pelas orações a Deus;
- A meus oito irmãos por serem sempre companheiros – em especial, Cristina, pela força na revisão deste texto;
- A Waldir-amor, companheiro em todos os instantes: na alegria e na tristeza; na saúde e na doença; na presença e na ausência;
- A Sarah Inês, Isabella Inês e Daniel Waldir, grandes desafios de crescimento para me ensinar a ser mãe que dá exemplos de luta pelos estudos, pelo profissionalismo, pela vida com dignidade, sempre confiando em nosso Deus e Senhor;
- A minha orientadora, Dr^a Joana Peixoto, pequena grande mulher, pela orientação eficiente, habilidosa e competente;
- À querida Dr^a Mirza Seabra Toschi, amiga e mestra, que me ensinou o caminho da pesquisa, colocando desafios em minhas mãos;
- Ao professor José Carlos Libâneo, por me fazer refletir sempre mais e mais;
- À estimada Dr^a Débora Cristina Santos e Silva, por acreditar no meu potencial;
- Ao prezado Dr. Ariovaldo, pelas orientações linguísticas;
- A Sóstenes e Shirley Mattos por opiniões acerca da Linguística e a Hugo pela tradução.
- Aos colegas de trabalho e de estudo, por estarem sempre por perto quando precisei;
- A Idelvone Fátima, irmã conquistada durante o curso, por me ouvir nas horas de sufoco;
- A todos que, de variadas formas e sempre com carinho, contribuíram para minha vitória.
- Obrigada!

*A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil.*

Manuel Bandeira

RESUMO

ROSA, Inez Rodrigues. Práticas de comunicação na Internet: leitura e escrita de jovens no orkut. 160f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2011.

O objetivo deste estudo, vinculado à linha de pesquisa Teorias da Educação e Processos Pedagógicos, foi analisar as práticas comunicativas dos jovens no orkut com vistas a identificação das estratégias discursivo-argumentativas que permitem o aprimoramento da leitura e da escrita como competências socioculturais. No primeiro capítulo apresentam-se as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e a relação dos jovens com essas tecnologias, além da abordagem sociotécnica da relação entre tecnologia e a educação. O referencial teórico desse capítulo baseia-se nos estudos de Abreu (2006), Belloni (2005, 2008), Buckingham (2003; 2006), Carvalho (2006), Foracchi (1972), Jenkis (2008), Libâneo (2006), Melucci (1997), Peixoto (2003, 2008), Peralva (1997), Prensky (2001), Recuero (2005), Santaella (2003, 2004), Tapscott (1999, 2009), Toschi (2010), Veen e Vrakking (2009). O segundo capítulo aborda a leitura e a escrita, e seu uso na comunicação social. O capítulo apresenta, ainda, uma reflexão sobre as competências comunicativas e a construção de textos e discursos e suas estratégias de comunicação. O referencial teórico desse capítulo fundamenta-se em Bakhtin (1992, 2002), Brandão (2001), Bronckart (1999), Cagliari (2004), Chartier (1999, 2002), Chauí (2000), Fischer (2006), Freitas (2000, 2002), Koch (1996, 2002, 2008), Koch e Elias (2006), Kleiman (1989, 2001, 2002), Leffa e Lopes (1994), Ramal (2000), Santaella (1997, 1983, 2003, 2004), Soares (2000, 2003), Traváglia (2002) e Vygotsky (1998, 2007, 2008), entre outros. A pesquisa pode ser caracterizada como do tipo qualitativa e de inspiração etnográfica virtual. A amostra inicial foi constituída de jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola estadual da periferia de Anápolis. A partir daí a amostra foi ampliada com a inclusão dos integrantes da rede dos estudantes inicialmente contatados. Desta forma, o campo empírico constituiu-se na rede formada pelos estudantes e pelos “amigos” adicionados a sua rede. O procedimento adotado foi a observação dos processos de comunicação estabelecidos nessa rede. O estudo evidenciou que os jovens sabem adequar sua comunicação ao momento e às exigências dos processos de interação comunicativa, mesmo demonstrando falta de originalidade, uma vez que impera a cópia de músicas e de mensagens de sites especializados em fornecer esse tipo de conteúdo. Os jovens utilizam estratégias específicas para a comunicação social por meio do orkut com o desenvolvimento de um “novo código” de leitura e escrita, disseminado entre eles. Aquele que comunica busca adequar-se ao interlocutor, ao contexto, aos objetivos e à necessidade comunicativa, de forma articulada, contribuindo para o aprimoramento no uso dessa linguagem. A presente pesquisa revelou, então, que em suas práticas comunicacionais no orkut, os jovens articulam as linguagens oral e escrita de forma que elas se complementem, tendo em vista a expressão do sentido pretendido ou do sentido conhecido pelo grupo sociocultural a que pertencem. Dessa forma, conseguem também produzir novos sentidos para sua compreensão do mundo e de suas relações de interação com o outro – ou com os outros – no mundo.

Palavras-chave: Leitura e escrita no orkut. Práticas juvenis de comunicação. Educação e redes sociais online.

ABSTRACT

ROSA, Inez Rodrigues. Communication practices on the Internet: reading and writing of young people on orkut. 160f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2011.

Connected to the Theory of Education and Pedagogical Studies research line, the objective of this study was to analyze the communicative practices of young people, in orkut, as an identification of discursive and argumentative strategies that permits the improvement of reading and writing as sociocultural competences. The first chapter presents the information and communication technologies (ICT) and the relation of young people with these new technologies, as well as socio-technical approach of technology and education. The theoretical reference of this chapter is based on studies of Abreu (2006), Belloni (2005, 2008), Buckingham (2003; 2006), Carvalho (2006), Foracchi (1972), Jenkis (2008), Libâneo (2006), Melucci (1997), Peixoto (2003, 2008), Peralva (1997), Prensky (2001), Recuero (2005), Santaella (2003, 2004), Tapscott (1999, 2009), Toschi (2010), Veen and Vrakking (2009). The second chapter focuses on reading and writing, and its use in the social communication. This chapter presents also a reflection about the communicative competence and the construction of texts and discourses, including their communication strategies. The theoretical reference for this discussion is based on Bakhtin (1992, 2002), Brandão (2001), Bronckart (1999), Cagliari (2004), Chartier (1999, 2002), Chauí (2000), Fischer (2006), Freitas (2000, 2002), Koch (1996, 2002, 2008), Koch and Elias (2006), Kleiman (1989, 2001, 2002), Leffa and Lopes (1994), Ramal (2000), Santaella (1997, 1983, 2003, 2004), Soares (2000, 2003), Traváglia (2002), Vygotsky (1998, 2007, 2008), among others. The research can be characterized as qualitative and imbued with virtual ethnographic inspiration. The initial sample was constructed with young high school students from a public state school in the outskirts of Anápolis. Thereafter, the sample was increased with the members of this students' network. On this way, the empirical field was composed by the network formed by students and "friends" added to its network. The adopted procedures were to observe the processes established in this communication web. The study revealed that young people know how to adapt their communication according to the moment and to the requirements of the processes of communicative interaction, even demonstrating the same absence of originality, once that prevails the copying of songs and messages from sites specialized in providing such content. They use specific strategies to the social communication through orkut with the development of a "new code" of reading and writing, spread among them. The one who communicates tries to get adapted to the speaker, to the context, to the objectives and to the communication needs in an articulated manner, contributing to the improvement in the use of such language. This research revealed: in their communicative practices in orkut, young people articulate oral and written languages; these kinds of communication complement each other, considering the expression of the desired meaning or the one known by the socialcultural group. In this way, they can produce new significations for their comprehension of world and of the relations among them – or with the others – in the world.

Keywords: Reading and writing on orkut. Young's communication practices. Education and online social networks.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Código utilizado no scrap 1	109
Quadro 2 – Código utilizado nos scraps 2, 3 e 4	110
Quadro 3 – Síntese das estratégias discursivo-comunicativas	132
Quadro 4 – Síntese das estratégias argumentativas.	141

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
AS PRÁTICAS DIGITAIS JUVENIS	19
1.1 As TIC e a sociedade em rede	20
1.1.1 A Internet e o ciberespaço	20
1.1.2 Redes sociais: o orkut	23
1.2 Os jovens na sociedade contemporânea	27
1.2.1 Juventude e exclusão social e digital	33
1.2.2 Acesso à tecnologia digital e à Internet	36
1.3 Geração net ou nativos digitais	38
1.4 As formas de apropriação da Internet pelos jovens	42
CAPÍTULO II	
A LINGUAGEM NA COMUNICAÇÃO	50
2.1 Leitura e escrita no mundo contemporâneo	51
2.1.1 A leitura e o leitor	52
2.1.2 Breve história da leitura	57
2.1.3 A escrita e o escritor	59
2.2.4 Breve história da escrita	60
2.2 Leitura, escrita e comunicação	62
2.2.1 A comunicação e o signo comunicativo	63
2.2.2 Práticas de leitura, escrita e comunicação na sociedade e na escola	68
2.2.3 Práticas de leitura, escrita e comunicação na cultura digital	76
2.3 Constructos básicos sobre a aprendizagem da leitura e da escrita	82
2.4 Competência comunicativa e a construção de textos e discursos	87
2.5 Estratégias e habilidades comunicativas	93

CAPÍTULO III	100
ESTUDO E DISCUSSÃO DOS DADOS	
3.1 Aspectos gerais da metodologia	100
3.2 Caracterização geral do contexto empírico	103
3.3 O desenvolvimento da pesquisa	104
3.4 Descobrindo estratégias de comunicação no orkut.	106
3.4.1 Estratégias discursivo-comunicativas	108
a. Leitura e escrita adequadas de um novo código	108
b. Formas de referência discursiva	117
c. Emprego de outras vozes e de um falar coletivo	119
3.4.2 Estratégias argumentativas	133
a. Convencimento e persuasão do interlocutor	133
b. Divulgação de comunidades, sites ou vídeos	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS	150
ANEXOS	
Anexo 1 – Glossário de termos utilizados na comunicação pelo orkut	158

INTRODUÇÃO

As práticas comunicativas desenvolvidas pelos jovens por meio das redes sociais da Internet constituem a grande preocupação deste estudo. Os jovens têm sido seduzidos pela mídia – o vídeo-game, a televisão, o computador –, ou seja, tudo o que está relacionado à vida moderna e tecnológica de nossos tempos. Esses recursos têm sido responsabilizados por afastar o jovem da leitura e da escrita. Contudo, sabemos que, em situações sociais mediadas pela tecnologia, como orkut, facebook, msn, myspace, blogs e outros, os jovens têm contato com várias formas de leitura e escrita em sua comunicação social.

Observa-se também que grande parte dos jovens tem dificuldades com vocabulário, gramática e interpretação dos textos e, às vezes, nem percebem que as deficiências estão diretamente relacionadas às dificuldades com a leitura ou, ainda pior, com a falta dela. Nesse sentido é preciso entender o que e como os jovens leem e escrevem, bem como que estratégias eles utilizam em sua comunicação social, mediadas pela tecnologia virtual.

Em 2007, a oportunidade de ingressar no projeto “Leitura na tela – compreender a leitura virtual dos estudantes e formar professores para os novos tempos” permitiu à autora fazer as primeiras investidas sobre o tema. Tal pesquisa teve como objetivos, entre outros, mapear os modos de uso do computador e da Internet, por professores e alunos da Educação Básica, – especialmente do Ensino Médio – nos laboratórios de informática de escolas públicas estaduais de oito cidades de Goiás, e identificar as práticas pedagógicas de letramento virtual desses docentes. Como resultado, foi possível observar, entre os professores, grandes dificuldades para manusear e, principalmente, utilizar pedagogicamente os meios midiáticos, já que as metodologias de ensino de leitura e escrita não foram alteradas, mantendo-se, normalmente, desvinculadas das situações de comunicação social de nossos estudantes. Além disso, esses professores não sabem fazer a distinção entre a leitura no papel e a leitura na tela nem, por falta de capacitação técnica ou pedagógica, aproveitar as potencialidades das linguagens hipermidiáticas de que fazem uso os jovens estudantes.

As conclusões da pesquisa *Leitura na Tela*, ao indicar que os professores utilizam a Internet na escola de forma instrumental e pouco estimulante para os alunos, levaram-nos a recolocar o tema sob perspectiva das formas de apropriação que os jovens fazem dos meios de comunicação fora do contexto escolar.

Os alunos trazem, para o ambiente escolar, conhecimentos, valores e ideologias que são próprios de sua vivência e que refletem o universo cultural em que estão inseridos. A escola, porém, nem sempre se apresenta adequada a essa realidade, uma vez que oferece ambientes distintos dos vivenciados pelos alunos fora da escola e em dissonância com a realidade sociocultural dessa clientela. Sabendo-se disso, acreditou-se ser de grande valia conhecer a realidade da leitura e escrita na comunicação social dos alunos de uma das escolas-campo da pesquisa *Leitura na Tela*, para se conhecer a realidade manifestada através de suas participações no orkut, utilizando a Internet.

A comunicação, que antes era feita por suportes anatômicos, passou a ser disseminada por suportes digitais, desenvolvendo novas formas de manipulação da informação por meio do ciberespaço, possibilitando ao usuário internauta a escolha do caminho a ser seguido no emaranhado de documentos – textos, sons, imagens, links – que formam o hipertexto, dando-lhe ares de protagonista dessas ações nessa rede virtual, além de garantias de novas formas de interação por meio da convergência das mídias (JENKIS, 2008), levando esses indivíduos a oscilarem entre as diversas possibilidades midiáticas em busca de novas experiências.

Essas mudanças têm influenciando as relações nas sociedades e a própria identidade das pessoas e dos grupos sociais – em particular dos jovens nascidos a partir do início da década de 1990 – promovendo, segundo Lévy (1999), outros pensamentos, práticas, atitudes e valores, alterando as formas de pensar, de sentir e de agir no mundo, e acelerando a comunicação entre os indivíduos que utilizam, entre outras formas, os sites de relacionamento ou redes sociais.

Essas redes sociais têm seduzido, em especial, os jovens, visto que possibilitam a troca de informações, a inserção de fotos e vídeos e a montagem de perfis, com características, gostos pessoais e interesses diversos, além do compartilhamento de variadas informações sobre músicas, shows, trabalho, estudo ou qualquer assunto que lhes aprouver, mantendo-se conectados por laços sociais e virtuais.

No Brasil essas redes têm feito grande sucesso e a mais utilizada é o orkut que tem como objetivo garantir aos membros o conhecimento de novos amigos e a manutenção de seus relacionamentos.

A juventude, caracterizada não somente por fenômenos puramente naturais, mas também sociais e históricos, é definida pela diversidade de situações de agrupamentos, de organizações, de classes sociais, apresentando diferenças de etnias, de religião, de gêneros e de especificidades regionais, determinando, nesse sentido, as “diferentes juventudes” em uma “realidade palpável que tem sexo, idade, fases, anseios etc., entronizada em um período de tempo cuja duração não é permanente, mas transitória e passível de modificações” (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2008, p. 5), que devem ser consideradas também, de acordo com Libâneo (2006), em suas relações sociais.

Essas juventudes estão utilizando as potencialidades dos meios cibernéticos, apesar da barreira financeira, que representa o principal obstáculo para a posse do computador e do acesso à Internet, causando, ainda, a exclusão digital, que continua acompanhando a exclusão social no país, visto que, quanto maior a renda familiar, maior a penetração do equipamento nos domicílios. A exclusão digital juvenil caracteriza-se pela falta de contato com informações e possibilidades de conhecimentos advindos da interação virtual, quando os jovens se apropriam dos recursos digitais apenas para lazer.

Os jovens que têm acesso às tecnologias digitais demonstram grande capacidade de apropriação e utilização desses recursos, de tal modo que Prensky (2001) os chama de *Nativos Digitais*, pois “os jogos de computador, e-mail, telefones celulares e mensagens instantâneas são parte integrante de suas vidas” (p. 1). Tapscott (1999), por sua vez, denomina-os Geração Net, pela curiosidade que demonstram diante das novidades tecnológicas e pela sua facilidade em utilizar esses recursos. Veen e Vrakking (2009) chamam-nos de *Homo Zappiens*, pois, por terem nascido no período do surgimento da Internet e conseguirem lidar diariamente com diversas tecnologias, são multitarefas, fazem muitas atividades ao mesmo tempo e raciocinam com agilidade, convivendo com as incertezas e interagindo com os ambientes híbridos da cibercultura de forma natural, descontração e autodidatismo, demonstrando familiaridade e facilidade de manuseio, entendendo a lógica das máquinas cerebrais (SANTAELLA, 2003).

Contudo Buckingham (2006) alega que são necessários estudos que levem a entender o que os indivíduos fazem com a mídia, pois as crianças e jovens têm “ganhado

mais poder como cidadãos, dominando as mídias, especialmente as digitais, e também como consumidores” (p. 22), que vivem, divertem-se e relacionam-se online. Afinal, segundo Carvalho (2006), a Internet não é apenas uma rede de técnicas como hardware e software, mas “uma rede sociotécnica, ou, dito de outra forma, um enredamento indissociável de ciência, tecnologia e sociedade” (p, 173).

Uma das possibilidades das tecnologias digitais é exatamente a comunicação online por meio das redes sociais, quando o jovem tem a oportunidade de produzir leitura e escrita, presentes em praticamente todas as relações sociais, permeando o mundo do trabalho e das relações comerciais e sociais na vida dos indivíduos. É relevante lembrar, ainda, que a linguagem é, segundo Chauí (2000), “um instrumento do pensamento para exprimir conceitos e símbolos, para transmitir e comunicar ideias abstratas e valores” (p. 179). Para a autora, a “linguagem, longe de ser um mecanismo instintivo e biológico, seria um fato puro da inteligência, uma atividade intelectual simbólica e de compreensão, uma pura tradução de pensamentos” (CHAUÍ, 2000, p. 180), sendo também eminentemente social, visto que garante a organização das práticas sociais (BAKHTIN, 1992).

Nesse sentido, para Vygotsky (1998), a linguagem também é organizadora dos processos de pensamento e, por isso mesmo, representa a mediação necessária entre o homem e o mundo, tendo como propósito a formação de ideias e de pensamentos para que o indivíduo possa, além de apreender o mundo, atuar nele estabelecendo sua própria existência. A esse respeito, Chauí (2000) diz o seguinte:

Não somos, porém, somente seres pensantes. Somos também seres que agem no mundo, que se relacionam com os outros seres humanos, com os animais, as plantas, as coisas, os fatos e acontecimentos, e exprimimos essas relações tanto por meio da linguagem quanto por meio de gestos e ações (p. 12).

Assim, é importante compreender que a leitura e a escrita não se restringem à decodificação de sinais, mas carregam, em seus signos, conceitos aos quais os usuários acrescentam novos sentidos, proporcionando assim a constituição da linguagem, que é um sistema organizado, a fim de garantir a comunicação entre os seres humanos, pois, segundo Langendoen (1999), “toda língua é um sistema com recursos suficientes para comunicar as intenções, desejos e crenças de seus falantes” (p. 235). Sendo assim, na leitura, o leitor constrói para si sentidos próprios de acordo com suas intenções, visão de mundo e experiências pessoais, sociais e culturais, produzindo a interação verbal que garante a

realidade fundamental da linguagem como fenômeno social, e seus indivíduos tornam-se atores dessa relação sociointeracional (BAKHTIN, 1992).

De forma idêntica é a escrita que, por ser capaz de registrar e propagar informações, possibilita a construção de conhecimentos e o acesso ao patrimônio da humanidade e representa grande avanço das formas de comunicação.

Com a utilização dos recursos tecnológicos, essas atividades, leitura e escrita, assumiram também uma configuração mais coletiva e com possibilidades de uso de diversas linguagens como visual, gestual, imagética, e até mesmo sonora, para a comunicação entre os seres humanos. Essa comunicação, essencial para o ser social, é determinada por fatores sócio-históricos e, hoje, além dos materiais convencionais como livros, revistas e jornais, entre outros, temos alguns mais modernos ligados à Internet: blogs, e-mails, twitter, sites de relacionamentos ou redes sociais, entre outras possibilidades, ligadas ao ciberespaço, que é, para Santaella (2004), “certamente um dos futuros da leitura e da escrita” (p. 8).

Essa comunicação no ciberespaço caracteriza-se por ser uma escrita “abreviada, telegráfica, econômica” que, de acordo com Freitas (2000), “facilitam o teclar economizando movimentos, tempo e tornando a tarefa de escrever mais rápida” (p. 14), num entrecruzamento de relações e interações de um conversar-escrever, em que se utilizam elementos da linguagem oral, e que propicia uma relação de cooperação em que o leitor pode alterar, transformar, converter ou disfarçar as versões de um texto virtual, uma vez que ele pode se colocar na posição de co-autor do texto escrito, a ponto de se poder falar de “um sujeito coletivo, uma reunião e interação de consciências que produzem conhecimento e navegam juntas” (RAMAL, 2000, p. 6).

Essa é a forma com que os jovens têm praticado leitura e escrita em suas comunicações sociais nos sites de relacionamento. Entre os estudiosos, as opiniões dividem-se: muitos acreditam que os jovens, em seu emprego da tecnologia para diversão e comunicação, têm desenvolvido certas capacidades e habilidades necessárias para a vida cotidiana. Outros alertam para a necessidade de se pensar sobre a apropriação dessas tecnologias, se elas têm, de fato, oferecido garantias de participação social e cultural, com pensamento crítico, para acessar esses aparelhos e deles usufruir, tendo em vista que a multiplicidade de usos, a diversidade de acessos e as condições socioeconômicas dos jovens no Brasil e no mundo são extremamente desiguais.

Interessa-nos, portanto, a tecnologia não quanto à técnica em si, mas a partir do uso que os indivíduos fazem dela, não apenas como responsáveis por inventá-la ou mantê-la, mas também como grupos sociais que a utilizam de acordo com seus propósitos e necessidades, aplicando-a na organização de suas relações sociais, nas suas manifestações de pensamento e nas transformações de seus padrões de comportamentos. Interessa-nos, também, por outro lado, a força de atração que essa tecnologia pode exercer – e tem exercido – sobre os seres humanos, especialmente os jovens estudantes, considerando a capacidade de expressão comunicativa eficiente e eficaz que pode ser desenvolvida – ou não – nessa utilização das redes sociais, em especial, o orkut, escolhido por representar a rede mais utilizada pelos sujeitos desta pesquisa.

É necessário que se invista na busca da compreensão de como acontece (ou se acontece) a aprendizagem da leitura e da escrita fora do ensino institucionalizado, ou melhor, que estratégias comunicativas os jovens estão desenvolvendo a partir do uso efetivo da Internet, utilizando o orkut, de tal forma a permitir-lhes o aprimoramento da leitura e da escrita como competências socioculturais.

É nesse contexto que desenvolvemos nosso estudo, buscando apreender conceitos acerca do desenvolvimento de leitura e da escrita fora do contexto escolar quando os jovens, participando das comunidades do orkut, praticam comunicação efetiva.

Para tanto, a questão central que se apresentou para a investigação foi: As práticas comunicativas dos jovens no orkut desenvolvem as estratégias discursivo-argumentativas que favorecem o aprimoramento da leitura e da escrita como competências socioculturais que permitem o desenvolvimento do pensamento crítico?

A investigação deste problema alocou algumas questões específicas, que orientaram o estudo: 1) o que e como os jovens leem e escrevem no orkut? 2) Que estratégias discursivo-comunicativas são utilizadas pelos jovens em suas práticas comunicativas no orkut? 3) Que estratégias argumentativas são utilizadas pelos jovens em suas práticas comunicativas no orkut?

Assim, o objetivo deste estudo foi analisar as práticas comunicativas dos jovens no orkut com vistas a identificação das estratégias discursivo-argumentativas que favorecem o aprimoramento da leitura e da escrita como competências socioculturais que permitem o desenvolvimento do pensamento crítico. E, para nortear a investigação, alguns objetivos específicos foram definidos: a) identificar o que e como os jovens leem e

escrevem no orkut; b) analisar as estratégias discursivo-comunicativas utilizadas pelos jovens em suas práticas comunicativas no orkut; e c) analisar as estratégias argumentativas utilizadas pelos jovens em suas práticas comunicativas no orkut.

A pesquisa, de tipo qualitativa e com inspiração na etnografia virtual, consistiu em observações e análises da comunicação virtual dos jovens na rede social mais utilizada por eles: o orkut.

No primeiro capítulo apresentam-se as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), os jovens e sua relação com essas tecnologias, além da abordagem sociotécnica da educação. O referencial teórico desse capítulo baseia-se nos estudos de Abreu (2006), Belloni (2005, 2008), Buckingham (2003; 2006), Carvalho (2006), Foracchi (1972), Jenkis (2008), Libâneo (2006), Melucci (1997), Peixoto (2003; 2008), Prensky (2001), Peralva (1997), Recuero (2005), Santaella (2003, 2004), Tapscott (1999, 2009), Toschi (2010), e Veen e Vrakking (2009).

O segundo capítulo aborda a leitura e a escrita e seu uso na comunicação social. Também reflete sobre as competências comunicativas, a construção de textos e discursos e as estratégias de comunicação. O referencial teórico desse capítulo fundamenta-se em Bakhtin (1992, 2002), Brandão (2001), Bronckart (1999), Cagliari (2004), Chauí (2000), Chartier (1999, 2002), Freitas (2000), Fischer (2006), Kleiman (1989, 2001, 2002), Koch (1996, 2002, 2008), Koch e Elias (2006), Leffa e Lopes (1994), Ramal (2000), Santaella (1997, 1983, 2003, 2004), Soares (2000, 2003), Traváglia (2002) e Vygotsky (1998, 2007, 2008), entre outros.

No terceiro capítulo, faz-se a análise dos dados após descrever os percursos da investigação. O estudo evidenciou que os jovens sabem adequar sua comunicação ao momento e à demanda de interação comunicativa, mesmo quando se percebe o uso de cópias de músicas e de mensagens de sites especializados em fornecer esse tipo de conteúdo: músicas de variados estilos e mensagens diversificadas para várias ocasiões e situações. Os jovens utilizam estratégias específicas para a comunicação social por meio do orkut, com o desenvolvimento de um “novo código” de leitura e escrita disseminado entre eles.

Nesse sentido, percebe-se que há uma adaptação da comunicação, tendo em vista a nova realidade comunicativa que exige renovação da linguagem a ser utilizada, como é próprio a qualquer código linguístico. Aquele que comunica busca adequar-se ao

interlocutor, ao contexto, aos objetivos e a necessidade comunicativa de forma articulada, garantindo o aprimoramento no uso dessa linguagem.

Este estudo indica que os jovens revelam capacidade de renovar ou de adaptar sua linguagem às características técnicas e simbólicas do orkut, ajustando-se ao interlocutor, ao contexto e aos objetivos, além de demonstrar habilidade para articular a comunicação linguística com o aprimoramento das possibilidades de expressão e de comunicação por meio da linguagem escrita.

Nessa perspectiva, caberia à escola considerar as formas de uso das redes sociais pelos jovens, estabelecendo um ponto de partida para o questionamento de suas práticas digitais e do estabelecimento de bases para atividades mentais que permitam o seu desenvolvimento intelectual e não a cristalização dessas práticas.

CAPÍTULO I

AS PRÁTICAS DIGITAIS JUVENIS

Computadores pessoais ou redes locais conectados à Internet – sistema de redes de computadores interconectadas em proporções mundiais – podem fazer viajar a informação através de todo o planeta até chegar a qualquer destino. É assim que a população mundial tem vivido a “chamada Terceira Revolução Industrial¹ – ou Revolução da Informação – [que] tem dado novos contornos aos aspectos sociais, econômicos, culturais, religiosos e educacionais, [proporcionando] transformações culturais, políticas e econômicas importantes nas sociedades atuais” (ROSA, 2010, p. 66), devido exatamente a essa centralidade da informação.

Segundo alguns autores como Prensky (2001), Tapscott (1999), Santaella (2003), Abreu (2006), Veen e Vrakking (2009), os jovens são os que mais usufruem das tecnologias digitais para comunicação e diversão, desenvolvendo capacidades para busca e utilização de informações e habilidades² para comunicar-se por meio da virtualidade.

Contudo, há estudiosos como Peixoto (2003; 2008) e Buckingham (2003; 2006) que se preocupam com a valorização que se tem dado à relação da juventude com a tecnologia, uma vez que é preciso investigar se a apropriação dessas tecnologias digitais pelas crianças e jovens tem-lhes garantido competências sociais e culturais, com pensamento crítico, para acessar esses aparelhos e deles usufruir, tendo em vista a multiplicidade de usos, assim como a diversidade de acessos que, por sua vez, depende das condições socioeconômicas dos jovens, no Brasil e no mundo.

Toda essa inquietação advém do crescimento exponencial dos recursos das TIC que surgiram com a chegada dos aparatos tecnológicos, em especial, com a vinda da Internet, configurando a sociedade em rede.

¹ Termo cunhado por Castells na obra *A era da informação: economia, sociedade e cultura* (1999).

² Fazemos referência às habilidades cognitivas que são aspectos fundamentais a uma pedagogia voltada para a formação de sujeitos pensantes e críticos. Como afirma Libâneo: “(...) uma didática a serviço de uma pedagogia voltada para a formação de sujeitos pensantes e críticos deverá salientar em suas investigações as estratégias pelas quais os alunos aprendem a internalizar conceitos, competências e habilidades do pensar, modos de ação que se constituam em “instrumentalidades” para lidar praticamente com a realidade.” (LIBÂNEO, 2004, p.6-7)

1.1 As TIC e a sociedade em rede

Essa “Revolução” iniciada após a Segunda Guerra Mundial levou o mundo a profundas transformações reguladas pelo conhecimento científico, pela pesquisa e pela produção industrial.

Castells, em *A Sociedade em Rede* (1999), já alertava para a ideia de que hoje se vive a passagem de uma sociedade eminentemente industrial para uma sociedade “informacional”. Para ele, a sociedade da informação caracteriza-se pela formação das redes que possibilitam a circulação da informação a velocidades e quantidades nunca antes idealizadas, além da obtenção, o armazenamento e a distribuição dessas informações também por meio eletrônicos, reduzindo-se as limitações geográficas e facilitando-se as relações sociais. Essa utilização da tecnologia digital, assinalada principalmente pelo surgimento do computador – em especial o computador pessoal e não mais o de uso exclusivo das empresas, indústrias e universidades – teve início no final do século XX, abarcando, a partir de então, um maior número de usuários, figurando-se como importante instrumento de trabalho e de lazer, que também possibilita a conexão com o mundo por meio da informação.

1.1.1 A Internet e o ciberespaço

A transição do século XX para o XXI foi marcada por essa chamada Revolução da Informação centrada na informação e comunicação, em que a linguagem dos *bites* domina toda e qualquer relação humana, dando-lhe novos contornos em todos os aspectos da vida humana. Todos os acontecimentos passam a ser definidos pelas relações do homem e, nesse contexto, segundo Castells (1999), a busca da identidade tem um poder tão grande no curso da história quanto a transformação econômica e tecnológica. a esse respeito, o autor diz:

(...) essa busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social [e] cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são (p 41).

Essa “revolução”, potencializada pelas TIC, viabilizou esse processo econômico, social e cultural denominado globalização, afetando a economia mundial ao possibilitar trocas instantâneas de informações. Vivem-se novas formas de socialização, de maneira que as gerações mais velhas não são mais reconhecidas como detentoras do poder de ensinar às mais jovens, e tanto estas como aquelas vivem em constantes transformações, exigindo-se permanente aprendizagem e busca de ressocialização entre essas gerações que tendem a se aproximar.

As informações que vinham sendo produzidas e disseminadas “por suportes anatômicos (madeira, pedra, papiro, couro, papel), atualmente são difundidas e manipuladas por *bits*, códigos digitais universais” (SANTOS, 2005, p 197), numa forma digital, isto é, “quaisquer fontes de informação [que] podem ser homogeneizadas em cadeias de 0 e 1” (SANTAELLA, 2004, p. 38). Diferentemente do que se fazia outrora, toda informação pode ser materializada, hoje, por meio da digitalização, que tem transformado substancialmente todas as mídias, avaliando a possibilidade de interconexão à rede mundial de computadores, formando, assim, o ciberespaço³ e garantindo aos usuários a coletividade, por meio dessa conexão.

Uma das principais características da comunicação por meio da *web* é o hipertexto, em que cada texto, imagem ou som pode apresentar links, que conduzem a outros documentos que, por sua vez, poderão levar a outros mais textos, imagens ou sons e assim por diante, de forma que o internauta possa escolher o que acessar, conforme interesse próprio. Acredita-se que esse seja um dos grandes trunfos de crescimento da Internet e de agrado aos usuários, em especial os jovens: poder escolher o caminho a ser seguido, sem a exigência de seguir um trajeto linear.

Além disso, por meio da Internet tem-se a possibilidade de comunicação cada vez maior, com um número também maior de pessoas e com possibilidade de se atuar como protagonista no acesso às informações, bem como na sua produção e difusão.

A Internet constitui-se de redes e sub-redes, acessadas por uma sequência de ícones que formam o espaço virtual ou ciberespaço que, segundo Santaella (2004),

³ Ciberespaço é um termo cunhado, pela primeira vez, por Willian Gibson em seu livro *Neuromancer*, de 1984 (publicado no Brasil em 1991 pela editora Aleph), que representa o espaço que pode ser vivenciado através de ambientes virtuais em que usuários da Internet interagem por meio de redes de computadores e sistemas em tempo real. Lévy (1999) o define como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (p. 92).

“consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporado a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso” (p. 40). A autora, sintetizando o conceito de ciberespaço, ainda afirma:

(...) [ciberespaço é] todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependendo da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Assim sendo, o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede [...], é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. Um mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indefinidamente mais além da tela, por menor que seja, podendo caber ate mesmo na palma de nossa mão. (p. 45-46)

O ciberespaço reconfigura, de forma acentuada e contínua, as noções de espaço e tempo, ao proporcionar a formação de redes, por meio das quais permite a formação de novas relações sociais. Rede, para Santos (2005), “significa que estamos engendrados por uma composição comunicativa, sociotécnica, que se atualiza a cada relação e conexão que estabelecemos em qualquer ponto dessa grande rede” (p. 198). Os seres humanos podem, através da rede, se interconectar a qualquer lugar do globo terrestre, com diversas culturas, a qualquer momento, mudando as relações de distância, em que o distante pode ser próximo; o inacessível, acessível; e o impossível, possível⁴. O ciberespaço possibilita a cada usuário ser emissor de informações, desde que esteja conectado à rede e, com a formação de redes, já não há mais a relação pessoa-máquina, mas uma relação de interação. Essa interação, por sua vez, influencia as relações sociais e a própria identidade das pessoas e dos grupos sociais – particularmente os jovens, geração que mais vem se socializando e explorando as possibilidades dessas interações mediadas pelas TIC.

Acerca da comunicação e da interação, a Internet constitui um avanço importante com essa reconfiguração do tempo e do espaço, uma vez que, para Castells (1999), essas novas dimensões levam ao acréscimo de fluxos em que presente, passado e futuro podem ser instituídos numa mesma mensagem e num mesmo canal, garantindo a facilitação na troca de mensagens e um aumento da interação, tanto em termos profissionais quanto em situações de interação social.

Assim, com e nesse contexto, a comunicação entre os indivíduos torna-se mais acelerada, independentemente da localização geográfica e do tempo, levando ao

⁴ Segundo Peixoto (2008), pesquisas indicam que, “apesar da existência de uma cultura digital dos jovens (com características marcantes), os indivíduos desta geração não têm igual acesso à rede, nem à informação e não possuem as mesmas capacidades e os mesmos conhecimentos para tratar essa informação” (p. 31).

surgimento de novas culturas que passam a fazer parte de um mundo virtual complexo. Segundo Lévy (1999), essa é a cibercultura⁵, definida por um conjunto de técnicas, que promovem outros pensamentos, práticas, atitudes e valores, que, contudo, sofrem também mudanças, e são constantemente reconfigurados, desenvolvendo-se juntamente com o crescimento do ciberespaço e alterando as formas de pensar, sentir e agir no mundo.

Nesse mundo virtual, o processo de busca de conhecimento, por meio de “corridas” à aquisição e divulgação da informação, revela-se com alto grau de dinamicidade, pautada pela cultura da imagem e do espetáculo em que se confunde a ficção com o real e vice-versa, assim como “um processo de homogeneização cultural” (LÉVY, 1999, p.163). É assim que vivem os jovens nascidos a partir do início da década de 1990.

É urgente refletir sobre tudo isso, uma vez que nossos jovens estão inseridos nesse novo contexto. As TIC – principalmente a Internet – têm afetado sobremaneira as formas de comunicação. Não é novidade que os usuários têm sido seduzidos pelo acúmulo de informações e conteúdos variados, rápidos e acessíveis. Mas têm sido, também, confundidos por conta de uma quantidade de informações desnecessárias e incorretas que levam à perda de tempo e de interesse pelo que realmente se busca.

1.1.2 Redes sociais: o orkut

Seja para a busca de informações, seja para diversão ou para envolvimento profissional ou comercial, a Internet cada vez mais tem exercido um papel importante na vida do ser humano em todas as partes do mundo e, dessa forma, pensamos que para se poderem compreender as tecnologias, principalmente as digitais, faz-se necessário conhecer um pouco de sua história.

A Internet, que teve seu início com a Arpanet, desenvolvida pela empresa americana ARPA, surgiu na década de 1960, época da Guerra Fria, nas universidades estadunidenses. Foi criada com objetivos militares como maneira de as forças armadas

⁵ Cibercultura é uma palavra cunhada por Pierre Lévy (1999) para resumir o mundo digital que pode concentrar múltiplos usos e dar “forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade” (p. 119), ou seja, é onde a palavra ou o texto não representam apenas grupos de letras, mas se tornam um conjunto de informações com desenho, músicas, gráficos, vídeos, preferindo sempre a conexão ao isolamento.

norte-americanas manterem as comunicações em caso de ataques inimigos que destruíssem os meios convencionais de telecomunicações.

A Internet foi, mais tarde, um importante meio de comunicação acadêmico, pois, nas décadas de 1970 e 1980, com o fim da Guerra Fria, ela perdeu as utilidades militares e foi disponibilizada aos cientistas, que disseminaram seu uso entre as universidades. O acesso ao público em geral só foi possível a partir da década de 1990, com o desenvolvimento do World Wide Web⁶ (Rede de Alcance Mundial, também conhecida como *www*).

Também no Brasil, em princípio, o acesso à Internet era restrito a professores, estudantes e funcionários de universidades e instituições de pesquisa. Contudo, a partir de 1995, provedores foram autorizados a comercializar seu acesso, que, no entanto, era muito precário e limitado, com linhas discadas. Em pouco tempo, houve uma grande transformação nesse quadro, e uma parcela considerável da população passa a utilizar a Internet com acesso por tecnologias de banda larga, que são linhas de maior velocidade (SARAIVA; ROCHA, 2010). Hoje, a Internet pode ser acessada até mesmo por meio de telefones celulares, outra tecnologia digital que tem evoluído com grande velocidade, a ponto de não mais se encontrarem aparelhos com apenas as funções originais, que são a realização e o recebimento de chamadas de voz.

A partir daí, popularizaram-se vários sistemas de localização de conteúdo pela Internet, os quais possibilitam ao usuário encontrar, com praticidade e agilidade, muitas informações. Tal fato levou alguns a pensarem que a Internet substituiria todo e qualquer outro sistema de comunicação. Isso não aconteceu, porque as antigas tecnologias convivem em interação com as tecnologias digitais. Um exemplo são os jornais e revistas que lançaram sua forma de publicação nas novas mídias. Essas são formas de convergência das mídias, termo discutido por Jenkis (2008), que analisa a relação dos indivíduos com as chamadas novas⁷ e antigas tecnologias.

Segundo o autor em questão, a comunicação social transcorre por múltiplos suportes e mercados midiáticos, considerando a conduta dos usuários, que oscilam entre as

⁶ O *www* é um sistema de documentos em hipermídia que integra, interliga e executa as informações por meio da Internet, possibilitando a utilização de uma interface gráfica e a criação de sites mais dinâmicos e visualmente interessantes, assim como o surgimento de vários navegadores (*browsers*) como, por exemplo, a Internet Explorer, o Netscape Navigator, o Firefox e o Google Chrome (CARVALHO, 2006; SARAIVA; ROCHA, 2010).

⁷ Jenkis denomina de novas tecnologias àquelas que se relacionam à computação.

diversas possibilidades midiáticas. em busca de novas experiências. Essa ideia de convergência de Jenkins (2008) refere-se aos usuários da mídia em suas interações sociais e nas relações com a tecnologia contemporânea, o que tem provocado mudanças nos contornos de relacionamento do público com os meios de comunicação.

Nessas formas de convergência surgiram, então, diversas utilizações para a Internet. Uma delas são os sites de relacionamentos, hoje mais conhecidos como redes sociais, que proporcionam formas de se relacionar e trocar informações através da virtualidade. As mais utilizadas são: orkut, twitter, facebook, sonico e myspace, empregadas para comunicação social como forma de manter contato com os amigos, conhecer pessoas e estabelecer vínculos (RECUERO, 2005; SANTANA, 2007).

Conforme esclarece Carvalho (2006, p. 22), as redes configuram a relação de “questões científicas, técnicas, éticas, sociais, políticas, econômicas e ecológicas [e] não se pode pensá-las em termos estritamente técnicos”. O autor ainda afirma:

(...) ciência e tecnologia são construídas no mesmo movimento que se constrói a cultura, a sociedade e a própria natureza. Portanto, formular conceitos e políticas de ciência e tecnologia voltadas ao fomento da produção do ‘conhecimento de ponta’ demanda um trabalho interdisciplinar que vai além de uma visão técnica ou científica (p.22).

Essas reflexões trazem à tona a necessidade de se aprofundar na compreensão das relações entre a tecnologia e a cultura social.

A tecnologia, digital ou não, é formulada e reformulada a partir das relações socioculturais dos sujeitos que a utilizam. Para garantia de comunicação online é necessário utilizar computadores e outros dispositivos interligados entre si, constituindo uma rede de computadores, que proporciona acesso às informações presentes em todos os computadores ligados à mesma rede. A Internet é um sistema que integra muitas redes de computadores.

É relevante, neste momento, dizer que o termo rede será utilizado em dois sentidos, concordando com Carvalho (2006), que faz a distinção entre rede de computadores e rede sociotécnica. Para ele, as redes de computadores são as máquinas ligadas pela Internet, ao passo que a rede sociotécnica, igualmente ligada pela Internet, é também ligada por indivíduos que mantêm algo em comum nas questões sociais e culturais, e, além disso, é representada por pessoas que “podem a qualquer momento redefinir sua identidade e suas mútuas relações, agregando novos elementos para si” (p.

22). Dentre as modalidades de recursos disponíveis na rede sociotécnica, observa-se uma expansão na utilização das redes sociais.

Uma rede social online é uma página na rede mundial de computadores – Internet – em que se pode publicar um perfil público de si mesmo, com fotos e dados pessoais, e montar uma lista de amigos que integram o mesmo site. Nesse espaço, em que as pessoas trocam informações sobre as novidades do dia-a-dia, expõem fotos suas, dos filhos e de passeios, comentam os vídeos caseiros uns dos outros, compartilham suas músicas preferidas e até descobrem novas oportunidades de trabalho, as relações sociais configuram-se de fato, assim como na presencialidade, porém com uma diferença: a ausência quase total de contato pessoal. As redes, portanto, são constituídas pelos indivíduos conectados apenas por laços sociais (RECUERO, 2009).

No Brasil, as redes sociais têm apresentado grande alcance. Segundo Recuero (2005), esses sistemas de relacionamento “funcionam com o primado fundamental da *interação social*, ou seja, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizados para forjar laços sociais” (p. 9). Um desses sistemas, que fez grande sucesso no Brasil, é o orkut.

Essa rede social é uma plataforma de rede social filiada à empresa multinacional de serviços online e software chamada Google⁸ e traz a possibilidade de aprofundar formas de relacionamento e troca de informações através da virtualidade. Constitui-se de uma enorme teia de páginas pessoais que tem como função garantir às pessoas a possibilidade de se apresentar a outros que também participem da plataforma. Foi criado por um engenheiro do Google, o turco Orkut Büyükkökten, e lançada em 24 de janeiro de 2004. Seu objetivo é ajudar as pessoas a ampliar e manter relacionamentos. Segundo Recuero (2005), as pessoas no orkut são figurados da seguinte maneira:

Os indivíduos são mostrados enquanto perfis, é possível perceber suas conexões diretas (amigos) e indiretas (amigos dos amigos), bem como as organizações sob a forma de comunidades. Além disso, existem ferramentas de interação variadas, tais como sistemas de fóruns para comunidades, envio de mensagens para cada perfil, envio de mensagens para comunidades, amigos e amigos de amigos (normalmente utilizadas para spam) (RECUERO, 2005, p. 10).

⁸ Google é uma multinacional pública dos Estados Unidos para serviços online. Ele serve para hospedar e desenvolver serviços e produtos baseados na Internet e seu lucro é garantido principalmente por meio da publicidade. O Google foi criada por Larry Page e Sergey Brin, em 4 de setembro de 1998, mas sua primeira oferta pública aconteceu em 19 de agosto de 2004.

Há também aqueles que utilizam o orkut para promover produtos e fazer propagandas de diversas modalidades, como shows e publicidades diversas: marketing político, mensagens religiosas e de autoajuda, anúncios de remédios para emagrecimento, entre outros.

Para participar do orkut, basta criar um login⁹, acessando a página desse site na Internet. Preenchendo-se os dados que julgar interessante ou conveniente, o usuário poderá convidar, por meio de buscas dentro do próprio site, pessoas, conhecidas ou não, que queiram manter comunicação online. No orkut, tem-se a possibilidade de se postar a própria foto no perfil, para que todos passem a conhecê-lo melhor, e também álbuns – pastas virtuais de fotografias – e vídeos que o usuário queira compartilhar. Contudo, o que se percebe é o interesse dos usuários em utilizar os depoimentos, escritos normalmente elogiosos para e sobre os amigos, e recados, hoje mais conhecidos como scraps (um pequeno glossário de expressões mais comuns utilizadas no orkut pode ser encontrado no anexo).

Há outros sites de redes sociais utilizados em nível mundial, como twitter, facebook, sonico, myspace. Contudo o mais usado no Brasil ainda é o orkut que tem, segundo dados de uma pesquisa do Ibope Mídia¹⁰, a preferência de 82% dos brasileiros, enquanto os dois que disputam o segundo lugar e têm crescido em preferência entre os mais ricos – twitter e facebook – atingiram 13 e 14 %, respectivamente. Alega-se, ainda, que o orkut é a rede social que gerou a maior inclusão digital, sustentando-se como o maior e mais usado site de relacionamento do Brasil, principalmente entre as classes populares (FRAGA, 2010).

Contudo, ainda são poucos os estudos acerca dessas teias de relacionamento online, que constituem fenômenos culturais cujas implicações ainda não foram inteiramente compreendidas.

⁹ Login é um conjunto de caracteres – palavras, expressões, símbolos – que serve como uma senha solicitada para para acessar qualquer sistema de computação restrito. Ele permite a identificação do usuário.

¹⁰ Disponível em: <http://www.slideshare.net/ricardodepaula/o-fenmeno-das-redes-sociais-no-brasil?from=ss_embed> Acesso em 20/jan./2011.

1.2 Os jovens na sociedade contemporânea

O conceito de geração tem sido aplicado de forma frequente nos estudos sobre a apropriação da tecnologia digital pelas crianças e jovens. Tal conceito pode ser útil quando se consideram crianças e jovens que nasceram a partir do surgimento e disponibilização da Internet e de seus diversos recursos para o uso da sociedade em geral.

Esse conceito, porém, não é suficiente quando se leva em conta o contexto socioeconômico dos envolvidos nesse processo tecnológico. Crianças e jovens que vivem o mesmo momento histórico, porém marcados por condições econômicas e culturais distintas, terão diferentes formas de uso das tecnologias, bem como de acesso a elas. Crianças de comunidades afastadas dos grandes centros, como no interior do Amazonas, por exemplo, onde falta até mesmo energia elétrica, não podem acessar (às vezes, nem conhecem) a tecnologia digital. O mesmo acontece com jovens oriundos de classes mais pobres e que precisam, desde tenra idade, ingressar no mercado de trabalho, normalmente braçal, como cortadores de cana e trabalhadores da lavoura e que, por dificuldades financeiras, não podem adquirir os produtos tecnológicos, que ainda são caros e de cara manutenção. Por isso mesmo têm dificuldade de acesso a essas tecnologias, embora compartilhem um momento histórico de tantos outros jovens de cujo universo, esses recursos fazem parte.

Considerando tudo isso, serão abordados, no item a seguir, os estudos sobre a juventude não como corte geracional, mas como representante de uma sociedade cultural e histórica.

Foracchi (1972) procura definir juventude a partir da convivência entre as pessoas em um determinado contexto histórico. Para ela, essa visão leva à definição físico/biológica, na medida em que é possível delimitar de forma etária, e reforça de seguinte maneira:

(...) a juventude representa, histórica e socialmente, uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema. Sociologicamente ela representa um modo de realização da pessoa, um projeto de criação institucional, uma alternativa nova da existência social. (FORACCHI, 1972, p. 160).

Interessa, ainda, a noção de Abramo (1997), que assevera que o termo juventude está situado numa circunstância histórica, ao afirmar que a ideia de juventude varia na constituição social, modificando seus conteúdos e significados de uma sociedade para outra e também em uma sociedade ao longo do tempo e de acordo com suas segmentações internas. Ou seja, compreende-se, com a autora, a visão de juventude como uma categoria em constante movimento e construção, sem definições previamente definidas.

Outro autor que também considera a juventude como construção histórica é Groppo (2000). Ele acredita que o jovem não pode ser definido apenas pela idade cronológica, mas deve ser visto a partir de suas relações com a realidade social e cultural em que vive, numa constante construção de identidade, do senso de coletividade e de experimentações. O autor, sobre a juventude, acrescenta:

(...) é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada ou pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (p.8).

A idade socialmente construída, variando em cada sociedade nos diferentes momentos históricos e a partir de distinções de idade, gênero e classe, é, ainda, a visão de Bourdieu (1983), que relata que a idade como um dado biológico, que pode ser manipulado, pois ao se falar de jovem como uma classe única com interesses comuns, referindo esses interesses a uma idade cronológica, já se constitui clara manipulação.

A juventude é um momento em que se passa a vivenciar as relações de tempo, espaço e contradições da identidade no mundo social. Para Melucci (1997), a “juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural” (p. 9), em que se experimentam múltiplas zonas da vida social, já que, hoje, as experiências não são mais transmitidas, e sim construídas. Nesse sentido, o autor, ao relatar a contradição imposta aos jovens por meio das relações sociais e das definições pessoais, afirma:

(...) a juventude contemporânea tem que encontrar novos caminhos para vivenciar a experiência fundamental dos limites. A definição de limites pessoais e externos é a chave para se mover em qualquer direção: através da comunicação com o exterior e conformidade com as regras do tempo social ou através de uma voz interna que fala com cada pessoa em sua linguagem secreta (MELUCCI, 1997, p. 11).

Assim, a juventude não é caracterizada por fenômenos puramente naturais, mas também sociais e históricos. Todavia, em cada fase histórica, o jovem é visto como alguém que precisa aprender com outro mais experiente, pois não está preparado para assumir a vida social em plenitude. Por isso mesmo, parte considerável da Sociologia considera a juventude como “aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo” (PERALVA, 1997, p. 18) e que precisa aprender a se adequar aos moldes socialmente estabelecidos. Segundo Peralva (1997), o que se vê é o jovem sendo acusado de transgredir a ordem pré-estabelecida pelas convenções sociais e, assim, “se o jovem não constitui uma categoria exclusiva de desviantes, constitui com certeza uma categoria importante. Pode-se dizer mesmo central, nas representações sociais de desvio” (p. 19), de acordo com a autora.

Para Abramo (1997), por enxergarmos o jovem como símbolo de problemas, normalmente não o entendemos bem e, assim, o desvalorizamos. Até mesmo quando os jovens assumem posição reconhecida na política de esquerda, como nos anos 1960, acabam, segundo a autora, por serem desqualificados, pois, de acordo com a autora, os jovens são considerados “como incapazes de uma ação com eficácia real, isso se acentua com os sujeitos juvenis de agora, atuando num plano comportamental e cultural sempre vizinho aos planos do hedonismo, por um lado, e da violência, por outro” (p. 35). Assim a autora acredita que essas ideias ajudam a promover uma concepção de que “a juventude hoje está confinada a proceder através de comportamentos de desregramento social” (p. 35)

Continuando, a autora afirma que nos anos 1990, os jovens são vistos como ameaças à integridade social. Contudo, são “vítimas do processo de exclusão profunda que marca a sociedade e, ao mesmo tempo, do aprofundamento das tendências do individualismo e do hedonismo, se comportam de forma desregrada e amoral”. No entanto, estarão apenas “promovendo o aprofundamento da fratura e do esgarçamento social que os vitima” (ABRAMO, 1997, p 35). Dessa forma, o que podemos observar é que os jovens, sempre vistos como individualistas e desregrados na busca pelo seu próprio prazer, acabam por serem desprezados em sua capacidade de qualquer tipo de ação que possa levar à discussão conjunta de proposições com vistas a solucionar diversas situações sociais do mundo contemporâneo.

Reforçando, na atualidade, surgem fatores sociais e culturais que impetram mudanças na mentalidade social e cultural da sociedade. Entre eles está o prolongamento da expectativa de vida, a permanência mais prolongada no mercado de trabalho, resultando em aposentadoria mais tardia, e o prolongamento da escolarização, além da busca constante pela juventude eterna. Todos esses fatores provocam importantes mudanças sociais e culturais, dentre elas a aproximação entre as gerações, que é responsável por uma significativa alteração nos ciclos da vida (PERALVA, 1997). Dessa forma, acaba-se perpetrando a ideia de que o jovem não é mais uma esperança de futuro, mas um modelo cultural para o presente, apresentando valores e estilos de vida desejados por todos que querem se manter jovens e queridos pela sociedade atual, uma vez que os veículos de comunicação de massa exploram a juventude como idade ideal ou, como reforçam Esteves e Abramovay (2008):

[A juventude acaba] constituindo um importante parâmetro para praticamente todos os estratos etários e sociais - através, entre outros mecanismos, da venda de seus atributos sob a forma de mercadorias (...) [porque] tanto o vigor e a plasticidade de sua forma física, de suas roupas, bem como de todas as demais características pautadas na representação do que os jovens aparentam ser se afigurem como socialmente desejáveis (p. 12).

É necessário, porém, levar em consideração que, de acordo com Libâneo (2006), a “origem social, meio cultural, etnia, níveis de escolarização, relações de gênero, condições de acesso aos bens culturais etc.” determinam também os jovens e não apenas as “características psicológicas internas” (p. 44). Ou seja, é preciso não considerar a juventude apenas de forma abstrata, mas também com suas relações sociais.

Nesse ínterim, faz-se necessário lembrar as palavras de Guimarães (1996) que, referindo-se às características da juventude, diz que não se deve pensar em juventude, mas em juventudes, uma vez que há uma diversidade de situações, agrupamentos, organizações e classes sociais, apresentando diferenças de etnias, de religião, de gêneros e de especificidades regionais.

Assim, analisando-se apenas a faixa etária, teríamos juventude num aspecto unívoco do vocábulo. Em contrapartida, estudando-se as relações sociais e as distintas atribuições sociais dos jovens, veríamos também distintas juventudes, ou, conforme, Esteves e Abramovay (2008) descrevem, “as diferentes juventudes não são, tão-somente, ‘estados de espírito’. São, isto sim, uma realidade palpável que tem sexo, idade, fases,

anseios etc., entronizada em um período de tempo cuja duração não é permanente, mas transitória e passível de modificações” (p. 5).

Como se percebe, os jovens, ou a juventude, foram vistos de diferentes modos e por diferentes métodos, definidos arbitrariamente em cada cultura e sociedade por meio de determinados rituais que definiam – e ainda definem – as passagens de cada fase da vida, de forma que, de acordo com as afirmações de Novaes (2007), “na sociedade moderna, embora haja variação dos limites de idade, a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro” (p. 7). Por esse motivo, a autora acredita que a fase da juventude é muito marcada por ambivalências. Para ela, “ser jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e, ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação” (p. 7).

Todas essas preocupações levam à identificação de formas distintas de atuação dos jovens na sociedade contemporânea. Mas necessário se faz lembrar que a juventude, atualmente, tem sido vista como a idade desejada social e culturalmente, em especial na apresentação dos meios de comunicação, como o momento de garantias de futuro longo, promissor e feliz.

Também alertamos para o que Belloni (2008) nos diz acerca da facilidade que os jovens têm de congregar as novidades do mundo, quando afirma:

(...) os jovens e as crianças incorporam fácil e rapidamente as novas tecnologias quando têm acesso a elas, simplesmente porque estão incorporando todos os elementos de seu universo de socialização: para eles tudo é novo e está no mundo para ser apreendido, apropriado, seja o conhecimento científico, os *gadgets* tecnológicos ou a violência sem limites nem perdão dos morros (BELLONI, 2008, p.1).

Dessa forma, como a juventude é vista como uma “categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, na mesma sociedade e segundo diversos efeitos globais dos fenômenos econômicos, sociais e culturais” (CAVALCANTE, 2010, p. 55), há que se pensar em como as TIC têm afetado a vida e as relações dos jovens no mundo contemporâneo, pois eles são consumidores de tecnologia e sua relação com os meios de comunicação e informação levam a alterações de comportamentos na vida social.

De acordo com Libâneo (2006), o “conjunto de conhecimentos, representações, hábitos, comportamentos, expectativas, significados, compartilhados pelos jovens, que caracterizam e orientam suas relações com outros grupos sociais” (p. 44) definem a cultura

jovem que pode, assim, compreender “traços culturais comuns do modo de pensar e de viver dos jovens de hoje, dos centros urbanos, dos bairros nobres e das periferias urbanas” (p. 44). Contudo, o autor lembra a distinção desses traços e sua manifestação conforme a situação social e cultural em que o jovem vive.

Para tanto, Libâneo (2006) apresenta alguns traços característicos do comportamento juvenil definidores de sua cultura, entre eles, a forte relação com os meios de comunicação e informação, que determinam mudanças nos comportamentos e na construção da identidade e de hábitos. Hoje, acentuadamente, a juventude tem se apropriado, de forma bastante considerável, dos meios de comunicação e informação na tecnologia digital.

É preciso buscar a compreensão de que os jovens fazem – e como fazem! – uso das tecnologias digitais em suas relações e comunicações sociais, visto que eles têm utilizado as formas de comunicação coletiva apropriando-se, também coletivamente, dessas possibilidades de comunicação e mudando sua sociabilidade e cultura.

Então, pode-se considerar a possibilidade de perceber a pluralidade dos conceitos referentes à juventude, lembrando-se de que a juventude deve ser vista na sua diversidade, e deve-se ponderar a multiplicidade de usos da tecnologia, assim como as formas de representação dos jovens.

1.2.1 Juventude e exclusão social e digital

As possibilidades de compartilhar informações por meio da tecnologia da informação e comunicação, auxiliadas pela formação de redes, garantem a difusão e inovação dos novos produtos e serviços e atingem o mercado mundial de forma nunca antes alcançado. Por outro lado, da mesma forma que essas tecnologias facilitam a geração e circulação de produtos, aproximando pessoas e instituições em grandes velocidades, aumentam-se as exigências e requerimentos para participação e, da mesma forma, a probabilidade de exclusão.

É preciso, portanto, atentar para o fato de que nem todos os jovens têm acesso facilitado ou igualitário a essa rede de comunicação e informação: a Internet. Uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre TIC (CETIC.Br) do Núcleo de

Informação e Coordenação do Ponto Br (NIC.Br)¹¹, entidade ligada ao Conselho Gestor da Internet Brasil (CGI.Br), revela que os novos meios de comunicação, como telefonia móvel e Internet, embora estejam em ascensão, continuam bastante restritos às áreas urbanas, às parcelas mais abastadas da população e aos estados do centro e do sul do Brasil (MARTINS, 2009). As áreas rurais, as parcelas mais pobres e os estados menos industrializados continuam em desvantagem em relação à posse e ao acesso às tecnologias digitais.

O elevado custo dos serviços ainda é o principal motivo da desigualdade social, no que tange às oportunidades de acesso ao computador e à Internet, além da falta de conhecimento sobre as formas de uso. De acordo com a pesquisa, a possibilidade de acessar a Internet acontece em 25% dos domicílios da região Sudeste e em cerca de 20% dos lares das regiões Sul e Centro-Oeste. Já nas regiões Norte e Nordeste, esse número não excede os 7%. Nas classes D e E¹², definidas como população menos favorecida economicamente, o acesso à Internet é possível a apenas 1% dos cidadãos, enquanto esse número é de 81% entre os brasileiros com renda de dez ou mais salários mínimos (classes B e C) e de 91% na classe A.

O que se observa é que há ainda uma disparidade gritante em relação à possibilidade de utilização dos meios digitais entre as diversas camadas sociais no Brasil. Entretanto, com a proliferação das lanhouses¹³, as camadas mais populares começaram a acessar com mais facilidade a Internet e seus recursos. A pesquisa do CETIC.Br também confirma esses dados, informando que lanhouses são frequentados por 49% dos internautas.

Uma pesquisa quantitativa realizada pela UNESCO¹⁴, em 2004, já revelava a exclusão digital dos jovens brasileiros com idades entre 15 e 29 anos, pertencentes às classes mais pobres. Segundo ela, a proficiência no uso do computador está diretamente ligada ao pertencimento a uma classe elevada. Para os mais pobres, o tipo de

¹¹ Pesquisa intitulada TIC Domicílios Brasil 2008. Disponível em: <http://www.cetic.br/usuarios/tic/2008/index.htm>.

¹² As referências para classes sociais em A, B, C, D e E, definidas pelo IBGE, levam em consideração a educação do chefe de família e a posse de uma série de utensílios domésticos, relacionando-os a um sistema de pontuação que, somados, definem a classe Socioeconômica específica.

¹³ LAN significa Local Area Network ou, traduzindo, rede local de computadores. Lanhouse, então, são centros públicos de acesso pagos ou estabelecimentos comerciais que permitem às pessoas, por meio de pagamento pelo tempo de uso, a possibilidade de poderem utilizar um computador com acesso à internet. Disponível em: http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/8/docs/projeto_lan_houe.pdf. Acesso em: 24/2/2011.

¹⁴ Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf>

estabelecimento onde mais se utiliza o computador e a Internet é a escola. É o caso de 32,4% dos jovens das classes D e E, para os quais o local privilegiado para a utilização de um computador é o ambiente escolar, assim como os locais públicos – centros comunitários, bibliotecas e terminais públicos –, diferentemente dos jovens das classes A e B.

A barreira financeira ainda é o principal obstáculo para a posse do computador e o acesso à Internet. Ou seja, a exclusão digital continua acompanhando a exclusão social no país, uma vez que, quanto maior a renda, maior a penetração do equipamento nos domicílios.

Caracterizando a exclusão, conforme Saraiva e Rocha (2010, p. 6), como “estar fora do jogo, estar sem condições de prover suas próprias necessidades e desejos”, o excluído social, de forma ampla e genérica, é aquele a quem não foi dado o direito de acesso aos bens e serviços que garantam uma vida digna. O excluído digital, nesse caso, é aquele que não tem acesso à tecnologia digital ou não tem conhecimento técnico para utilizá-la e conhecer o potencial dela com vistas à melhoria de sua qualidade de vida (SARAIVA E ROCHA, 2010). É necessário, portanto, que, além de se ter possibilidade de ingresso no mundo da tecnologia, saiba-se apropriar-se de seus recursos de tal forma que possa usufruir suas vantagens: lazer, informação e serviços governamentais, entre outros.

Nesse meio de exclusão da realidade virtual, os jovens também estão excluídos se, por questões econômicas, sociais ou culturais, não podem usufruir a realidade tecnológica ou se, por desconhecimento ou quaisquer outras barreiras, não têm contato com informações e possibilidades de conhecimentos advindos da interação virtual, quando se apropriam dos recursos digitais e o utilizam apenas para lazer.

É imperioso destacar a necessidade de se democratizar, urgentemente, o acesso à Internet, o que, porém, não significa, segundo Pinheiro (1999), apenas garantir o ingresso aos meios tecnológicos como computadores, linhas telefônicas e outros, mas também a possibilidade de utilização por todos de forma adequada, entendendo que a tecnologia deveria ser benéfica aos indivíduos, sem distinção.

Ainda segundo Pinheiro (1999), a informatização chegou sem se respeitarem as diversidades culturais e as possíveis dificuldades de se aprender a linguagem dos sistemas computadorizados. O autor lembra as máquinas de autoatendimento bancário que, embora

já façam parte do cotidiano dos cidadãos brasileiros, não são acessíveis a todos, pois oferecem dificuldades de manuseio aos letrados e, mais ainda, aos menos letrados.

Assim, é preciso compreender que a tecnologia digital, assim como Internet e todos os seus recursos, deve ser vista tendo como princípio o respeito à diversidade sociocultural e econômica dos usuários, não se limitando a uma pequena camada privilegiada nem se desprezando os menos favorecidos que, assim sendo, ficam à margem do processo de desenvolvimento tecnológico.

1.2.2 Acesso à tecnologia digital e à Internet

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁵, 31,2% dos lares brasileiros tinham microcomputadores e 23,8% tinham acesso à rede mundial de computadores – Internet – em 2008. Em apenas um ano, esse número cresceu para 35% dos domicílios investigados em todo o país possuindo computadores e 27,4% com acesso à Internet. Esses números são correspondentes à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE sobre o Acesso à Internet. Segundo a pesquisa, quem mais acessa são os mais jovens e os mais escolarizados, entretanto os números têm crescido mais intensamente entre os menos escolarizados.

De acordo com a pesquisa, o número de brasileiros de dez anos ou mais de idade que acessaram pelo menos uma vez a Internet pelo computador aumentou 75,3% de 2005 até 2008. Assim sendo, foram 56 milhões de usuários, em 2008.

Somente de 2008 a 2009, esses números cresceram em 12 milhões de pessoas, ou 21,5%. Com isso o aumento, desde 2005, quando o acesso à Internet chegava a 31,9 milhões de brasileiros, é de 112,9% em quatro anos.

Analisando-se a faixa etária, os percentuais mais elevados estão entre os mais jovens, com destaque para a abrangência de 71,1% dos brasileiros de 15 a 17 anos de idade, acessando a Internet em 2009, e 68,7% entre os que têm entre 18 e 19 anos de idade. Contudo, entre os que possuem mais de 50 anos, mesmo apresentando um percentual mais

15

Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708&id_pagina=1>.

baixo – 15,2% – obtiveram um aumento expressivo, já que representavam em 2005, 7,3% da população nessa faixa etária usando a Internet.

Outro dado interessante registrado pelas pesquisas do IBGE foi o crescimento exponencial do número de pessoas que acessam a Internet, em primeiro lugar, em sua própria casa e, em segundo, em lanhouses, diferentemente de 2005, quando o segundo lugar apontado era o local de trabalho¹⁶.

Fazendo-se uma relação dos números detectados de 2001 a 2009 pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE, observa-se que em 2001, 12,6% dos domicílios brasileiros tinham microcomputador e, em 2009, esse número chegou a 35,1%. No mesmo período, o percentual de domicílios que possuíam microcomputador com acesso à Internet subiu de 8,5% para 27,7%.

Vale ressaltar que a necessidade de acesso com o objetivo de comunicação foi citada na pesquisa do Pnad como o principal motivo para se utilizar a Internet, seguido do acesso para atividades de lazer. Esses números diferem dos de 2005, quando o acesso para fins educacionais e de aprendizado era o principal interesse, e o lazer ficava em terceiro lugar.

Entre 2005 e 2009, o percentual de pessoas que utilizaram a Internet foi maior entre os jovens: 71,1% das pessoas de 15 a 17 anos acessavam a rede em 2009; em seguida vieram as pessoas de 18 ou 19 anos, com 68,7% de acessos.

Também o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística¹⁷ (Ibope) aponta pesquisas que revelam, no quarto trimestre de 2009, 67,5 milhões de brasileiros, com idade superior a 16 anos, em contato frequente com a Internet em casa, no trabalho, na escola, em lanhouses, bibliotecas e telecentros.

Foi divulgado, ainda, pelo Ibope, que em maio de 2010 a população brasileira que acessa a subcategoria Comunidades – sejam as redes sociais, sejam os blogs, bate-papos, fóruns ou outros sites de relacionamento – chegou a representar 87% dos internautas, a maioria constituída de jovens de 16 a 25 anos.

A versatilidade e a potencialidade dos recursos da informática trazem às pessoas a ideia de que quase tudo pode (ou poderá) ser executado pelo computador, ligado

¹⁶ Faz-se necessário lembrar que as lanhouses configuram-se como a possibilidade para as classes com menor poder aquisitivo, impossibilitadas de manter em casa um computador conectado à Internet.

¹⁷ www.ibope.com.br/

(ou não) à rede mundial – a Internet. Essa generalização tem sido vista e utilizada com grande naturalidade por aqueles que vivem imersos no ciberespaço, no mundo virtual, quase sem sair de casa, constituindo um mundo diferente com novos contornos de relacionamento, trabalho, convívio e aquisição de informações e/ou aprendizagem.

Os números dessas pesquisas demonstram que tem crescido rápida e exponencialmente o número de brasileiros – principalmente entre os mais jovens – que acessam as tecnologias digitais, em especial, o computador com acesso à Internet, afinal são em torno de 70 milhões¹⁸. Contudo, é relevante lembrar que, como somos em torno de 180 milhões de brasileiros, há ainda um número grande de cidadãos que estão desconectados da tecnologia digital, ou seja, são ainda excluídos digitais.

1.3 Geração net ou nativos digitais

Como vimos, tem crescido a utilização das tecnologias digitais na vida dos brasileiros. Essa realidade tem provocado impactos na sociedade, tanto nos indivíduos como nas interações entre eles. As novas possibilidades de compartilhar informações, ampliadas pelas TIC por meio da formação de redes, propiciam a difusão e inovação dos novos produtos e serviços, atingindo um mercado global nunca antes alcançado. Por outro lado, ao mesmo tempo em que tais tecnologias possibilitam a geração de produtos, elas aproximam pessoas e instituições em velocidades cada vez maiores, uma vez que as exigências para participação nesse mundo, assim como seu potencial de exclusão, são exacerbadas¹⁹. Ao mesmo tempo em que vivemos o momento da expansão da chamada geração digital – jovens que nasceram imersos na tecnologia digital – é mister lembrar-se daqueles que ainda vivem excluídos desse mundo virtual.

O que se observa nas pesquisas acerca da relação dos jovens com as tecnologias digitais é que eles são os que mais fácil e rapidamente incorporam essas tecnologias quando têm acesso a elas. Para os adultos, pais ou avós, a tecnologia digital ajuda no

¹⁸ Vale a pena ressaltar que, segundo dados do IBGE, o acesso à internet está sendo feito também pelo celular e não apenas pelo computador, garantindo aos jovens, onde há internet sem fio, um acesso rápido e gratuito. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/internet.pdf>> Acesso em: 16/5/2011.

¹⁹ É possível observar por meio de pesquisas do IBGE (2009) e IBOPE (2009; 2010) que muitas são as dificuldades de acesso às novas tecnologias, dentre elas, a condição financeira para aquisição e manutenção desses aparelhos, o que tem distanciado uma grande parcela da sociedade da conquista dessas tecnologias.

desenvolvimento das atividades diárias no trabalho, no estudo e na vida pessoal ou profissional, em maior ou menor grau. Porém, muitas atividades ou interações ainda são feitas por outros meios, como por telefone ou pessoalmente. Contudo, para os jovens, a tecnologia tem se tornado indispensável: estudam, conversam, trocam mensagens, combinam encontros e passeios, namoram e discutem, de forma que, de acordo com Peixoto (2008), “poderia se levantar a hipótese que os jovens estão inventando uma nova cultura digital, com códigos específicos” (p. 27). Parece não conseguirem viver sem as telas de computadores, de videogames, celular e outros aparelhos. Não temem as telas, convivem e crescem com elas, por isso são chamados de *Nativos Digitais* por Marc Prensky (2001), porque “os jogos de computador, e-mail, Internet, telefones celulares e mensagens instantâneas são parte integrante de suas vidas” (p. 1).

Em 1989, Babin e Kouloumdjian já anunciavam essa mudança no comportamento juvenil quando, ao analisar os jovens diante das mudanças nas formas de comunicação com o emprego da tecnologia, afirmavam que “eles estão em outra”, ou seja, têm outras ideias, outros valores, outras necessidades, outras formas de relacionamento e de afetividade, de interação e de tomada de decisão, além de outras formas de busca de conhecimento.

Os jovens que cresceram cercados pela mídia digital e gozando os recursos tecnológicos no seu cotidiano, principalmente aqueles utilizados para comunicação interativa, são chamados por Tapscott (1999) de Geração Net ou N-Gen (*Net Generation*), exatamente pela curiosidade demonstrada diante das novidades tecnológicas e pela facilidade em utilizar esses recursos.

Tapscott (1999) entrevistou cerca de 10 mil jovens, na década de 1990, e descobriu que eles desenvolviam novas formas de pensar, trabalhar e socializar-se, uma vez que demonstravam interesse em interagir com os aparelhos eletrônicos. Segundo ele, os jovens têm maior capacidade de adequação às mudanças, tendo em vista que estão crescendo naturalmente com elas, diferentemente da geração anterior, que tenta se adaptar a essas mudanças. O autor acrescenta ainda que a juventude dos anos 2000 pode estar à frente dos adultos em muitos aspectos, inclusive com possibilidade de superar os pais em termos de conquista de informações.

Também Abreu (2006), chamando essa nova geração de “cabeças digitais”, analisou a mudança nas formas de pensar e de aprender dos jovens que, crescendo

cercados pelas tecnologias, têm invertido a hierarquia do saber, podendo decidir o quê, como e quando aprender. Os professores têm sentido essa inversão e sofrido com ela, visto que já não são os únicos mediadores do saber.

Para Veen e Vrakking (2009), esses jovens que nasceram na época do surgimento da Internet e que lidam simultaneamente com diversas tecnologias são *Homo Zappiens*, ou seja, são multitarefas²⁰, raciocinam com agilidade, convivem com as incertezas. Também Tapscott (2009), em entrevista à Folha online²¹, chama esses jovens de *Geração digital*, confirmando que “eles são ‘multitarefeiros’, [pois] realizam várias atividades ao mesmo tempo” (grifo do autor).

Veen e Vrakking (2009) argumentam que os jovens adquirem informação e a transformam em conhecimento de acordo com o que acreditam ser importante, sabendo que “não podem prever e controlar tudo” (p. 88). É notório que essa geração seja multitarefa, porquanto se observa que os jovens realizam, simultaneamente, muitas atividades utilizando o computador, principalmente quando conectados em rede: escutam músicas, “conversam” com diversos colegas por meio das redes sociais, pesquisam em vários sites e links diferentes e controlam várias janelas abertas no computador, tudo ao mesmo tempo.

Nessa geração, formada a partir do início dos 1980, incluem-se até mesmo as crianças pequenas, pois é aparente a “facilidade que elas possuem para localizar as informações na rede, elas conseguem compreender e organizar grandes quantidades de informações disponíveis nestas tecnologias” e aprendem melhor “mediante situações de desafio, atividades que propõem a descoberta ou atividades lúdicas” (MORAES, 2010, p. 30). Essa geração tem conseguido criar comunidades virtuais e atuar nelas com identidades próprias ou forjadas²²; obtém amigos virtuais de várias partes do mundo, encurtando distâncias e mudando as relações de tempo e espaço, diferentemente de seus pais e avós, e convive com esses amigos, às vezes – ou quase sempre –, sem nunca tê-los visto pessoalmente; disputa jogos eletrônicos online, assumindo disputas ferrenhas com

²⁰ Multitarefa, de acordo com os autores, são aqueles que conseguem acessar a internet com várias janelas abertas para, concomitantemente, “conversar” com os amigos pelas redes sociais, jogar, escutar músicas, pesquisar e realizar outras atividades.

²¹ Publicado em 26/5/2009 em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u494508.shtml>

²² Contudo, segundo Peixoto (2008) há pesquisas, como a de Brévort; Breda (2006), que revelam que os jovens, “apesar de suas práticas e interesse pelas mídias, (...) se revelam menos competentes do que pensam e dizem”, porque não conseguem sequer construir seu ponto de vista sobre o que usam e apresentam conhecimentos vagos e superficiais sobre as mídias.

jogadores de toda parte do planeta. Ou seja, essa geração interage com os ambientes híbridos da cibercultura, com mistura de linguagens próprias da rede digital, de forma natural, descontraída e com autodidatismo, familiaridade e facilidade de manuseio, entendendo a lógica das máquinas cerebrais (SANTAELLA, 2003), diferentemente da geração anterior, que ainda prefere a conversa ao telefone ou pessoalmente e precisa buscar ajuda para interagir com os recursos tecnológicos, em especial os mais avançados.

Anderi e Silva (2010) também descrevem essa mudança no comportamento juvenil, quando dizem que os jovens de hoje “têm em mãos certo poder de descobertas, alterações e simulações de sua própria realidade; interagem com diferentes culturas, opiniões, textos e imagens de todos os tipos, que circulam pelas suas mãos” (p.50).

Os Nativos Digitais estão se tornando autoridade em relação ao uso que fazem das tecnologias digitais, e é mister lembrar que essa geração está já chegando às universidades, ao mercado de trabalho e, de acordo com Don Tapscott, em entrevista a Folha online²³, em 26/01/2009, chegaram ao poder, com a eleição de Barack Obama à Presidência dos Estados Unidos da América. Segundo ele, os jovens constituem, hoje, autoridade em uma inovação social, pois trazem o seu conhecimento sobre a mídia, o seu poder de compra, de empreendedorismo e de atuação político, representado desafios para as instituições, como exigentes consumidores e como cidadãos que também desejam envolver-se em questões políticas.

De acordo com Tapscott (2009), normalmente o jovem da geração digital consegue mudar de tarefa mais rápido e, na Internet, encontra o que procura também de forma mais rápida. O autor acrescenta que as pesquisas nesse sentido são ainda incipientes e não conclusivas, mas que há indícios de que essa geração aparenta maior grau de maleabilidade, adaptação e habilidade para utilizar os diversos meios de informação.

No entanto, há controvérsias em relação às vantagens que, eventualmente, a tecnologia digital pode garantir a essa geração de usuários. Para o professor de inglês Buckingham (2003), é preciso que haja orientação para que a juventude cresça com postura crítica em relação ao uso dos recursos tecnológicos digitais e à comunicação em rede. Segundo o autor, apesar da “facilidade de acesso à tecnologia e a convergência crescente da mesma [que] tem permitido aos jovens um participação ativa como produtores culturais,

²³ Idem à nota 19.

as crianças estão se comportando cada vez mais como adultos, e começam a demandar privilégios de adultos” (p.19). O autor acrescenta:

Enquanto existem alguns grupos que desejam restabelecer as relações tradicionais, e retornar a uma era em que as crianças ‘eram vistas mas não ouvidas’, outros vêem essas mudanças como muito bem vindas, porque elas são uma extensão da democracia e dos direitos cidadãos da criança. Ao mesmo tempo, devemos também lembrar que as crianças realmente têm ganhado mais poder, mas não somente como cidadãos, mas também como consumidoras – e que, de fato, esses dois poderes estão se tornando impossíveis de serem separados (BUCKINGHAM, 2003, p.22).

Buckingham (2006) alega que a mídia aplicada à educação não pode ser “considerada automaticamente capaz de direcionar a criança e o jovem para uma apreciação da alta cultura, para comportamentos moralmente saudáveis, para crenças mais racionais e politizadas” (p.12). O autor acrescenta que é preciso adotar uma postura de equilíbrio entre a aversão ética e a admiração deslumbrada pela tecnologia, como se fosse a salvação para todos os problemas da educação, e não acreditar nela como o caminho certo para ensinar o jovem a apreciar o que é moral e legalmente considerado certo. Nesse sentido, segundo ele, carece-se de estudos que levem a entender o que as pessoas fazem com a mídia, uma vez que as crianças e jovens têm ganhado mais poder como cidadãos, dominando as mídias, especialmente as digitais, e também como consumidores que vivem, divertem-se e relacionam-se online. E as empresas tentam conquistá-los.

1.4 As formas de apropriação da Internet pelos jovens

Hoje, não temos mais apenas leitor, ouvinte ou telespectador das mídias, como há alguns anos. Com o advento das TIC, temos “usuários” que, segundo Cardon (2005), assumem uma “dimensão ativa, simétrica e participativa de seus envolvimento com as tecnologias” (p. 39), o que lhes possibilita comunicação e produção num intercâmbio com essas TIC. O usuário não é mais apenas consumidor ou receptor das informações, mas constitui-se verdadeiramente em “utilizador” das mídias, proporcionando importantes transformações culturais, políticas e econômicas importantes na sociedades atuais.

Para Pierre Lévy (1999), a tecnologia é instauradora da democracia. Ela não é, em si mesma, boa ou ruim, pois dependerá do uso e do contexto do uso. Por outro lado, ela não é neutra, porque potencializa a expansão de uma rede de saber. Todavia, de acordo com as possibilidades de acesso, pode ser fator de exclusão, fechando portas àqueles que não a têm – ou a quem não foi dada a possibilidade de angariar as vantagens do ciberespaço.

Para Castells (1999, p.43), “a tecnologia não determina a sociedade”, assim como a sociedade não escreve o “curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores [...] intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo” (p. 43). Contudo, segundo o autor, a tecnologia – ou a falta dela – congrega a aptidão que as sociedades têm para se transformar, assim como os usos que a sociedade deseja dar a ela. Isto é, as sociedades mudam através da tecnologia e dos usos que dá a ela, de acordo com as necessidades de evolução e/ou de interesses dos grupos dominantes e, às vezes, dos dominados.

Segundo Feenberg (2003) e Dagnino et al, (2004), há, hoje, algumas concepções relativas ao uso da tecnologia. Entre elas encontra-se a abordagem instrumental, em que se acredita no controle humano dos recursos tecnológicos e na neutralidade de valores da técnica como apenas uma ferramenta produzida pelos homens, atribuindo à tecnologia características de eficiência. Essa é uma visão típica do senso comum, que “concebe a tecnologia como uma ferramenta ou instrumento da espécie humana mediante o qual satisfazemos nossas necessidades, determinando a direção do desenvolvimento tecnológico de acordo com nossa vontade” (DAGNINO et al, 2004, p. 1).

Não se podem restringir as TIC a meros “instrumentos ou meios para a transformação das práticas, antes devem ser vistas como objetos técnicos portadores de subjetividade” (PEIXOTO, 2008, p. 49). Elas não são apenas ferramentas utilitárias para extensão dos órgãos humanos; ao contrário, carregam ideologias de quem programa e divulga suas potencialidades, o que complexifica a forma de utilização, principalmente para aqueles menos hábeis. Ou seja, para os imigrantes digitais, que não nasceram vendo e utilizando telas, o uso das TIC oferece maiores dificuldades, principalmente no seu uso pedagógico, nas escolas.

Outra abordagem que se destaca, ainda segundo Feenberg (2003), é a determinista, que ajusta a autonomia à neutralidade, acreditando que o avanço contínuo e inflexível da tecnologia leva ao desenvolvimento que move a história e que determina os modos de produção. Nessa visão, a tecnologia é considerada neutra e não pode ser controlada pelo ser humano, porém ela molda a sociedade de acordo com as necessidades de eficiência e progresso que esta estabelece, deixando os fatores humanos e sociais em segundo plano e utilizando o “avanço do conhecimento do mundo natural para servir à humanidade” (DAGNINO et al, 2004, p. 1).

Contudo, queremos mencionar a abordagem sociotécnica das mídias digitais, também mencionada por Feenberg (2003), além de Belloni (2001), Santos (2005) e Peixoto (2008). É importante lembrar que cada tecnologia tem sua linguagem característica, seu desígnio e objetivo, e, dessa forma, acaba por atuar nas mensagens, tanto na forma quanto no conteúdo. Entretanto, apontá-la como única responsável pelas mudanças do mundo pode ser radical, pois a humanidade apresenta sempre seus aspectos históricos e sociais que modelam o mundo, dando-lhe contornos diferenciados no tempo e no espaço. Ou seja, assim como os seres humanos atuam sobre as tecnologias a fim de utilizá-las de acordo com seus propósitos, a tecnologia, por sua vez, também influencia na vida social e cultural e nos costumes do ser humano.

Carvalho (2006) corrobora com esse pensamento ao dizer que a Internet não é apenas uma rede de técnicas como hardware e software. Segundo ele, “ela é uma rede sociotécnica, ou, dito de outra forma, um enredamento indissociável de ciência, tecnologia e sociedade” (p, 173).

Surge, então, a ideia de apropriação a partir da preocupação dos estudiosos das TIC com relação ao uso sociocultural das tecnologias. O empenho baseia-se em perceber como tem acontecido o processo de internalização de capacidades técnicas e cognitivas dos indivíduos e dos grupos que utilizam essas tecnologias no seu dia-a-dia com possibilidades de agir sobre elas, adaptando-as e criando novas formas para usá-las mediante suas necessidades.

A apropriação diz respeito ao modo particular de um indivíduo ou de um grupo social para utilizar as tecnologias de forma que consiga dominá-las tecnicamente, integrando-as em sua prática cotidiana.

Acerca desses usos, é importante perceber o que as pessoas são capazes de fazer quando têm acesso às TIC, através da criatividade, “da engenhosidade, do faça-você-mesmo ou da apropriação indébita” (CARDON, 2005, p. 37), quando encontram uma forma especial de caminhos. Assim determinam o melhor uso para suas finalidades específicas. Basta lembrar que, de acordo com Rosa (2010), “muitas mudanças em relação à comunicação virtual não saíram das grandes empresas, mas foram propiciadas pelos usuários” (p. 66), partiram de baixo para cima de forma ascendente como as ferramentas colaborativas, como Wifi, P2P, blogs e publicação de revistas eletrônicas. Os usuários, em especial os nativos digitais, criam sua própria lógica de utilização e inovação dos tecnológicos, buscando seus próprios caminhos a fim de construir conhecimentos e mudar relações.

Na educação, as TIC são comumente consideradas como novas ferramentas para a prática docente, como artefatos que ampliariam as possibilidades de expressão e de comunicação dos indivíduos. Tal postura pode caracterizar um equívoco, uma vez que as TIC vão além de simples ferramentas, dependendo de como são vistas e utilizadas. As tecnologias digitais podem ser utilizadas, na prática pedagógica, apenas como dilatação das mãos do docente e do estudante para fazer cópias ou digitar textos. No entanto, sua utilização no mundo social vai muito além desse uso ferramental, pois as TIC são “produtos da ação humana, historicamente construídos, expressando relações sociais das quais dependem, mas que também são influenciadas por eles” (OLIVEIRA, 2001, p. 101). Nesse sentido, as TIC são vistas como elementos socioculturais, permeados por relações de poder, de intenções e de diversos interesses.

Segundo Leontiev (1978), com a apropriação de um instrumento, o ser humano também congrega as necessidades e aptidões humanas que estão determinadas pelos seus antecedentes. Dessa forma, vê-se que, além dos aspectos físicos, os objetos carregam as atividades e experiências humanas de gerações anteriores e, ao se apropriar de um instrumento, apropria-se também do patrimônio cultural edificado pela humanidade no decorrer dos tempos. Nesse sentido, o estudante, vivendo em um mundo que está sempre sendo modificado pelos homens com sua atividade, precisa apropriar-se das ferramentas ou artefatos já criados e disponibilizados e que serão necessários para desenvolver-se no mundo. E, como esse aluno não nasce apto para realizar determinadas tarefas – utilizar a língua materna, compreender relações matemáticas, produzir obras artísticas –, cabe à

escola a socialização dessas ferramentas ou artefatos que carregam o conhecimento humano. Assim diz Leontiev (1978):

O verdadeiro problema não está, portanto, na aptidão ou inaptidão das pessoas para se tornarem senhores das aquisições da cultura humana, fazer delas aquisições da sua personalidade e dar-lhe a sua contribuição. O fundo do problema é que cada homem, cada povo tenha a possibilidade prática de tomar o caminho de um desenvolvimento que nada entrave. (p. 283)

Nesse sentido, a escola tem, em seu papel socializador, a tarefa de garantir acesso ao conhecimento científico, filosófico e artístico produzido pelos homens através dos tempos. Isso sim seria essencial para avaliar a todos os homens a possibilidade de humanização.

Dessa forma, tanto para Leontiev quanto para Vygotsky, na cultura acontece o desenvolvimento do ser humano e de sua subjetividade, pois a ação humana está dirigida para um objeto e essa atividade apresenta, por isso, sempre um caráter desse objeto. Assim, o ensino constitui-se de uma forma social de organização e apropriação da cultura material e espiritual da humanidade.

Dentre as tecnologias de hoje, as que mais têm arrebatado usuários são o computador e a Internet. É notória a potencialização que os computadores, ligados em rede mundial, têm para a formação e articulação dos conhecimentos, devido a sua capacidade de processar e armazenar informações através dos seus códigos digitais universais – *bits* –, que possibilitam a comunicação através dos hipertextos – diferentes tipos de textos com palavras, imagens, sons e links que podem levar a outros textos, imagens, sons. Ou seja, trata-se de característica bem típica da sociedade tecnológica, que demanda indivíduos que atuem com criticidade e competência sobre o ciberespaço e as possibilidades que ele pode propiciar.

Em outros tempos coube à escola a aprendizagem de informações e conceitos em forma de gradativa apresentação dos conteúdos àqueles que nela ingressavam. Hoje, com as rápidas transformações tecnológicas, temos novas formas de ensinar e aprender. O ser humano aprende de formas variadas e constantes com ritmos e dimensões diferenciadas em que sempre se deve estar preparado para aprender. As escolas também não são mais as únicas possibilidades de aquisição de informações. Onde quer se esteja, tem-se a oportunidade de adquirir conhecimentos através das tecnologias midiáticas

sem se deslocar para uma determinada instituição, pois “na atualidade, o que se desloca é a informação” (VIRILIO, 1993, p. 110).

Acredita-se que a ampliação da autonomia na utilização das TIC garantiria ao ser humano o alcance da capacidade para a organização e o planejamento do tempo e das tarefas, para o preenchimento de formulários e a aptidão para viver outras identidades no mundo virtual. Para tanto, faz-se necessário que a atuação leve o indivíduo a ser competente para que consiga apropriar-se, de forma crítica e inventiva, das possibilidades que as tecnologias podem proporcionar. E quem seria o responsável por essa garantia ao estudante? Nesse sentido, Belloni (2005) reafirma que é preciso “ver a escola como locus privilegiado de formação para cidadania e como meio de compensação das desigualdades sociais” (p.4).

Assim sendo, surgem novos e recorrentes questionamentos: “como poderá a escola contribuir para que todas as nossas crianças se tornem utilizadoras (usuárias) criativas e críticas destas novas ferramentas e não meras consumidoras compulsivas de representações novas de velhos clichês?” e “como pode a escola assegurar a inclusão de todos na sociedade do conhecimento e não contribuir para a exclusão de futuros ‘ciberanalfabetos’?” (BELLONI, 2005, p. 8).

Esses questionamentos, todavia, remontam para o tema da mediação. Se as tecnologias são produções humanas construídas na historicidade do homem, que expressa relações sociais de que depende e pelas quais é influenciado, é preciso pensar sobre como se dará a mediação entre o conhecimento e o aprendente, visto que a Internet tornou-se excelente fonte de informação. Nesse sentido, a eficiente atuação mediadora do professor é imprescindível para aproveitar toda essa informação em favor da aprendizagem de um sujeito autônomo e crítico, que deve aprender a fazer relações, leituras críticas de suas próprias relações com as tecnologias digitais, com o propósito de alcançar a formação de conceitos que o levarão a buscar relações, conexões, contradições ou conflitos entre os fenômenos socioculturais, a fim de captar sua essência, utilizando, para isso, de procedimentos lógicos e investigativos eficientes.

É preciso, ainda, utilizar essas tecnologias como um novo ambiente cognitivo, compreendendo que, no contexto digital, mudam-se as nossas formas de pensar e, portanto, de aprender e que os alunos –“cabeças digitais” – também têm uma nova forma de pensar e

de aprender. Afinal, conhecimento e informação são basilares em toda e qualquer forma de desenvolvimento.

De acordo com Toschi (2010), a escola atual apresenta-se individualista e competitiva nas tarefas propostas ao aluno, enquanto aparenta ser coletiva. Isso num mundo em que o estudante pode ser protagonista ao escolher o que acessar no “mundo das mídias digitais [que] oferece aos jovens e adultos possibilidades múltiplas e infindáveis” (p. 173). Segundo a autora, os jovens acessam a Internet, por meio do computador sem a preocupação com as determinações do professor, sentindo prazer nisso. Dessa forma, ela alega que o computador, como “meio de acesso a conteúdos, altera estes conteúdos e se torna mediação no processo de aprender” (p. 177). A autora acrescenta:

Daí se falar em dupla mediação no processo de aprender, a mediação do professor e a mediação da máquina conectada à Internet. Assim, aos professores cabem tarefas mais complexas do que a transmissão de saberes. Compete-lhes mediar neste espaço de mediação complexa (TOSCHI, 2010, p. 177).

Assim sendo, a tecnologia acaba por atuar sobre as instituições sociais e educacionais.

Entretanto, observa-se que a sociedade tem atuado sobre essas tecnologias, apropriando-se delas a fim de mudar ou crescer suas possibilidades de uso. Nesse contexto, intriga-nos saber como a educação sistematizada tem visto essa potencialidade e se aproveitado dela potencialidade para garantir aos estudantes a apropriação das mídias, considerando que a escola recebe esse aluno que têm diversas oportunidades de conhecer essas novidades tecnológicas e utilizá-las, às vezes, com grande fluência, fora do contexto escolar.

A tecnologia, portanto, interessa-nos, não quanto à técnica em si, mas a partir do uso que os indivíduos fazem dela, não apenas como aqueles que podem inventá-la ou mantê-la, mas também como grupos sociais que utilizam essa tecnologia de acordo com seus interesses e necessidades, empregando-a na sistematização de suas relações sociais, nas suas manifestações de pensamento e nas alterações de seus padrões de comportamentos. Interessa-nos, também, o poder de sedução que essa tecnologia tem exercido sobre os seres humanos, principalmente sobre os jovens.

Jenkins (2008) acredita que o uso interativo das tecnologias levará à aquisição de habilidades que podem provocar importantes implicações no modo como os

indivíduos aprendem, trabalham e participam da vida social, política, econômica e cultural, de tal forma que, segundo nosso entendimento, a educação precisará acolher os jovens e auxiliá-los na busca de soluções para quaisquer problemas surgidos na atualidade e em tempos futuros, visto que se espera dela a capacidade de propiciar ao educando situações de conflito, sensibilidade, reflexão e criticidade quanto ao contexto em que vivem e quanto às implicações do advento tecnológico em sua vida.

CAPÍTULO II

A LINGUAGEM NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

A sociedade contemporânea, mais que nunca, tem se servido das capacidades comunicativas para a transmissão de ideias por meio da linguagem, que se constitui de todo e qualquer sistema de sinais organizados para fins de comunicação e interação entre os seres humanos. É por meio dos órgãos do sentido que se percebem os diversos signos, convencionados pela sociedade para a comunicação, em que se utilizam gestos, sons, símbolos, sinais, imagens e palavras na representação de suas formas de expressão e comunicação de ideias, pensamentos ou sentimentos.

Para Bakhtin (1992), a linguagem, além de natural, é também social, pois é por meio dela que os indivíduos se organizam para a realização de suas práticas sociais. E, segundo ele, para que os indivíduos se capacitem no uso da linguagem, precisam também aprender a língua, formada pelo conjunto de símbolos que constituem o idioma de um povo.

A comunicação humana constitui-se da possibilidade de intercambiar as informações entre sujeitos envolvidos na comunicação, utilizando-se um tipo de linguagem como suporte para esse fim. Para a efetivação da comunicação, segundo Chauí (2000), a forma mais usual é por meio da palavra, falada ou escrita, que é “produzida pelo sujeito pensante que usa sons e letras com essa finalidade” (p. 179). A autora enfatiza:

O pensamento puro seria silencioso ou mudo e formaria, para manifestar-se, as palavras. Duas provas poderiam confirmar essa concepção de linguagem: o fato de que o pensamento procura e inventa palavras; e o fato de que podemos aprender outras línguas, porque o sentido de duas palavras diferentes em duas línguas diferentes é o mesmo e o tal sentido é a ideia formada pelo pensamento para representar ou indicar coisas (p. 179).

É notório observar que, para a transmissão de informações, seja por meio de palavras, seja por meio de sons, imagens, signos ou símbolos, há a presença de canais, recursos ou dispositivos digitais que medeiam essa transmissão. Entre eles, os mais

comuns no mundo contemporâneo têm sido as tecnologias de informação e comunicação, que podem congrega todas as possibilidades de linguagens – orais, escritas, visuais e sonoras – auxiliando e potencializando o processo de produção, envio e recepção das mensagens. Lévy (1999) acrescenta que a realidade atual da comunicação vai além da capacidade apenas física, pois a “interconexão constitui a humanidade em um contínuo de sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa” (p. 127).

2.1 Leitura e escrita no mundo contemporâneo

A leitura e a escrita, presentes em praticamente todas as relações sociais permeiam o mundo do trabalho e as relações comerciais e sociais da vida dos indivíduos. O que se vê, portanto, é a obrigação de se adotar uma comunicação eficiente, por meio de escritas diversas: bilhetes, convites, memorandos, avisos, cartas e e-mails, com pessoas que se encontram ausentes. Todos esses textos implicam a existência de um leitor e um escritor. A leitura e a escrita têm definido, no mundo contemporâneo, as condições básicas de existência. Com o advento das TIC – a chamada Revolução Informacional – torna-se indispensável que essas atividades, leitura e escrita, sejam proficientes.

A leitura e a escrita não se limitam à decodificação dos signos escritos nem à imposição definida pelos vocábulos inseridos nas frases. Os signos carregam significados e seus usuários também lhes acrescentam novos sentidos, proporcionando assim a constituição da linguagem, que é um sistema organizado, a fim de garantir a comunicação entre os seres humanos, ou seja, um código utilizado para interação verbal. Langendoen (1999) diz que "toda língua é um sistema com recursos suficientes para comunicar as intenções, desejos e crenças de seus falantes" (p. 235). Assim os elementos mais significativos da teoria linguística, para o autor, são os elementos de *expressão* – transporte que se utiliza com o objetivo de se comunicar algo – e os elementos de *significado* – que corresponde exatamente ao que se comunica. Ou seja, tudo o que é expresso em uma língua apresenta como seu correspondente o significado do que foi dito. E ainda segundo Langendoen (1999), todas as línguas são dotadas de um poder expressivo, o qual é viabilizado por meio da interação do *léxico* (vocábulos pertencentes à língua), da *morfologia* (estrutura, classificação e formação das palavras) e da *sintaxe* (relações

funcionais das palavras dessa língua por meio da disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, com relação lógica). Usando todos esses elementos, o leitor constrói um ou mais sentidos dentro das regras da linguagem.

No presente estudo, interessam-nos as formas de expressão e as significações ou sentidos atribuídos às expressões da língua, bem como a atuação dos novos meios tecnológicos no funcionamento da linguagem, enquanto leitura e escrita significativas na comunicação social.

Nesse sentido, convém pensar nos signos englobando não apenas os vocábulos, mas também as imagens e os sons. Conforme Santaella (1997) assim explica:

O signo representa alguma coisa, que não é ele mesmo, para alguém. Isto é, produz nesse alguém um efeito de pensamento ou quase pensamento. Este efeito já é um outro signo. Respondemos ao signo com outro signo. Somos presas dessa cadeia infinita da qual não podemos escapar. A qualquer momento, acordados ou dormindo, somos linguagem, somos pensamento. Dormindo, sonhamos e o sonho é linguagem, uma estranha espécie de pensamento. Não há linguagem sem signos, não há qualquer atividade de consciência que não seja signo (p. 65).

Dessa forma, percebemos como a linguagem está presente nas relações humanas, todavia apresentando transformações no sentido dado aos signos por meio da interpretação ou inferência que os usuários fazem – ou podem fazer – ao utilizarem a linguagem verbal oral ou escrita. Por isso, ler e escrever são atividades complexas que vão além da simples decodificação, pois envolvem pensamento, linguagem, visão de mundo e experiências sociais e culturais dos seres envolvidos na interlocução.

2.1.1 A leitura e o leitor

A leitura, segundo Mitchel (1982, apud FISCHER, 2006), configura-se na “capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos” (p. 11). Nesse sentido, é atividade de extrema complexidade, pois envolve fatores sociais, ambientais, culturais e ideológicos, além dos conhecimentos fonéticos e semânticos que o leitor deve ter.

Exatamente por isso, ler é um ato que apresenta grande variabilidade de pessoa para pessoa, de situação para situação, dependendo dos símbolos a serem decifrados, que foram voluntariamente (ou não) inscritos pelo autor.

Para alguns, a leitura pode ser ato de descoberta, atividade desafiadora ou, ainda, provocadora de prazer. Mas, ao mesmo tempo, é também atividade que garante assimilação de conhecimentos, como também de reflexão. Por meio do texto, leitor e autor interagem de acordo com interesses e afinidades, a partir de finalidades estabelecidas na convivência social.

Ler um texto escrito exige, do leitor e do autor, mais que apenas conhecimento linguístico. Koch e Elias (2006) explicam da seguinte forma:

A leitura de um texto exige mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores: o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar estratégias tanto de ordem linguística, como cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido. Desta forma, autor e leitor devem ser vistos como 'estrategistas' na interação pela linguagem (p. 6)

Leitor e autor mantêm, dessa forma, uma relação de proximidade, resultante da interação e da proposição de estratégias de entendimento para o texto escrito e lido. Por isso mesmo a leitura não pode ser encarada apenas como decodificação de signos, como uma atividade mecânica, marcada por uma atitude passiva. Freire (1985) já dizia:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (p. 11-12).

A leitura de mundo acontece antes, durante e ainda depois da leitura do texto escrito ou dos signos escritos, pois representa tudo aquilo que tem significado para o indivíduo, tudo o que o cerca, trazendo sentidos à sua vivência diária.

A leitura como decodificação de signos compreende apenas a primeira etapa para se adquirir a percepção do assunto. Depois, é necessária a interpretação, a compreensão, a partir do que emerge da “leitura de mundo”, que pode extrapolar os significados do texto, pois se relaciona ao contexto, à situação. Além disso, continua Freire

(1985), a leitura da palavra também é precedida por uma forma de escrever o mundo “ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (p. 20)

O ato de ler, então, não implica a leitura de palavra por palavra, e sim das unidades de sentido dentro do texto, pois, como já vimos em Santaella (1997), todas as atividades conscientes envolvem signos e a interpretação desses signos é que formam a linguagem. Essas unidades linguísticas – os signos – carregam, além do significado correspondente à semântica da língua, a visão de mundo e o conhecimento social que o leitor traz de sua relação com o meio em que vive. É preciso, nesse sentido, compreender que cada indivíduo pode ler de forma diferente um mesmo texto, ou seja, há leituras diferenciadas, dependendo da “bagagem” que cada leitor traz de suas relações com o mundo e de seu prévio conhecimento do tema abordado no texto lido ou a ser lido. Essas experiências vividas ao longo dos anos trazem para o ato de ler diferentes interpretações. O mesmo acontece em outras atividades humanas como cantar, dançar e trabalhar.

Assim, quando se lê, constroem-se sentidos para o que se lê, e esses sentidos, construídos a partir das experiências de mundo de cada indivíduo leitor, levam a construções diferenciadas no momento da produção discursiva. Essa consciência é que leva a variações nas formas de se conceber a noção de linguagem, segundo Traváglia (2002) e Koch e Elias (2006). Para eles, quando se muda a concepção de linguagem, muda-se também a concepção de língua, de texto e de sentido²⁴.

De acordo com Traváglia (2002), há três possibilidades de se conceber a linguagem. A primeira concepção, denominada por ele de linguagem como expressão do pensamento, é aquela segundo a qual as pessoas podem apresentar dificuldades de expressão da norma padrão da linguagem, que define o certo e o errado, porque também não têm facilidade de pensamento organizado, pois “a expressão se constrói no interior da mente, sendo a exteriorização apenas uma tradução” (p. 21). Dessa forma, seria extremamente necessário aprender as regras internas da língua para se praticar leitura e, assim, comunicar-se com eficiência. Koch e Elias (2006) chamam essa concepção de clássica, acrescentando que a língua seria a forma de representação do pensamento. O leitor teria, assim, papel totalmente passivo diante da leitura, que seria o ato de captar as

²⁴ Luiz Carlos Traváglia e Ingedore G. Villaça Koch também fazem referências ao fato de tais concepções afetarem as estratégias de ensino.

ideias do autor sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor enquanto indivíduo social. O ensino tradicional de língua baseia-se nesses construtos.

A segunda concepção de linguagem, para Traváglia (2002), é aquela que vê a linguagem como instrumento de comunicação. Assim, a língua seria apenas “um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, uma informação de um emissor a um receptor” (p. 22). A língua, nesse caso, seria apenas um código a ser decodificado pelo receptor. Nessa perspectiva, segundo Koch e Elias (2006), que a denominam de língua como produto da codificação, a leitura seria o ato de decodificação daquilo que foi lido, que exigiria do leitor apenas a atenção na linearidade do texto e no sentido das palavras, permanecendo passivo diante do que foi dito. Nessa ideia, está apoiado o ensino de língua baseado na teoria da comunicação: quem escreve (ou fala) o faz para alguém específico que deverá ler (ou ouvir) e entender.

A terceira concepção, para Traváglia (2002), vê a linguagem como forma ou processo de interação. Para ele, o indivíduo faz uso da língua para, além de traduzir e externar pensamentos e transmitir informações ao outro, “realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)” (p. 23). Nessa visão, a linguagem torna-se “um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico” (p. 23). Nessa perspectiva, os sujeitos que falam/escrevem ou ouvem/leem ocupam lugares sociais e se posicionam de acordo com esses lugares estabelecidos pela sociedade para eles. Essa noção confirma a ideia de Bakhtin (1992) sobre a importância da interação verbal para garantir a realidade fundamental da linguagem a partir do fenômeno social. Segundo ele, a “experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro” (p. 314). Os sujeitos, para Bakhtin (1992), são indivíduos que vivem em constante relação, organizados socialmente e atuando em suas diversas possibilidades de relações na vida social.

Koch e Elias (2006), concordando com Bakhtin (1992) e preocupando-se com a leitura, dão a essa concepção o nome de dialógica ou interacional, exatamente porque os leitores são ativos construtores da significação do texto lido, descobrindo os implícitos a partir do seu contexto sociocognitivo. O texto, também na visão deles, é mesmo um lugar de interação entre sujeitos sociais, que o constroem a partir das ideias que

o autor produziu e dos conhecimentos do leitor para completar essas ideias, adaptá-las e mudá-las, concordando com elas ou não, já que, segundo Bakhtin (1992), “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz”. (p. 290).

Contudo, para Leffa e Lopes (1994), “os diversos conceitos de leitura existentes atualmente podem ser agrupados em duas grandes concepções: leitura como decodificação e leitura como construção de significado” (p. 113). Para eles, a acepção de leitura como decodificação é definida apenas como “transposição do código oral para o código escrito” (idem). Nesse sentido, os autores consideram que a alfabetização termina nesse ponto em que o leitor consegue transportar a linguagem do código escrito para o código oral, demonstrando que é alfabetizado. A partir daí, segundo os autores, não mais será considerada a leitura “no sentido rigoroso da palavra [...] mas já pertence a outras áreas do conhecimento” (p. 114). Eles asseveram que a compreensão ou a construção de significado não mais são decodificação, por isso vão além de apenas leitura e acrescentam o seguinte:

A principal consequência de se incluir a construção do significado na concepção de leitura é de que essa inclusão amplia a abrangência do termo, que não se encerra mais com a alfabetização; o processo de desenvolvimento da leitura tem, nessa perspectiva, um longo caminho a percorrer depois da alfabetização, até chegar ao nível de proficiência do leitor fluente (LEFFA; LOPES, 1994, p. 114).

Nesse sentido, as duas concepções de leitura se complementam no desenvolvimento do ato de ler, na medida em que há apropriação ou experimentação de leituras diversas e com nível de aprofundamento, que leva à construção e extração de sentidos, em substituição ao conceito de decodificação. Sobre isso, Leffa e Lopes (1994) acrescentam o seguinte:

(...) o aluno alfabetizado vai ampliando sua percepção do processo da leitura. O que no início é visto como uma simples decodificação, baseada na transposição do código oral para o código escrito, passa a ser visto como uma representação da realidade e até como um instrumento de interação entre o leitor e o autor (p. 138)

Também acerca da linguagem e da cultura e de suas apropriações, resta-nos alertar para o fato de que as atividades de leitura têm como consequência a reprodução, pelo indivíduo, de todo comportamento humano em relação a suas aptidões e

procedimentos que foram construídos durante toda a história do homem no decorrer do tempo. Por isso mesmo, Davydov (2002) diz que a criança passa a dominar a linguagem, enquanto comunicação verbal, a partir das bases construídas pelos adultos. Vygotsky (1998) também alerta para essa ideia ao declarar que a criança, com a mediação de alguém mais experiente, como um adulto, pode chegar ao conhecimento científico, assim como a apropriação de leituras com proficiência e que pode levar à construção e extração de sentidos.

2.1.2 Breve história da leitura

Segundo Fischer (2006), a leitura tem origem antiga e de difícil determinação. Ela se iniciou de forma superficial na observação, na gesticulação e no reconhecimento de fisionomia por meio de contatos visuais. Ou seja, leitura de olhares e compreensão que, a partir daí, promove a comunicação. Para o autor, havia, no início da civilização humana, dois tipos de leitura: “a leitura literal ou mediata (aprendizado) e a leitura visual ou imediata (fluyente)” (p.13). Conforme o autor, no processo de aprendizagem, “depois da leitura literal ou mediata, a maioria dos iniciantes passa para a leitura imediata, atribuindo sentido diretamente ao sinal” (p. 13) e, com o tempo, atinge um grupo de sinais (frases e períodos)²⁵.

Conforme alegação de Fischer (2006), a arte rupestre, produzida por tribos primitivas, em forma de imagens em cascas de árvores ou em couro, são definidas como leitura e escrita. Outras formas de leitura são as mensagens enviadas por fumaça, fogo, bandeiras, reflexos em materiais polidos, todos com códigos pré-definidos. Contudo, o autor alega que essas formas de comunicação são consideradas completas em seu significado apenas na leitura, uma vez que elas surgem de uma escrita incompleta e dependem do leitor para a completude do seu significado.

Na Antiguidade, os textos eram escritos para serem declamados em alta voz. Mas, segundo Chartier (1999), a leitura de um livro, naquela época, em nada se assemelhava à leitura de livros como os conhecemos, pois se lia um “livro em rolo, uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que o leitor [devia] segurar com as duas mãos para

²⁵ Contudo Fischer (2006) alerta para a dificuldade de se ajustar ao passado o que se pode caracterizar de leitura, pois, segundo o autor, quanto mais se retrocede no tempo mais difícil é a definição do que era a leitura.

poder desenrolá-la” (p. 25). Dessa forma, não era possível ler e escrever ao mesmo tempo. Os escritos deveriam ser expressos em alta voz, para que algum ajudante anotasse à parte. Assim, por exemplo, na Mesopotâmia, com a escrita cuneiforme, e no Egito, com os hieróglifos, a leitura de pequenos textos escritos em tabuletas de pedra, madeira ou couro era privilégio dos escribas e de pequena parte dos nobres. Somente com o desenvolvimento da escrita, a leitura tende a se aproximar do que hoje conhecemos.

Segundo Fischer (2006), a religião teve um papel predominante na evolução da leitura e da escrita, uma vez que os padres-escribas foram os primeiros leitores da sociedade, buscando, também com a escrita, a proteção e transmissão dos ensinamentos sagrados²⁶.

Santaella (2004) declara que até o séc. XII o clero detinha “o monopólio da cultura livresca e da produção de livros” (p 20). Na Idade Média, a leitura era submetida às normas de comportamento, com as exigências de silêncio, e aos limites morais que estabeleciam lugares próprios para sua prática, distintos dos espaços destinados aos divertimentos mundanos como beber, conversar ou jogar (CHARTIER, 1999). Contudo, foi a invenção da imprensa que acelerou e facilitou a difusão e industrialização do livro e também das formas e lugares de se praticarem leituras que, nesse momento, puderam ser exercitadas com mais liberdade e com permissão de “práticas de leituras mais desordenadas, menos controladas” (p. 79).

Santaella (2004), a partir de uma contextualização histórica, caracteriza três tipos de leitores – hoje existentes simultaneamente – que se formaram ao longo do tempo. O *leitor contemplativo* é aquele que apresenta uma relação íntima com a leitura, envolvendo-se numa concentração de visão, percepção, inferência, julgamento, memória e reconhecimento, numa tentativa disciplinada de construir um ou mais sentidos durante a contemplação ou meditação nessa leitura típica de livros ou quadros que, devido a sua imobilidade, permite ver e rever. O segundo tipo é o *leitor movente ou fragmentado* que, mediado pelas transformações econômicas ocorridas no século XX com o surgimento do telégrafo, do telefone e dos jornais, lê a publicidade com suas setas, diagramas, sinais, formas, volumes, massas, movimentos, direções, cores e luzes, enfim, tudo que se move,

²⁶ Em algumas sociedades, principalmente a islâmica, a religião ainda é o mais forte aliado a leitura, pois há o interesse nas práticas de leitura religiosa com valorização dos espaços de estudos dos textos sagrados (FISCHER, 2006).

numa leitura cinematográfica de estímulos efêmeros, transitando entre as linguagens formadas por objetos, signos, imagens, ruídos, sons e movimentos. E, finalmente, o *leitor imersivo ou virtual* que, devido à Revolução Informacional, é mais livre, porém está em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico da comunicação informática como um extensivo do corpo, com decodificação rápida de sinais e rotas hipertextuais. Esse leitor imersivo se configura a partir da utilização dos recursos tecnológicos que, ligados em rede, garantem a potencialização das comunicações automatizadas.

2.1.2 A escrita e o escritor

A linguagem é vista, de modo inespecífico, como a principal forma e o mais importante meio de se constituir, transmitir, desenvolver e aprender em uma sociedade. Toda linguagem é produzida por um indivíduo em um situação ou contexto específico de produção de comunicação. E, como forma de grande relevância para essa comunicação, tem-se a linguagem escrita.

A escrita consiste em grafar, em um suporte qualquer, os símbolos que representam uma ideia ou acontecimento significativo para uma determinada sociedade. É, portanto, uma tecnologia de comunicação formada ao longo do tempo pelas sociedades humanas.

A invenção da escrita propiciou aos homens a vantagem de não depender apenas da tradição oral, por meio da qual o conhecimento de determinada sociedade era transmitido entre as gerações. A escrita liberta a mente do esforço para tudo recordar, marcando a passagem de cultura e sociedade oral para cultura e sociedade da escrita. Segundo Toschi e Anderi (2010), a escrita teve como objetivo primeiro, além da transmissão oral, a conservação do texto. As autoras, ao falarem dos suportes da escrita, alegam o seguinte:

(...) os processos de fixação da escrita vão se transformando ao longo do tempo e caminharam na direção da facilitação, pois saíram de uma tabuleta de argila para o papiro, para os rolos de pergaminho, para o livro, o disquete, os CD-Roms e o pendrive, os três últimos na tela do computador (p. 18).

A preocupação em se garantir a transmissão do conhecimento por meio da escrita, “é algo tão importante na história que, para alguns, só existe história quando existe escrita...” (NEVES, 2003, p. 108). No entanto, mais que transcrição, registro de sinais grafados em qualquer suporte, a escrita é uma conquista da humanidade, um grande avanço para todas as formas de comunicação.

Normalmente a função central da escrita é registrar informações ao longo da história. Entretanto, é relevante lembrar que ao registrar informações, ela garante também a propagação dessas informações e, dessa forma, possibilita a construção de conhecimentos e o acesso ao patrimônio cultural da humanidade, presente nos textos escritos. Ela representa a memória, o pensamento – consensual ou divergente –, a multiplicidade de ideias.

Com o avanço das TIC e com a utilização de diversos suportes para a escrita, observa-se a possibilidade de registro de linguagens diversificadas, como a visual, a auditiva, a gestual e a imagética, bem como de aprimoramento de formas coletivas de construção de textos, principalmente na Internet²⁷.

2.2.4 Breve história da escrita

A linguagem básica do ser humano é a oralidade, uma vez que a sociedade formou-se, no primeiro momento, a partir do discurso oral e, só mais tarde, tornou-se letrada, assim mesmo, não totalmente, segundo Freitas (2002), “pois esse processo aconteceu de forma e em épocas diferentes para os diversos grupos humanos” (p. 21). A escrita, enquanto nova tecnologia, chegou provocando mudanças “nas vidas e nos discursos das pessoas, alterando seus modos de pensamento” (p. 21), uma vez que, nessa forma de escrita, não mais se tem o som que poderia ser gravado na mente. Além disso, para uma cultura essencialmente oral, “aprender significa uma identificação íntima, empática com o conhecido, enquanto a escrita separa o conhecedor do conhecido, estabelecendo condições de distanciamento, de objetividade” (FREITAS, 2000)

A pré-história sempre foi definida pelos historiadores como o período anterior ao aparecimento da escrita, o que deve ter ocorrido por volta de 4000 a.C, quando os

²⁷ É importante lembrar que a linguagem midiática baseia-se principalmente na escrita.

sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme e os egípcios, a escrita hieroglífica, para registros cotidianos, administrativos, econômicos e políticos da época.

Os sumérios utilizavam o barro para fazer tabletes com aparência de uma almofada e nelas escreviam. Com o tempo, outras fontes, como madeira, metal, pedras e peles de animais foram aproveitadas para a escrita, até a descoberta do papiro pelos egípcios, o que, depois, proporcionou a formação do papel.

Segundo Souza Filho e Cunha (2009), para “melhor representar a escrita, cada nação criava os seus próprios símbolos gráficos e os seus próprios usos para representarem suas línguas, dessa maneira, surgem sistemas variados de escrita”. Os sistemas de escrita tiveram seu início com desenhos de objetos que representavam palavras. Mais tarde, porém, segundo os autores, “diante das necessidades de representação gráfica humanas, os sistemas de escrita começaram a representar os sons das palavras e não mais as ideias” (s/p).

Cagliari (2004) caracteriza a história da escrita em três fases distintas: a *pictórica*, expressa por desenhos ou pictogramas; a *ideográfica*, representada através de desenhos especiais chamados ideogramas; e a *alfabética*, com o uso das letras, que também assumem a função fonográfica, além de possibilitarem uma maior combinação, utilizando-se um menor número de símbolos. Ao longo dos séculos, a escrita alfabética sofreu alterações, formando o sistema greco-romano e, mais tarde, nosso alfabeto.

Contudo, no início – e infelizmente até hoje – a escrita não era disponível para todos. Somente a elite tinha acesso às formas letradas da língua. Também no Brasil-Colônia, a escrita, assim como a leitura, era privilégio de alguns, ou seja, apenas “aos portugueses que aqui aportaram, aos senhores de engenho e a seus filhos, ou às pessoas ligadas administração da colônia; aos jesuítas e ao clero” (s/p). Sobre essa situação, Sousa Filho e Cunha (2009), acrescentam:

[Além disso] havia pouco material de leitura e escrita naquela época e ainda esse material era destinado a poucos que gozavam de uma excelente posição social, como os portugueses que aqui chegavam e os seus parentes, aos escravos e aos empregados não lhes eram garantidos o direito de ler e escrever. (s/p).

No entanto, a imprensa, possibilitada pela invenção de Gutenberg, foi analisada, segundo Freitas (2002), “como um fenômeno que reforçou e transformou os

efeitos da escrita sobre o pensamento e a expressão”. De acordo com a autora, quando se inventou a “técnica de impressão de caracteres alfabéticos tipográficos, no século XV, evidenciou, mais fortemente do que a escrita, que as palavras são coisas, pois são compostas com tipos de metal nos quais as letras são gravadas” (p. 21). Para ela, a escrita apresentava como objetivo a reconstituição da linguagem verbal no espaço da visão, a impressão do verbal tipográfico instalou-se definitivamente nesse espaço visual, alterando-se a forma do texto e também sua organização e apresentação, visto que “surgiram os índices, as páginas de rosto, a distribuição em linhas e parágrafos” (FREITAS, 2000, p. 21).

2.2 Leitura, escrita e comunicação

A leitura e a escrita são consideradas duas faces de uma moeda, uma vez estão intimamente relacionadas. São atividades sociocomunicativas que, coincidentemente, exigem do sujeito compreender e fazer-se compreender. Por meio da leitura e da escrita podemos ingressar no mundo do outro e fazê-lo ingressar no nosso mundo. São formas mais consistentes de trocas de conhecimentos, culturas, ideologias, capazes de se garantir interação, afiançadas pelas possibilidades de expressão e comunicação.

Embora essas atividades – leitura e escrita – estejam intimamente ligadas, também são, ao mesmo tempo, antítese uma da outra, como dois lados de uma mesma moeda que se completam na formação de um todo. Segundo Gadotti (*apud* VARGAS, 2000), “ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro”. Contudo, para o autor, é preciso “ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. (...) Não basta ler a realidade. É preciso escrevê-la”. (p. 14)

A história humana foi, inicialmente, transmitida por meio da oralidade, de forma que o narrador relatava e os ouvintes, ao ouvirem, participavam do mesmo contexto comunicacional. Chartier (2002) alega que, com a morte dos mais velhos, muito de sua memória se perdia, pois o saber e a inteligência estavam ligados à memória auditiva. Segundo ele, os mitos transmitidos de uma a outra geração eram formas de salvaguardar crenças e valores de um povo. Com a chegada da escrita, as relações do indivíduo com a memória social também mudou, pois surgia a possibilidade de se projetar em crenças,

valores e pensamentos para o futuro por meio da escrita, que deu à memória um papel relativo, “como se fosse um auxiliar cognitivo situado fora do sujeito. Ela torna presente e atemporal a palavra dos líderes, suas realizações, suas leis” (p. 1), ao mesmo tempo em que traz o sentido de linearidade com a preservação de documentos, registros, datas e arquivos gravados cronologicamente. Para Ramal (2000), “ao fazer isso, [o homem] pôde analisar o próprio conhecimento das coisas e do mundo, e fazê-lo chegar até os homens de outras culturas e outros tempos” (p. 1). Assim, a autora esclarece a alteração do saber com a subjetividade, dizendo que “o saber que era condicionado pela subjetividade se tornou objetivo e possível de se distanciar; a experiência pôde ser compartilhada sem que autor e leitor necessariamente participassem do mesmo contexto”. (p. 1)

Por conseguinte, a oralidade que apresentava uma lógica justaposta cede o lugar à lógica do encadeamento, porquanto a obra escrita assume uma autoridade sem a presença do autor. E essa obra, mesmo distante, “permite o registro das experiências e das hipóteses, o conhecimento especulativo, o documentário de comprovações, a compilação de teorias e paradigmas” (p. 2).

2.2.1 A comunicação e o signo comunicativo

A comunicação, segundo Fidalgo (1999), acontece por meio de sinais e isso é o bastante para levar o homem à preocupação “sobre o que são, que tipos de sinais existem, como funcionam, que assinalam, com que significado, como significam, de que modo são utilizados” (p 13). Para o autor, a comunicação é vista a partir de duas grandes correntes de estudo. Uma dessas correntes pensa a comunicação de forma simples e linear, como fonte que transmite uma informação por meio de um canal, que a leva a um receptor ou destinatário. A segunda vê a comunicação como produção e troca de sentidos e, por isso mesmo, a comunicação carrega consigo, além de possíveis problemas técnicos, as dificuldades de significação e sentido, afetando a conduta do destinatário. Assim, observa-se que a comunicação, nessa perspectiva, é vista como interação que provoca sentidos de acordo com as intenções de transmissão do emissor e o entendimento, por meio da vivência e experiência do receptor.

Diante dessa constatação e com interesse em aprofundar as ideias acerca da comunicação, faz-se necessário entender o que é signo. Para tanto, valemo-nos das ideias

de alguns autores ligados à semiótica²⁸. É preciso entender que a língua compõe-se de um sistema complexo de signos e que está presente em todas as atividades humanas. Para Eco (1991), signo é “tudo quanto possa ser assumido como um substituto significante de outra coisa qualquer (...). Há, pois, signo toda vez em que um grupo humano decide usar algo como veículo de outra coisa” (p. 4-5). Essa ideia vai ao encontro do que pensa o chamado Pai da Linguística Moderna, Ferdinand de Saussure (2001), em seu clássico *Cours de Linguistique Générale*, em que diz que a língua é o mais importante dos sistemas de signos. Saussure considera o signo como o mais complexo e o mais utilizado dentre os titulados sistemas de expressões sígnicas, mesmo ao considerar a língua como apenas uma parte do universo semiológico. Para ele, o signo linguístico é a união do conceito (ou *ideia*) com a imagem acústica. O *conceito* é a aparência de um objeto que produzimos na mente ou que pertence à realidade social onde nos situamos e que é formada pela nossa concepção sociocultural. Ou seja, o signo permeia nossa existência, enquanto seres humanos, desde que nascemos, pois está presente em nossa sociedade e em nossa cultura.

Saussure (2001) acrescenta ainda que o signo linguístico é composto por dois elementos: o significado e o significante. O significado, também chamado de conceito, é a própria palavra equivalente em qualquer idioma, ao passo que o significante, também chamado de forma linguística na sua realização fonética ou gráfica, é a peça fônica, a imagem acústica de um som munido de significação.

O autor também esclarece que o signo linguístico é uma entidade arbitrária porque não pretende assemelhar-se ao seu referente. Distintas línguas atribuem diversos significantes a um mesmo significado. Isso quer dizer que não há um laço natural entre o significante e o significado. A associação entre os dois elementos é determinada pelos usuários coletivamente, uma vez que aquilo que une as duas faces do signo apresenta uma natureza convencional, um hábito. Dessa forma, Saussure (2001) marca a diferença de um signo para um símbolo, porque o símbolo apresenta uma relação com o objeto representado, enquanto o signo não apresenta essa relação, porque é arbitrário.

Santaella (1983) vê o signo como “uma coisa que representa outra coisa: seu objeto [...]. O signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto ele só pode

²⁸ Segundo Santaella (1983), semiótica é a ciência que estuda e analisa toda e qualquer linguagem. Ou seja, é o estudo dos signos, as representações das coisas do mundo que estão em nossa mente. A semiótica ajuda a entender como as pessoas interpretam mensagens, interagem como objetos, pensam e se emocionam.

representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade” (p. 58) ou, nas palavras de Fidalgo (1999), “signo continua a ser tudo aquilo que significa [...] capaz de apresentar uma outra realidade distinta de si ao intelecto, estando o signo numa relação de substituição com a coisa significada” (p. 27).

De acordo com Peirce (2005), considerado o fundador da semiótica contemporânea, o signo, ou *representamen*, é qualquer coisa que esteja em qualquer relação com outra coisa, ou seja, um signo é aquilo que de alguma forma representa algo para alguém, criando na mente desse alguém algo equivalente. Assim, Peirce identifica três tipos de signos: o *ícone*, o *índice* e o *símbolo*. O *ícone*, para o autor, caracteriza-se pela ligação afetiva entre o signo e o objeto que ele representa; o *índice* corresponde à reprodução de uma herança cultural ou de uma experiência pessoal alcançada durante a vida, e que faz com que se compreenda um sinal associado a essa experiência ou conhecimento antigo, como, por exemplo, quando se vê fumaça, e deduz-se, por meio das experiências dos antepassados, que há uma possibilidade de fogo. O *símbolo*, por sua vez, representa a associação também arbitrária, entre o signo e o objeto que ele está representando.

Em relação aos estudos da lingüística do texto, aparece Bakhtin (2002), que diz que signo é um elemento de caráter ideológico, chegando mesmo a assegurar que todo signo é naturalmente ideológico, quando afirma que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, [...], tudo que é ideológico é signo. Sem signos não existe ideologia”. (p. 31).

Dessa forma, podemos considerar a linguagem, não como um simples meio para comunicação e expressão de nossas ideias e experiências, mas como meio fundamental para o próprio processo de articulação do pensamento, que tem como mediação o signo. Esse signo envolve classificação e indicação dos objetos e percepções de nossos mundos exterior e interior.

Sobre os signos, é importante salientar a importância de Vygotsky (1998) que alerta para o fato de que a linguagem humana, nascida da necessidade de interação, é um sistema mediador para transmissão racional e intencional de experiências e de pensamentos a outrem. Contudo, é necessário entender que o significado de um signo, considerando-se a própria palavra, está relacionado à generalização, isto é, a um conceito assumido pelo falante, que vai se evoluindo à medida que se desenvolve intelectualmente, formando-se

novas generalizações até se atingir a possibilidade de formar conceitos. Sobre tal questão, Vygotsky (1998) diz o seguinte:

Em qualquer idade, um conceito expresso por uma palavra representa um ato de generalização. Mas os significados das palavras evoluem. Quando uma palavra nova é aprendida pela criança, o seu desenvolvimento mal começou: a palavra é primeiramente uma generalização do tipo mais primitivo; à medida que o intelecto da criança se desenvolve, é substituído por generalizações de um tipo cada vez mais elevado – processo este que acaba por levar à formação dos verdadeiros conceitos (p. 104).

A partir daí, os indivíduos passam a pensar por generalizações, pois já assumiram a significação do signo ou da palavra. (VYGOTSKY, 1998). Nesse sentido, é conveniente entender que, para o autor, “as palavras desempenham um papel central, não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana” (VYGOTSKY, 1998, p. 190), porque cada palavra não se refere a um objeto isolado, mas ao grupo ou à classe de objetos. Por isso a palavra não se encontra isolada, mas em conjunto, constituindo em si mesma uma generalização e garantindo a comunicação. Nesse sentido, Vygotsky, (1998) afirma:

A formação dos conceitos é resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e o canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos (p. 73).

Por isso o autor considera como funções básicas da linguagem a comunicação e a generalização. Logo, formar conceitos – procedimento mental numa lógica que une a aparência à essência do objeto – é formar generalizações possíveis de serem aplicadas em casos particulares, lembrando que o conceito, de acordo com Vygotsky (1998), é um procedimento mental lógico, pois se refere a ferramentas para lidar com os objetos por meio do pensar, atingindo-se o conhecimento teórico num nível mais elevado de abstração, em que se consegue pensar no objeto, mesmo em sua ausência.

Assim, para Vygotsky (1998), a “função primordial da linguagem é a comunicação, intercâmbio social” (p. 6). Mas, antes de tudo, a linguagem como forma de comunicação social combina a função de comunicação e a função de pensamento, pois a

comunicação baseada na “transmissão racional, intencional de experiência e de pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade do intercâmbio durante o trabalho” (VYGOTSKY, 1998, p 7).

Dessa forma, o “desenvolvimento dos conceitos, dos significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar” (VYGOTSKY, 1998, p. 104) e, “se a consciência significa generalização, a generalização, por sua vez, significa a formação de um conceito supra-ordenado que inclui o conceito dado como seu caso específico” (p. 116), numa constante generalização das generalizações do período anterior. Assim, as funções psicológicas superiores são constituídas pelo significado que a atividade das crianças adquire dentro do sistema social, com a mediação de outras pessoas. Essas funções podem ser compreendidas por meio da internalização das atividades sociais com o auxílio da linguagem, ou seja, as funções mentais superiores são relações sociais internalizadas, formadas socialmente e transmitidas culturalmente.

É necessário enfatizar ainda que, para o autor, as funções psicológicas superiores são compostas a partir da introdução de um estímulo que funciona como mediador, sendo a linguagem uma dessas ferramentas psicológicas desencadeadoras das funções superiores.

Sobre essas funções superiores, Vygotsky (1998) defende que tudo que é interno às funções mentais superiores foi uma vez externo. Ou seja, qualquer função mental superior assume, em um estágio primário, uma posição externa em seu desenvolvimento, visto que é uma função social antes de se tornar internalizada. Daí, a grande preocupação com a interação social – trocas que relacionam o sujeito com o outro, com o objeto e com o social – e com as funções mentais superiores, pois o meio social tem como papel principal a formação dessas funções psicológicas. Assim, o que se pode dizer é que, para o autor, o conhecimento parte de uma orientação do processo cognitivo de fora para dentro.

Igualmente, resta-nos lembrar que na comunicação hipermediática, há o uso de formas variadas e distintas de signos e símbolos que, entremeados com as palavras da língua, acabam por enriquecerem e, para outros, deturpam a convencionalidade dos signos. Pois é possível dizer que signo configura-se em todo e qualquer objeto, som ou palavra que tem a capacidade de representar uma outra coisa, sempre portando um sentido

e carregando as significações ideológicas da classe social e cultural a que pertence o falante da língua em questão. Os signos são, portanto, instrumentos de comunicação e representação, uma vez que permitem a configuração da realidade por meio da língua e o abalçamento dos objetos que permeiam a existência humana.

Toda essa reflexão leva-nos a uma inquietação acerca das diversas condições e situações de comunicação, já que esta é inerente à vida social e pessoal do ser humano, pois, conforme Bordenave (2005), a abundância de atos de comunicação é extraordinária, uma vez que pode começar por um simples "bom-dia" ao amanhecer, passando pela leitura do jornal, das cores, números e sons que permeiam nossa vida até as conversas ao telefone ou pessoalmente com qualquer pessoa que cruze nosso caminho, confundindo-se, assim, a comunicação com a própria vida.

A comunicação, como “necessidade básica da pessoa humana, do homem social” (BORDENAVE, 2005, p. 19), hoje mais que nunca tem sido pensada. Ela teve seu início quando os homens começaram a se comunicar com gritos ou grunhidos ou por gestos, ou ainda por combinação deles e entre eles, associando um som ou gesto a um objeto ou ação, nascendo, assim, o signo e suas possibilidades de combinação, que formam os códigos, para a formação de frases, período, discursos.

Contudo, faz-se indispensável lembrar novamente que a comunicação é realizada na interação entre leitor e autor por meio do texto, e que esses sujeitos da comunicação estão inseridos em um determinado momento sócio-histórico que define a linguagem e o sentido de qualquer forma de comunicação.

2.2.2 Práticas de leitura, escrita e comunicação na sociedade e na escola

Compreendemos que várias atividades humanas apresentam dificuldades para se definirem, e com relação à leitura e a escrita não é diferente. Contudo o que se pode dizer, em princípio, sobre a leitura, é que ler representa um “conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo continuum”, de acordo com Soares (2000, p. 48).

No entanto, para se falar em leitura é necessário, antes de tudo, compreender como podem ser vistos a leitura e o leitor, lembrando que tem sido constante a

preocupação de educadores e pesquisadores com as práticas de leitura em sala de aula, visto que não têm despertado suficiente motivação e interesse por parte dos alunos.

Partindo da percepção de que o aluno, ao ler, interage com o texto e produz significados conforme sua bagagem sociocultural, conclui-se que a leitura também pode transformar essa bagagem sociocultural, modificando-a. Além disso, considerando que os alunos provêm de meios sociais diferentes e, portanto, possuem diferentes conhecimentos prévios, percebe-se que o significado construído para um mesmo texto terá variações de um aluno para outro e até mesmo entre a turma e o professor.

Diante disso, é imprescindível pensar sobre o papel do ensino institucionalizado nessa interação que leva à internalização ou à generalização a partir da formação de conceitos. Nesse sentido, Vygotsky (1998) distingue os conhecimentos cotidianos ou espontâneos dos conhecimentos científicos. Segundo ele, os conhecimentos cotidianos ou espontâneos são estabelecidos na observação, manipulação e vivência direta daquele que aprende com o objeto a ser conhecido. A partir dessas atividades, pode-se generalizar um objeto de tal forma a não mais confundi-los com outros objetos.

O conhecimento científico, por sua vez, está relacionado aos acontecimentos não ligados de forma direta à observação ou à ação imediata daquele que aprende. Esse tipo de conhecimento é alcançado nas relações interativas propiciadas pela sistematização de ensino. Assim, um conceito tornar-se-á mais complexo e abstrato, não abrangendo apenas a distinção entre os seres, mas também o conhecimento mais abrangente de um mesmo ser. Assim, para avigorar essa ideia, vale citar as palavras de Vygotsky (1998):

A generalização é um ato verbal de pensamento e reflete a realidade de um modo bem diverso daquele da sensação e da percepção. Esta diferença está implícita na proposição segundo a qual há um salto dialético não apenas entre a total ausência de consciência (na matéria inanimada) e a sensação, mas também entre a sensação e o pensamento (p. 6).

É imperioso que o professor, em sua atividade docente, perceba a importância de se oferecer ao aluno a oportunidade de alcançar o conhecimento científico, consoante a seu estado de maturidade e de familiaridade com o objeto a ser conhecido, pois, para Vygotsky (1998), “quando o currículo fornece o material necessário, o desenvolvimento dos conceitos científicos ultrapassa o desenvolvimento dos conceitos espontâneos” (p.

132), desde que haja formação de conceitos com a colaboração de alguém mais experiente, nesse caso, o professor.

Além disso, um conceito pode ser comparado a outro num constante processo de aprendizagem em que o aprendente buscará sempre a relação entre os conhecimentos, garantindo, dessa forma, a generalização a partir da internalização e, com isso, a formação de conceitos. Também é por meio dessa relação entre os conhecimentos ou conceitos que o indivíduo chega ao desenvolvimento de processos psicológicos superiores, podendo passar do plano natural para o plano cultural. Ou seja, a partir da aprendizagem sistematizada, o ser humano tem condições de formular conhecimentos científicos que o levarão a transitar de uma função natural, do conhecimento espontâneo, a uma função cultural ou superior, de conhecimentos científicos, entendendo que a origem sempre estará no plano natural. Nesse sentido, para Vygotsky, o signo e as relações com o social – o contexto – são as mediações necessárias para se garantir ao aprendente o desenvolvimento das funções mentais superiores que o levarão à formação de conceitos. Vygotsky (1998) lembra ainda que o conhecimento é “uma das principais fontes dos conceitos da criança em idade escolar, e é também uma poderosa força que direciona o seu desenvolvimento, determinando o destino de todo o seu desenvolvimento mental” (p. 107).

Contudo, é importante salientar que o processo de formação de conceitos é longo e complicado, porque, além de captar as informações recebidas do exterior, o aprendente deverá executar um árduo trabalho mental, que envolve operações intelectuais com o fim de aprender.

Dessa forma, é imprescindível que o docente perceba a contribuição que ele, como mediador, pode oferecer para garantir ao educando novas relações com conhecimentos científicos, de tal forma a ajudá-lo a caminhar do conhecimento espontâneo rumo ao conhecimento científico. Essa é a grande tarefa da escola, enquanto instituição de ensino sistematizado.

Nesse contexto, entende-se a importância de se garantir ao educando uma leitura como a definida por Teixeira (2007), segundo a qual ela consiste em “toda atividade capaz de fazer sentido e de despertar o interesse do leitor, permitindo-lhe fazer relações com o que ele já conhece, não importando a natureza verbal ou não-verbal do texto” (p. 85). E, nessa relação com o que já conhece, o leitor-estudante, ao interagir com o texto,

lança sobre ele suas ideias, imagens e representações características de seu universo cultural.

Melo (2002, p. 12) reforça essa ideia quando dizendo o seguinte:

A neutralidade da leitura é, enfim, colocada em questão: as diferentes leituras são gestadas de acordo com as formas de inserção na cultura e atravessadas pelos fatores culturais, sociais, políticos e econômicos. Daí, o ressurgir das práticas leitoras plurais e contraditórias, evidenciando novas possibilidades de interpretação das histórias da leitura e do livro.

A leitura, então, apresenta-se mediada pela capacidade do leitor para construir sua aprendizagem enquanto conhecimento a partir das significações do texto lido e preenchido, bem como de seus conhecimentos previamente desenvolvidos. Nesse sentido, ocorre leitura na medida em que o leitor constrói significados para o texto baseando-se nas interpretações que representam suas visões de mundo, que são construídas na convivência em seu meio social e cultural e alimentadas por essa convivência. Nessa perspectiva, percebemos que as suas habilidades são desenvolvidas cognitivamente de acordo com suas práticas de leitura. Assim sendo, destaca-se o que afirmam Koch e Elias (2006) quando asseveram que a leitura é assumida como “*uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização*” (p. 11).

Acreditando que a leitura se baseia no desejo e no prazer, num ato de identificação com deslumbramento ou no místico que se transforma numa experiência de vida, percebemos que nem sempre os alunos das escolas em geral sentem esse prazer pela leitura. Isso se deve ao fato de que, além de a leitura ser cobrada e imposta como atividade enfadonha, é como se aquilo que o aluno lê não tivesse sentido, não fosse significativo em sua vida, pois nem sempre vai ao encontro do que ele reconhece como suas experiências cotidianas e/ou suas necessidades de comunicação.

É importante entender ainda que a leitura deve ser vista, principalmente no mundo tecnológico de hoje, como necessidade de comunicação, por meio de bilhetes, convites, memorandos, avisos, cartas, e-mails, etc., com pessoas que se encontram ausentes. São textos escritos que pressupõem um leitor, um código e um autor. Ler passou a ser condição básica de existência no mundo contemporâneo e, com o advento das TIC, torna-se indispensável ler com rapidez e criticidade, selecionando as informações e buscando compreensão dos fatos para situar-se no mundo que o cerca.

Koch e Elias (2006) afirmam que o texto só atinge o sentido quando é “*construído na interação texto-sujeitos* e não algo preexistente a essa interação”. (grifo das autoras) (p. 11). Também precisamos nos atentar para o fato de que a coerência, segundo as autoras, “não está no texto, mas é construída a partir dele, na interação, com a mobilização de uma série de fatores de ordem discursiva, sociocognitiva, situacional e interacional” (Ibid, p. 208). Em outras palavras, a leitura do texto não acontece de forma passiva.

E para avigorar essa ideia convém enfatizar que, de acordo com Fiorin e Savioli (2000), a leitura de qualquer texto deve sempre levar em consideração “o contexto que envolve a passagem que está sendo lida” (p. 13). Para os autores, esse contexto “pode vir manifestado explicitamente por palavras ou pode estar implícito na situação concreta em que é produzido” (p. 13). Dessa forma, segundo Fiorin e Savioli, o texto, qualquer que seja ele, não se constitui de uma peça isolada, mas “constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade” (p.13).

Essa ideia tem como suporte a teoria de Vygotsky acerca da interação, em que a leitura, vista como esse procedimento de interação, aparece idealizada numa relação de sentido que se processa “entre o leitor (ser individual e social), o texto (produto individual, determinado histórica e socialmente) e o autor (sujeito condicionado historicamente) e as práticas sociais e culturais” (PAZ, s/d)

Kleiman (1989) concorda com Vygotsky quando assevera que a percepção de leitura enquanto interação não ostenta o sentido de algo pronto no texto, mas é também, segundo Paz (s/d), “produzido pelo leitor a partir de seus conhecimentos prévios, de seus objetivos e de sua ação sobre a materialidade linguística presente no texto”.

Sobre a leitura, os PCN (1997) deixam claro que o leitor deve realizar um trabalho de construção de sentido para o texto em que se percebem, além da decodificação, outras estratégias que o leva a descobrir os implícitos, pressupostos e outros elementos que garantem a proficiência. Assim, o leitor competente é aquele que compreende o que lê, mas que compreende também o que não está escrito, estabelecendo relações com aspectos que estão para além do texto, por meio de um conhecimento que traz de sua vivência sociocultural.

A leitura, portanto, apresenta múltiplas interpretações, de acordo com Koch (2008), e não um único sentido. Isso porque o significado não está apenas no texto, mas também na interpretação que o leitor dá a ela. Esse sentido faz parte de “uma construção que se opera no decorrer do jogo interacional (produtor-texto-leitor)” (s/d).

Dessa forma, convém lembrar a fala de Vygotsky (1998) acerca da relação entre o pensamento e a linguagem. Segundo ele, o pensamento não combina perfeitamente com o significado das palavras, uma vez que o primeiro avança muito além, apreendendo os laços entre as palavras de forma muito mais abstrusa, profunda e completa em relação àquilo que entende a gramática da língua falada ou escrita. O pensar torna-se mais complexo, pois demanda grande esforço para aplicar todo o teor de uma reflexão em uma expressão ou discurso linguístico. Por isso, segundo Vygotsky (1998), o pensamento incide na palavra, porque a palavra permite a realização e a transmissão do pensamento para outrem, mas o pensamento não se reflete na palavra, pois vai além dela.

Vygotsky acredita que, no início a vida de qualquer ser humano, o pensamento não se apresenta com possibilidade de ser verbalizado, assim como a linguagem não pode ser vista como intelectualizada. Contudo, pensamento e linguagem vão se entrecruzando nas trajetórias de desenvolvimento do indivíduo para determinar formas de procedimentos sociais. Dessa forma, o pensamento começa a se tornar verbal e a linguagem torna-se racional, quando a criança, não sabendo a palavra a ser usada, pergunta a alguém, que lhe oferece a nova aprendizagem. Assim, surgem, segundo o autor, os significados que darão origem a conceitos novos e mais complicados. Confirma-se, desse modo, que os conhecimentos prévios, levados pelos jovens à sala de aula, revelam a quantidade e o nível de atividades a que foram expostos em seu convívio sociocultural. Esses conhecimentos são o resultado das realizações culturais oferecidas ao indivíduo durante seu período de vivência na comunidade em que esteve (e está) inserido e que poderá levá-lo a diferentes processos de desenvolvimento cognitivo, dependendo das formas de pensamento transmitidas por meio das palavras. Contudo, para Vygotsky (1998), entre pensamento e linguagem há uma inter-relação, em que um garante recursos ao outro, o que leva à formação da maneira de ser do indivíduo, com contribuições tanto da linguagem quanto do pensamento.

Outra questão, coligada à leitura, é a escrita, que também se apresenta como um conceito complexo de se explicar. Segundo Soares (1998), escrever é um conjunto de

habilidades, comportamentos e conhecimentos necessários para o desenvolvimento do ser diante de suas necessidades pessoais, sociais e profissionais, no contexto em que vive e atua.

Sendo uma técnica, desenvolvida pelas sociedades humanas, a escrita é uma magnífica forma de transmissão de informações e, portanto, de difusão do conhecimento. Deve ser vista, assim como a leitura, a partir da necessidade de comunicação em contextos sociais e profissionais.

Nesse contexto, surge o conceito de letramento, palavra utilizada pela primeira vez em 1986, por Mary Kato, em seu livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, publicado pela editora Ática, em que se caracterizou aquele que usa competentemente e com frequência a leitura e a escrita.

O letramento, segundo Soares (2003), é mais que o domínio da leitura e escrita num processo de alfabetização. É a capacidade de fazer uso proficiente dessas atividades em situações que fazem parte da vida dos seres humanos, numa ampliação de significado em relação à alfabetização. Assim, quem foi alfabetizado sabe ler e escrever; mas se não os faz, não é letrado. E, para ser letrado, pressupõem-se experiências sociais, chamadas por Freire (1985), de “leitura do mundo” que, segundo ele, tem implicações na relação do ser com o mundo em que vive. Contudo, percebe-se, ainda, nas instituições escolares, um ensino de leitura e escrita como práticas desvinculadas dos contextos em que se desenvolvem.

A consideração da escola acerca do ensino de leitura e escrita como conjunto de habilidades que leva à competência em domínio da língua escrita vai de encontro à ideia proposta pelas pesquisas relativas ao letramento que, ao contrário, veem a leitura e a escrita como práticas discursivas de variadas funções e que não podem ser separadas das situações de uso em que se desenvolvem (KLEIMAN, 2001).

Soares (2003), acerca das produções escritas na escola e sua avaliação, assevera que elas acabem se tornando um processo de aprendizagem, mas, ao mesmo tempo, de “desaprendizagem” das funções da escrita, pois, segundo ela, “enquanto aprende a usar a escrita com as funções que a escola atribui a ela, e que a transformam em uma interlocução artificial, a criança desaprende a escrita como situação de interlocução real” (p 73).

Essa noção sugere que a escola não conseguiu ainda superar velhas e obsoletas práticas de ensino da leitura e escrita da língua materna, em que basta ao aluno o domínio do código escrito, sem levar em consideração o uso social dos textos.

Assim, é necessário que as instituições de ensino e os educadores mudem sua concepção acerca de escrita, até mesmo porque se deve atentar para a dimensão político-ideológica das práticas de escrita. As escolas normalmente desconhecem ou desconsideram a não-neutralidade da linguagem escrita em relação às práticas orais, e promovem a naturalização da escrita sem a função social que lhe é requerida; constituindo, como mostra Kleiman (2001), um obstáculo a mais para as classes desprestigiadas socialmente. Faz-se urgente perceber que o professor acaba por naturalizar as práticas de exclusão e desigualdades quando naturaliza também as formas de escrita descontextualizadas de necessidades sociais de comunicação.

Nesse sentido, vale relembrar as afirmações dos PCN (1997) acerca da prática de produção de textos, segundo as quais o escritor competente saberá reconhecer diversos tipos de texto e escolher o tipo necessário para cada situação, lançando mão de recursos linguísticos que domina para utilização no momento da produção de texto, pois sabe as possibilidades que estão contidas em cada espécie de discurso (KOCH; ELIAS, 2006).

Na escola, segundo Vygotsky (1998), a escrita, por ser um discurso sem interlocutor definido, conduzido a “uma pessoa ausente ou imaginária ou a ninguém em particular” (p. 123) caracteriza uma situação nova e estranha para os aprendentes, o que não garante motivação para escrever. Além disso, qualquer possibilidade de escrita é mais abstrata e intelectualizada que a fala, tornando-se o principal obstáculo à aprendizagem, e, para escrever, a “criança precisa se desligar do aspecto sensorial da fala e substituir as palavras por imagens de palavras” (p. 123), com o propósito de construir expressões inteligíveis na explicação de quaisquer situações.

Para tanto, Vygotsky (1998) assevera que, antes de ingressar no ensino sistematizado, a criança possui já certo domínio da gramática da sua língua materna. Porém, trata-se de um domínio inconsciente, pois ela poderá utilizar algumas expressões de forma espontânea em sua comunicação diária, mas terá dificuldades em atender a um pedido do professor ou de qualquer outra pessoa sobre uma relação linguística ou gramatical da língua que utiliza com certa facilidade para falar.

Dessa forma, para Vygotsky (1998), é importante o ensino da escrita e das formas gramaticais da língua, cujo propósito é afiançar à criança as garantias de consciência do que faz para utilizar conscientemente as suas qualificações, além de poder “passar para um nível mais elevado do desenvolvimento da fala” (p. 126). O autor acrescenta o seguinte:

Todos estes traços da linguagem escrita explicam por que razão o seu desenvolvimento na criança em idade escolar fica muito atrás da fala oral. A discrepância é causada pela proficiência da criança na atividade espontânea e inconsciente, e pela sua falta de habilidade para a atividade abstrata, deliberada (VYGOTSKY, 1998, p. 125).

Dessa forma o autor explica que as funções mentais em que se fundamenta a linguagem escrita ainda não se iniciaram em seu desenvolvimento quando o ensino da escrita é apresentado à criança. Assim, esse conhecimento tem que se erguer sobre os alicerces de “processos rudimentares que mal começaram a surgir” (p. 125).

Com o avanço das tecnologias digitais – principalmente a Internet – e com as interações entre diferentes suportes e linguagens para produção escrita e formas coletivas de construção de textos, é mais urgente ainda que haja uma preocupação na perspectiva dos olhares para a aprendizagem da escrita, tendo em vista sua função social. Afinal, para executar leitura e escrita, além dos materiais convencionais como livros, revistas e jornais, entre outros, temos alguns mais modernos ligados à Internet: blogs, e-mails, twitter, sites de relacionamentos ou redes sociais, entre outras possibilidades.

2.2.3 Práticas de leitura, escrita e comunicação na cultura digital

Contemporaneamente, ler e escrever têm assumido novos contornos com o advento das tecnologias digitais. A leitura e a escrita, hoje, são praticadas também no ciberespaço por meio das tecnologias digitais. O ciberespaço configura-se em um novo espaço, onde toda informação pode ser digitalizada e coletivizada por meio das redes interconectadas em nível mundial. Ou seja, “é um espaço feito de circuitos informacionais

navegáveis [em um] mundo virtual da comunicação informática”²⁹ (SANTAELLA, 2004, p. 46). Essa comunicação no ciberespaço é feita por meio de hipertextos que assimilam sons, imagens, palavras, signos diversos e links que podem levar a outros documentos, textos, imagens e assim por diante, propiciando ao usuário internauta a escolha do que acessar de forma livre e arbitrária.

É necessário dirigirmos nossa atenção ao ciberespaço, que é, para Santaella (2004), “certamente um dos futuros da leitura e da escrita” (p. 8). Sobre isso a autora acrescenta:

Assim como a impressão alterou o espaço visual do escrito, possibilitou o livro enquanto códex, o armazenamento do livro, a biblioteca e depois os suportes de leitura mais rápida que supõe uma atenção flutuante como o jornal e a revista, a interface da informática nos coloca diante de um pacote terrivelmente dobrado, com pouquíssima superfície que seja diretamente acessível em um mesmo instante. Mas para consultar a tela temos uma série de comandos icônicos, o uso do teclado facilitado e complementado pelo *mouse*, menus que nos mostram que operações podemos ou devemos realizar. (p. 8)

Dessa forma, a leitura perde, no ciberespaço, sua linearidade, convertendo-se em navegação de um leitor que assume uma dinamicidade, pois ele é mais ativo que o leitor em papel. Lévy (1999) diz que estamos vivendo uma nova forma de configuração do conhecimento, uma vez que esse conhecimento havia se estabilizado a partir da generalização da impressão.

É, pois, uma nova forma de ler, configurada por uma edição especial definida pelo próprio leitor com base na interação, pois “o suporte digital está permitindo novos tipos de leitura e escrita e pode-se até falar de uma leitura e uma escrita coletivas” (FREITAS, 2000, p. 9).

Essa *escrita teclada*, de acordo com Freitas (2000), caracteriza-se por “teclar pouco e dizer muito para economizar tempo e comunicar-se rapidamente” (p. 14). Sobre essa forma de escrita, a autora acrescenta:

A escrita apresenta-se abreviada, telegráfica, econômica. As frases são curtas, diretas, as palavras abreviadas. Há palavras novas, inventadas, palavras da língua inglesa que são abasileiradas. Os acentos e cedilhas não existem mais e a grafia das palavras é alterada. Optando pela rapidez, palavras vão perdendo caracteres. (...) São adaptações que facilitam o teclar economizando movimentos, tempo e tornando a tarefa de escrever

²⁹ Assim como a escrita, a informática é uma tecnologia que revolucionou o mundo (FREITAS, 2000).

mais rápida. A entonação é expressa pelos pontos de exclamação e interrogação usados em profusão, pelas palavras em letras maiúsculas que significam voz alta, gritos e pelos ícones de emoção, os “emoticons”, símbolos usados para expressar emoções. (FREITAS, 2000, p. 14-15).

Essa é a forma de comunicação caracterizada por Freitas (2000) como “uma maneira rápida e divertida que os internautas encontram para economizar tempo e humanizar seus bate-papos” (p. 15). Contudo é necessário que se observe outras características notórias da conversação online, porque os indivíduos a utilizam também para ironizar, admoestar, cobrar, recriminar e agredir verbalmente os outros. Assim, ler e escrever se confundem num entrecruzamento de relações e interações de um conversar-escrever.

Para Rocco (1999), o texto eletrônico da Internet é um produto verbal diverso do que conhecíamos, porque configura um novo tempo e surge veiculado por um novo suporte. Esse novo suporte, segundo a autora, influencia na forma de produção, na aparência dos textos e também nos processos de apropriação e significação que os leitores dão a eles, porque se trata de textos híbridos que, mesmo sendo escritos utilizam os recursos da linguagem oral e dos símbolos, que garantem uma aproximação com a naturalidade de uma conversa presencial.

Chartier (2002), analisando a relação leitor/escrita na Internet, diz que a leitura na rede é como a própria navegação: “é uma leitura descontínua, segmentada, fragmentada” (p. 23). Acrescenta que os leitores precisam vencer essa inquietação ou confusão, com o “desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis, materiais, que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos” (idem). Segundo o autor, o mais difícil é ainda perceber a obra como obra, pois toda obra perde sua característica diante de uma leitura descontínua e que o leitor deve buscá-la a partir de palavras-chave, rubricas temáticas e fragmentos textuais, sem que se percebam a identidade e a coerência dessa obra. Ou seja, “é ao mesmo tempo uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita” (p. 24).

Santaella (1997) afirma que as máquinas foram criadas para auxiliar os homens de acordo com o momento vivido e a necessidade basilar desse momento. As máquinas criadas para ajudar na realização do trabalho físico e mecânico, antes mesmo da Revolução Industrial, foram denominadas pela autora de máquinas musculares, já que tinham o

objetivo de substituir e ampliar a força física homem e, mais tarde, auxiliar na sua locomoção. Depois surgiram as máquinas sensórias como fotografia, cinema, rádio, e televisão, estendendo os sentidos humanos na sua relação com o mundo exterior e criando novas formas de registro para esses sentidos. Ainda, de acordo com Santaella (1997) na segunda metade do século XX surgem as máquinas cerebrais – os computadores – capazes de sintetizar todas as linguagens e signos que podem ser registrados, armazenados, traduzidos e manipulados, quando, ao captar o mundo exterior, transformam-se em potentes cérebros para as mais diversas atividades humanas.

Essas máquinas cerebrais, segundo Santaella (2004), provocam uma mudança na forma de ler, uma vez que, na hipermídia, há uma leitura híbrida com sons, imagens fixas, imagens em movimento, textos, códigos, signos, apresentando-se em fluxos de informações organizados em arquiteturas hipertextuais. Esses fluxos de informações podem ser alterados, transformados, convertidos ou disfarçados, de acordo com as versões que o indivíduo deseja dar ao texto virtual, uma vez que ele pode se colocar na posição de co-autor.

Assim, conforme Santaella (2004), para se praticar a leitura da linguagem híbrida da hipermídia, que está organizada em fluxos hipertextuais, é preciso conhecer o “cartograma navegacional” – mapa mental da hipermídia – para transitar pelas infovias, ou poderá perder-se na navegação. Além disso, segundo a autora, é preciso entender que na linguagem hipermediática do ciberespaço, vive-se em “interação instantânea e contínua com a volatilidade dos estímulos” (p. 52). Ou seja, a linguagem com extrema interação anima o internauta à imersão nos espaços fluidos da navegação virtual ou, conforme Ramal (2000, p. 6), “seria mais adequado falar de um sujeito coletivo, uma reunião e interação de consciências que produzem conhecimento e navegam juntas”, já que, segundo Lévy, (1999), na cibercultura³⁰ não há constância, e sim volubilidade, pois o ciberespaço “são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis que podem transformar radicalmente seu significado e uso” (p. 102).

Para Ramal (2000), o hipertexto é subversivo quanto ao monologismo, pois apresenta constante “diálogo entre as diferentes vozes (...) para a construção do

³⁰Lévy (1999) define cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, segundo ele é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (p. 17).

pensamento” (p.6). É também subversivo com relação ao autor e ao leitor, uma vez que o usuário-leitor pode a qualquer momento invadir e reescrever o texto do outrem. É subversivo, também, em relação à linearidade, “sem margens, nem início, nem fim, sem percurso estabelecido por antecipação” (p. 6). O hipertexto, ainda, subverte quanto à forma, pois o leitor pode alterar imagens, palavras, sons, e também quanto à postura física do leitor que, ao sair do livro em rolo, que não lhe permitia qualquer outra atividade no momento da leitura, pois tinha de segurá-lo com as duas mãos, ou o livro encadernado que lhe exige passar as páginas, passa agora para um texto totalmente maleável.

Assim vivem muitos indivíduos/usuários na contemporaneidade, imersos num mundo de textos e de variadas formas de comunicação, também pluralizadas e moventes. A interação midiática e digital passa a constituir-se numa das formas de relações humanas mais intensificadas que influenciam a compreensão e a atuação do homem no mundo, caracterizada sempre pela diversidade de signos, com variadas e múltiplas leituras e formas de escrita, além da multiplicidade de discursos numa mistura de gêneros híbridos para utilização nessa comunicação dialógica com o outro e com o mundo.

Nesse quadro de heterogeneidade de gêneros textuais híbridos com signos voláteis é que estamos vivendo, hoje, na sociedade, o surgimento de novas e incipientes formas sociais de práticas de leitura e de escrita para comunicação social, por meio das tecnologias digitais, determinando uma cultura assinalada pela instabilidade, pela mutabilidade constante e pela miscelânea do erudito com o popular.

Ademais, somem-se a isso as mudanças no “trabalho (robótica e tecnologias para escritórios), gerenciamento político, atividades militares e policiais (a guerra eletrônica), consumo (transferência de fundos eletrônicos), comunicação e educação (aprendizagem a distância), enfim, estão mudando toda a cultura em geral” (SANTAELLA, 1996), o que levou a autora a definir “cultura das mídias”, termo proposto por ela mesma, como cultura intermediária situada entre a cultura de massas e a cultura virtual, ou cibercultura. Nesse sentido, Santaella (1996) acrescenta o seguinte:

(...) a cultura virtual não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais a que chamo de ‘cultura das mídias’. Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura virtual ora em curso (p. 2).

Para explicar coerentemente a cultura das mídias, Santaella (1996) elucida a divisão das eras culturais, quais sejam: cultura oral, cultura escrita, cultura impressa, cultura de massas, cultura das mídias e cultura digital, definidas a partir das formas de comunicação e dos signos que permeiam essas formas e que “propiciam o surgimento de novos ambientes culturais” (p. 2). Para elucidar a cultura digital, Santaella (1996) explica que a diferença básica está na convergência das mídias, termo discutido por Jenkins (2008), que analisa a relação dos indivíduos com as novas e antigas tecnologias, numa forma de junção de mídias, realizada pelos usuários consumidores em suas interações sociais e nas relações com a tecnologia contemporânea, o que tem provocado mudanças nos contornos de relacionamento do público com os meios de comunicação.

Contudo, Santaella (2003) esclarece que as mídias são apenas meios, “suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam a através dos quais transitam” (p.3). Isto é, enquanto veículos, as mídias são desprovidas de sentidos e, se não fossem as mensagens nelas inscritas, continuariam assim. Por isso a autora alerta para que o fato de que as mediações sociais não vêm das mídias em si, “mas dos signos, linguagem e pensamento, que elas veiculam” (SANTAELLA, 2003, p. 3). Dessa forma é preciso considerar a influência que as mensagens – elas e não as mídias em si – veiculadas com facilidade pela tecnologia digital têm exercido sobre as relações socioculturais na sociedade contemporânea, a ponto de afetar severamente as formas de comunicação e de aquisição de informação, devido à Revolução Informacional.

É a essa realidade contemporânea a que queremos nos referir quando percebemos que leitores-navegadores ou jovens internautas se apropriam com segurança e maleabilidade do mundo escrito por meio desse novo tipo de suporte para suas comunicações sociais.

2.3 Constructos básicos sobre a aprendizagem da leitura e da escrita

Aprendizagem é um processo difícil de ser definido com clareza. Contudo, de forma geral, entende-se por aprendizagem a maneira como os seres humanos conquistam para si novos conhecimentos, desenvolvendo competências e mudando comportamentos. Ela é garantida quando se apresenta como processo em que há mudança de comportamento, resultante de interações entre estruturas mentais e ambientais.

Desde a Antiguidade, observa-se a preocupação com o conceito de aprendizagem, e também o de ensino. Nos primeiros tempos, esses conceitos estavam relacionados à transmissão da cultura ou da formação individual ou social. Na Idade Média, a aprendizagem era dominada pela religião. Depois, até o início do século XX, passou a ser vista como condicionamento. A partir daí, novas definições apareceram, entre elas as ideias de Vygotsky.

Mas, para esclarecer algumas dessas ideias, vamos descrever sucintamente a análise de Vygotsky acerca da *Zona de desenvolvimento proximal* (ZDP), ou seja, a distinção entre o *nível de desenvolvimento potencial* e o *nível de desenvolvimento real*. O *nível de desenvolvimento potencial* corresponde àquilo que se pode aprender com outro, definido com base na solução de problemas com o auxílio de alguém mais experiente: pai, mãe, irmão mais velho, professor, colegas de classe. O *nível de desenvolvimento real* configura-se na possibilidade de resolução de problemas sem qualquer ajuda. Nesse sentido, a ZDP inclui tudo o que o ser humano é capaz de adquirir a partir dos processos educativos, que devem ser sistematizados e individualizados, permitindo assim chegar-se a um conhecimento potencial que é sempre uma incógnita, mesmo estando relacionado ao desenvolvimento real. A Zona de Desenvolvimento Proximal representa, portanto, aquilo que se pode adquirir, intelectualmente, quando se tem um suporte educacional adequado, é onde a aprendizagem vai acontecer. O outro tem, nesse sentido, um papel importante: o de favorecer a aprendizagem. Ele constitui-se em mediador entre o aprendente e o mundo, uma vez que é na essência das interações ocorridas na coletividade que se podem formar as estruturas psicológicas.

Assim, compreende-se que, para Vygotsky (1998), aprende-se na sociedade, pois o indivíduo aprende a partir de suas relações com o conhecimento daqueles que o cercam, e esse aprendizado estimula alguns processos de desenvolvimento internos que funcionam na interação com o ambiente de convívio.

Dessa forma, aquele que aprende vai das habilidades parciais para habilidades totais com a ajuda de parceiros mais habilitados – os mediadores – e das ferramentas ou artefatos adequados lançados em um ambiente também adequado. O aprendente, assim, pode chegar, a partir das experiências pessoais com o auxílio do outro e dos signos, à formação de conceitos, de generalizações, organizando os próprios processos mentais,

passando, assim, a se apoiar em recursos internalizados e não mais apenas em signos externos.

Por isso mesmo, Vygotsky afirma que a aprendizagem de um novo conceito precisa de um conhecimento anterior, ao qual deve estar relacionado cognitivamente, como suporte para esse novo conhecimento. Contudo, mais que isso, é necessária a presença da mediação. Assim, o papel do professor, do ensino e das relações sociais torna-se preponderante para o estudante que, apesar disso, deverá apropriar-se das novas atividades e informações, construindo habilidades para se conduzir nesse processo de aprendizagem, porque ela acontece como resultado da interação entre as estruturas mentais e o meio em que se vive.

Essa interação, para Vygotsky (2007), é garantida pelos signos, isto é, pela linguagem simbólica desenvolvida pelo ser humano, uma vez que são construções da mente do homem e tem igual importância na mediação entre o homem e a realidade, assim como acontece com os instrumentos de trabalho. Nesse sentido, Vygotsky nomeia os signos de instrumentos simbólicos. E dentre esses instrumentos, para ele, merece especial atenção a linguagem, que se configura num sistema simbólico fundamental para o desenvolvimento dos grupos humanos por meio da interação que a linguagem proporciona com os signos, com os símbolos culturais e com os objetos, o que leva o homem ao desenvolvimento.

Dessa forma, compreende-se a aprendizagem a partir da interação com as atividades do dia-a-dia, numa ampla relação com o social e o cultural e num contexto de correlação com a linguagem e as ações, para se adquirir a compreensão do que nos rodeia. Também as TIC são vistas como novas formas e recursos que medeiam a possibilidade de acesso a informações diversificadas e ao conhecimento construído pela humanidade e disseminado nas tecnologias digitais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), “a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto”, (p. 53). E se o leitor demonstra – ou deveria demonstrar – postura ativa sobre o texto, ele não apenas decodificará, mas utilizará outras estratégias como “seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência” (idem). A esse respeito, Koch e Elias (2006) asseveram o seguinte:

A antecipação consiste em levantar hipóteses sobre o conteúdo do texto, que, na leitura, vão sendo submetidas à verificação. Para tanto, o leitor seleciona pistas - elementos lingüísticos do texto que autorizem sua leitura - e produz inferências que lhe permitem preencher as lacunas do texto ou desfazer ambigüidades, com base em seu conhecimento de mundo (s/p)

Mais adiante, os PCN (1999) enfatizam, ainda, que é necessário superar a ideia de que o texto possa ter uma única interpretação e diz o seguinte:

O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. É necessário que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos; às vezes é porque o autor intencionalmente “jogou com as palavras” para provocar interpretações múltiplas (p. 57).

A leitura é mediada pela capacidade que o leitor tem de construir seu conhecimento a partir das significações atribuídas ao texto lido, de acordo com suas experiências e relações com o meio em que vive, pois, de acordo com o MEC (1996), “trata-se de uma concepção que envolve o indivíduo, enquanto ser psicológico, que desenvolve suas habilidades cognitivas, e ser social inserido em determinadas práticas histórico-sociais de leitura” (p. 20).

Assim, a leitura acontece quando o leitor realiza um trabalho de construção de sentido para o texto. Dessa forma, percebem-se, além da decodificação, outras estratégias que o leva a descobrir os implícitos, os pressupostos e outros elementos que garantem a proficiência. Destarte, o leitor competente é aquele que compreende o que lê, mas que compreende também o que não está escrito, estabelecendo relações com aspectos que estão para além do texto, por meio de um conhecimento que traz de sua vivência sociocultural. Ou seja, a leitura é atividade em que pesam as experiências e os conhecimentos do leitor, exigindo dele mais do que saber decifrar o código. Cada leitor lê a seu modo, percebendo que o sentido está também nas indicações textuais deixadas pelo autor e pelos saberes prévios de quem lê. O texto é lugar de interação e constituição dos sujeitos da linguagem.

Nesse sentido, vale lembrar as afirmações dos PCN (1997) acerca da prática de produção de textos, segundo as quais o escritor competente saberá reconhecer diversos tipos de texto e escolher o tipo necessário para cada situação e, segundo Koch e Elias (2006), lançar mão de “de um repertório de recursos lingüísticos a ser utilizado quando da

produção textual”, pois sabe as possibilidades que estão contidas em cada espécie de discurso.

Desse modo, para que os alunos desenvolvam capacidades básicas de leitura e escrita que lhes permitam continuar seu desenvolvimento para seguir aprendendo, não se podem desprezar as tecnologias, que são excelentes meios de acesso a informações de toda espécie, bem como de aquisição dessas informações, capazes de contribuir de forma significativa para a construção de conhecimentos. Ou seja, de acordo com os PCN+ (2002), as instituições de ensino precisam desenvolver projetos que reconheçam “o papel da informática como ferramenta para novas estratégias de aprendizagem, capazes de contribuir de forma significativa para o processo de construção do conhecimento” (p. 149).

É mister, ainda, compreender que o propósito com que o texto é lido garante a interação entre ele e o leitor, pois, como sugere Koch Elias (2006), ora lemos para nos informar, ora para realizarmos algum trabalho acadêmico-científico, ora por prazer e, nesse caso, também fazemos a escolha adequada. E outras possibilidades de leitura nos são oferecidas ou propostas. Para cada uma delas temos uma forma de ler. Dessa forma, se ler é interagir, é preciso, como diz Koch e Elias (2006), levar em consideração a “materialidade linguística do texto” – porque é a partir dela que se constitui a interação – e também considerar o autor e os conhecimentos do leitor, para se definir a intensidade, durabilidade e a qualidade da interação. Segundo as autoras, é por isso que falam de um sentido para o texto e não do sentido do texto, e justificam alegando que é preciso acionar outros conhecimentos de mundo, além dos conhecimentos linguísticos, quando se quer atribuir um sentido para o texto. Dessa forma, segundo elas, o sentido pode variar de acordo com a forma com que se constituiu o texto, acerca do que foi revelado ou apenas sugerido, e de acordo com os conhecimentos e atitudes do leitor diante do mundo.

E nesse contexto da cibercultura, encontra-se o hipertexto – diferentes tipos de texto, blocos de textos, palavras, imagens, sons –, que pode, também, ser acessado através de links. O hipertexto caracteriza-se, portanto, como um novo estilo linguístico, um texto aberto, livre, solto, sem fronteiras definidas e que é acessado, com certas facilidades, pelos jovens em todas as classes sociais em maiores ou menores condições de acesso.

De acordo com os PCN+ (2002), com a criação da rede mundial de computadores, o aluno deve, além de saber lidar com as informações em geral, aprofundar-se no conhecimento das informações, analisando toda a sua complexidade. Para tanto, é

preciso dominar as leituras de diversas formas e em diversos programas da Internet, pois é onde se “instaura uma nova dinâmica de pesquisa e leitura”. (p. 149). Faz-se necessário compreender que a linguagem hipermidiática está disponível a qualquer pessoa que deseje ou necessite acessar a qualquer momento, embrenhando-se num oceano de signos verbais e não-verbais.

Da mesma forma é o procedimento de aprendizagem da escrita. Começa-se de forma natural em que as formas escritas – letras, sílabas e palavras – são elementos gráficos de si mesmos. Depois, com a experiência da leitura, percebe-se que a escrita é a representação (não exata) da oralidade. Daí se inicia o processo de busca de correspondência para os sinais gráficos.

O professor, mais que nunca, precisa estar atento para ajudar o aluno a capacitar-se no uso de imensuráveis possibilidades de leituras na comunicação multilinear e labiríntica, onde se deve estabelecer uma ordem textual ou corre-se o risco de se perder na desordem dos fragmentos, segundo Santaella (2004). E em função do advento e desenvolvimento da tecnologia digital, temos um novo tipo de leitor, que navega numa rede de textos ligados por nós que permitem a esse leitor caminhar por esses pontos sem interrupção do fluxo de sua comunicação, podendo decidir o que ler, como ler e quando ler um texto até o fim. Esse protagonismo na leitura acaba induzindo o jovem a ser também autor e co-autor do que deseja ler, de forma que ele poderá tornar-se também um produtor de texto.

O educador docente deve se preparar para auxiliar os estudantes para esse diálogo com diferentes textos e diferentes possibilidades de aquisição de conhecimentos, a fim de integrá-lo no mundo contemporâneo e heterogêneo em que vivemos, com informações descentralizadas e que enfrenta aceleradas mudanças a todo instante. É preciso entender que, no ambiente hipertextual do ciberespaço, têm-se possibilidades de pragmatismo tanto na comunicação quanto na educação na e pela cibercultura, garantindo uma coletividade de discursos e ideias com diferentes vozes, valores, sentidos, pensamentos.

Além dessa suposta autonomia, percebemos uma fragmentação no ensino de leitura e escrita. De acordo com Zacharias (s/d), – e também segundo nossa experiência de ensino – diante de um conhecimento complexo, temos normalmente a pretensão de dividi-lo em conhecimentos parciais num suposto entendimento de facilitação para o aluno. Essa

atitude, todavia, pode não ser adequada, visto que o ser humano aprende os conceitos num sentido global, com suas relações, sua funcionalidade e os aspectos que lhe dão sentido, e não em partes.

Assim também acontece com o ensino de leitura e escrita dos estudantes nas instituições de ensino. Normalmente, eles aprendem a ler e a escrever de forma fragmentada.

Ao nos depararmos, no entanto, com os eventos de leitura e escrita produzidos de forma espontânea, percebemos que os alunos apresentam uma regularidade e segurança constantes durante esse trabalho, que revelam a finalidade de se erigirem mensagens com vistas à comunicação. Nesse contexto de ensino, há “uma ruptura entre o modo de ensinar a escrever com o modo com que as crianças se apropriam da escrita” (ZACHARIAS, s/d). Esse fato pode causar grande dificuldade futura, tendo em vista que as crianças e jovens, que têm hoje acessam a Internet, estão lendo e escrevendo na coletividade da linguagem hipermidiática do ciberespaço da Internet.

2.4 Competência comunicativa e a construção de textos e discursos

A comunicação nas práticas sociais é, conforme vimos no início deste capítulo, o intercâmbio de informações entre sujeitos, utilizando-se um tipo de linguagem como suporte para esse fim, principalmente por meio de palavras orais ou escritas. Conforme Chauí (2000), a linguagem constitui-se em um aparelho do pensamento com o propósito de manifestar conceitos e símbolos e comunicar ideias e valores. Bakhtin (1992), no entanto, lembra o aspecto social da linguagem, já que é por meio dela que os seres se organizam em suas práticas sociais, desde que aprendam a utilizar a língua.

Queremos reforçar que estamos ponderando a concepção da linguagem como meio de interação social que autoriza os sujeitos sociais a utilizarem o texto como um lugar de interação para construírem suas ideias a partir das ideias que o autor produziu e dos conhecimentos do leitor que poderá, nesse caso, completá-las, adaptá-las ou mudá-las, concordando com elas ou não. Não consideraremos, portanto, a linguagem apenas como meio de comunicação ou como expressão do pensamento.

Dessa forma, a linguagem é a mediação que se presta a essa comunicação, por meio do uso da palavra enquanto língua e por meio da habilidade que o usuário dessa língua possui na articulação de significados e sentidos em uma coletividade. Assim também Vygotsky entendeu a linguagem como fator motivador da aprendizagem, da construção de significados e de conceitos internalizados a partir de um processo de socialização.

A língua é uma das possíveis linguagens utilizadas por uma população. As palavras de uma língua formam seu léxico e têm seu significado registrado nos dicionários. Contudo, as palavras assumem o sentido no momento em que seus falantes entram em situação de interação um com o outro e, dependendo do contexto em que são usadas, ostentam novos sentidos. Na Antiguidade, a transmissão do conhecimento era feito por meio da oralidade. Com a chegada da escrita, os indivíduos sentiram-se forçados a apreenderam a forma escrita da língua. É necessário entender, no entanto, que as palavras só apresentam função, significado e sentido no contexto da comunicação, e não isoladas. Dessa forma constituem o discurso e, assim, assumem os sentidos de acordo com a intenção ou necessidade social do usuário.

A linguagem garante ao indivíduo tornar-se sujeito social, quando atribui significados a tudo que o rodeia. Assim, a linguagem apresenta as palavras não somente com seu significado nato, mas também com seus significados culturais e sociais, além de, segundo Vygotsky (2008), seu sentido pessoal.

Segundo Vygotsky (2009), a linguagem, que tem como papel inicial a comunicação, expressão e compreensão, deve ser vista como aparelho mais complexo para garantir a comunicação na vida social. Assim sendo, sem linguagem, o ser humano deixaria de ser social, histórico, cultural. Dessa forma, o autor considera uma estreita relação entre pensamento e linguagem, visto que a linguagem, sendo aparelho de relacionamento com os outros, leva-nos a nos constituirmos como sujeitos e, pela linguagem, somos levados a pensar. Ou seja, a função comunicativa está diretamente relacionada com pensamento, pois permite a interação social e, também, organiza o pensamento.

Para esse autor russo, o significado de cada palavra numa língua representa generalização ou conceito, uma vez que a transição do pensamento passa, segundo ele, pelo significado daquilo que é convencionalmente instituído pelo contexto social. Ou seja,

é o significado social do signo linguístico que permanece inalterado, mesmo em diferentes situações de interação linguística. Contudo, para Vygotsky (2008), o sentido, apresentando um caráter simbólico, possibilita a relação do homem com o mundo, pois o indivíduo cria o sentido para os eventos na ação social e na interação. O sentido, dessa forma, é criado numa instabilidade do momento e da situação de comunicação, assumindo, assim, um caráter provisório para a situação do momento e garantindo alteração conforme as necessidades da interação social. Ou seja, o sujeito histórico, em seu tempo, espaço e situação de vida particular e social, dá ao signo linguístico uma interpretação ajustada à sua condição interativa.

Para se desenvolver no efetivo uso social da linguagem verbal, é preciso que o usuário dessa linguagem tenha garantias de competência³¹ comunicativa. Ou seja, entendemos que é necessário que o usuário da língua domine a capacidade de interagir em diferentes situações de comunicação, compreendendo que há necessidades específicas de uso da língua, dependendo de contextos também específicos, para a construção de enunciados comunicativos. Para tanto, é preciso que ele tenha condições para refletir sobre as hipóteses desses usos e sobre como construir para si novas possibilidades de uso, de acordo com cada situação comunicativa.

Todo falante nativo de uma língua possui competência linguística natural e espontânea que lhe dá a condição de comunicar-se em diversas situações que se lhe apresentam, revelando, assim, a competência comunicativa para transitar em diferentes e diversos campos sociais e, segundo Kleiman (2002), de acordo com os “determinantes sócio-históricos, próprios de uma concepção social e interacional da linguagem, em que o social já está inscrito e, portanto, constituindo o sujeito”. A autora acrescenta:

A competência comunicativa é construída na interação, pela participação nas situações e, por isso, ela continua desenvolvendo-se ao longo da vida do indivíduo, em função dos eventos de fala e de letramento situados nos quais o sujeito participa (p. 26)

³¹ A ideia de competência, em Linguística, surge já nos estudos dirigidos por Chomsky, no final da década de 1950. Contudo, para ele, competência significava o conhecimento da língua com suas estruturas e regras e o desempenho seria o uso real da língua em situações concretas, ou seja, estava limitada à constituição de uma gramática internalizada, comum a todos os falantes de uma mesma língua. Nessa perspectiva, não havia qualquer preocupação com a função social da língua. Com estudos, principalmente, de Hymes, essa concepção foi alterada para o sentido de se relacionar os conhecimentos linguísticos a outros tipos de conhecimentos de tal forma a se falar em competência comunicativa.

Reforçando essa noção, encontramos Habermas (1999) que, após 1970 quando rompe com a ideia de que todos os meios de comunicação servem para formar barreiras que separam os homens. Sobre o mundo da comunicação, o autor passa a entender o seguinte:

(...) é o lugar transcendental em que o falante e o ouvinte se encontram; é o lugar em que podem estabelecer reciprocamente a pretensão de que suas emissões concordam com o mundo objetivo, subjetivo e social; e em que podem criticar e exhibir os fundamentos das respectivas pretensões de validade, resolver seus desentendimentos e chegar a um acordo (p. 179).

Nesse sentido, o autor revela-se um entendedor da relação da comunicação com os sentidos atribuídos aos objetos, situações, comportamentos, atitudes ou qualquer outra percepção de mundo que permeia a vida dos indivíduos e que são interpretadas por alguns valores formados em sua cultura, na sua visão e conhecimento de mundo, além de suas relações com esse mundo. Para ele, o mundo em que se vive fornece as significações possíveis para os interlocutores se comunicarem entendendo as diferentes situações de qualquer contexto comunicacional. Isso é garantia de competência dos interlocutores, haja vista que eles reconhecem a necessidade de comunicação, pensando e repensando suas aplicações a ponto de negociar, com o uso do diálogo, o sentido do que se diz, para reconstruir o discurso, de acordo com seu conhecimento e vivência, aliados à necessidade de participar da vida cotidiana em suas relações interacionais, uma vez que é na comunicação que os homens demonstram essa possibilidade de interação social.

A competência comunicativa, conforme esclarece Chen (1990), desenvolve-se na capacidade que o falante da língua tem de criar estratégias que lhe garantam comunicação mais efetiva, mesmo que não apresente total conhecimento dos aspectos linguísticos. Assim, o importante é que o usuário da língua tenha consciência de que, para se comunicar, carece-se de seleções que exigem determinadas estratégias para cada uso. Ou seja, consciente ou não, ele deverá escolher o quê, como, e quando dizer, além de dominar a organização daquilo que pretende dizer na formação de seu texto discursivo. Isso é competência comunicativa, pois se refere à aptidão para interagir em distintas circunstâncias de interação e, a partir dessa interação, produzir e também compreender textos, por meio de estratégias de comunicação.

Assim é que o usuário da língua constrói o texto, que pode ser entendido como a manifestação linguística de suas ideias, dentro de seu contexto pessoal, social e cultural e que será interpretado pelo leitor de acordo com os conhecimentos – também pessoais, sociais e culturais – dele, além de suas experiências linguísticas. E é no texto que o indivíduo constrói seu discurso para se expressar de acordo com suas necessidades e com as condições efetivas de uso da linguagem. Para Azeredo (2007):

A atividade comunicativa por meio de uma *língua* constitui o *discurso*. E os objetos por meio dos quais essa atividade se desenrola se chamam *textos*. É por meio de textos, básica e universalmente orais, mas em muitas sociedades também escritos, que os conteúdos ou informações circulam entre as pessoas (p.18, grifos do autor).

De modo simplificado, Camargo e Belloto (1996) propõem, como conceito de texto, um “conjunto de palavras e frases articuladas, escritas sobre qualquer suporte” (p. 74). Costa Val (1991), destacando o aspecto mais social e comunicativo do texto, diz que ele é uma “ocorrência linguística falada ou escrita de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal [isto é] (...) uma unidade de linguagem em uso.” (p. 1). Continuando, Koch (2003) diz que texto é um “objeto multifacetado [...], fruto de um processo extremamente complexo de interação e construção social de conhecimento e de linguagem” (p. 4). Reforçando essa ideia, Koch e Traváglia (2003) acrescentam:

[texto é] uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão (p. 08-09).

Assim, nessa situação de comunicação interativa que apresenta um sentido para a comunicação social, Fávero e Koch (1994) asseveram que o texto apresenta uma unidade de sentido, caracterizada por um “conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto” (p. 25). Por sua vez, Bernárdez (1982), recapitulando, afirma:

Texto é unidade linguística comunicativa fundamental, produto de uma atividade verbal humana, que possui sempre caráter social, está caracterizado por seu campo semântico e comunicativo, assim por sua coerência profunda e superficial, devida à intenção (comunicativa) do falante criar um texto íntegro (p. 85).

Assim sendo, texto é um objeto que está imbricado nas relações sociais, constituindo-se de um evento sociocomunicativo no processo de interação humana e apresentando intenção comunicativa de acordo com os sentidos construídos socialmente.

Percebemos, então, que um texto pode ser oral ou escrito em linguagem verbal, aproveitando-se dos signos linguísticos, e, até mesmo, constituir-se de linguagem não verbal ao utilizar outras formas de comunicação como os símbolos ou signos visuais ou sonoros determinados por cores, placas, pinturas, figuras, desenhos, esculturas, objetos ou gestos e, até mesmo, o tom de voz, a postura corporal, a música. Algumas expressões desse tipo de linguagem podem ser percebidas mesmo em idiomas e culturas diferentes, desde, é claro, que sejam compreendidas, como o choro, o sorriso e as expressões de nervosismo, entre outras. Até entre os animais, podem-se perceber algumas comunicações não verbais como o movimento da cauda de um cachorro que revela expressões normalmente entendidas por todos os indivíduos.

A linguagem não verbal, destacando-se aqui a visual, é também uma forma eficiente de comunicação entre os indivíduos. Entretanto, Pagliaro, já em 1952 em seu livro *A vida dos sinais*, comparava a palavra com a imagem, ponderando que “há uma diferença fundamental entre a imagem e o sinal linguístico (...) A palavra assume em si um significado genérico” (p. 264), ou seja, perdura em sua significação no passado, presente ou futuro, enquanto a imagem poderá explicitar o ser apenas no momento retratado e o ser especificamente representado com suas peculiaridades não genéricas. Nesse ínterim, faz-se mister lembrar que a tecnologia digital, em especial o computador ligado em rede, pode abranger todas as linguagens, numa convergência de mídias.

Assim, a comunicação humana, segundo Santaella (2005), pode ser classificada em “três tipos lógicas da linguagem – verbal, visual e sonora – [que] constituem-se nas três matrizes lógicas da linguagem e pensamento (...) a partir dos quais se originam todos os tipos de linguagem e processos sógnicos que os seres humanos, ao longo de toda a sua história, foram capazes de produzir.” (p. 20-21). Dessa forma, segundo a autora, toda a variedade de linguagem, como a música, a arquitetura, o teatro, o desenho, a pintura, a literatura, a gravura, a escultura e outras, estão formadas a partir das três matrizes e das combinações e misturas entre elas, como a dança que usa a linguagem visual e sonora.

Nesse sentido, compreendendo a interação comunicativa como a função primordial do texto – e entendendo texto como detentor de linguagens visual, sonora ou

verbal com sentidos para comunicação entre os seres –, pretendemos nos ater ao texto verbal, reconhecendo que há uma diversidade deles conforme as necessidades da vida social e cultural dos indivíduos. Esses tipos de textos podem ser classificados conforme suas características e a situação de uso. E essa preocupação tem “levado os estudiosos da linguagem à busca de uma classificação dos diferentes gêneros do discurso” (BRANDÃO, 2001, p. 18), que possibilita ao indivíduo a plena interação social a partir de uma competência comunicativa.

Assim, no texto de linguagem verbal, reforçamos nossa ideia de que não basta codificar e decodificar signos linguísticos para se ter leitura e escrita, mas é necessário que se utilizem, de forma competente, essas atividades que são construídas nas relações sociais, uma vez que os textos provocam efeitos de sentidos nos leitores de acordo com suas experiências de vida e de acordo com o momento e a situação em que vivem. Corroborando com essa ideia, Azeredo (2007) argumenta que “o que ‘vale’ para a interação por meio da palavra não é o que ‘está na minha cabeça’, mas o que meu interlocutor compreende graças aos sinais que produzo” (p. 8, grifos do autor)

2.5 Estratégias e habilidades comunicativas

Para se produzirem textos, orais ou escritos, em linguagem verbal, o indivíduo constrói um discurso que é manifestado linguisticamente no próprio texto. Assim sendo, o discurso é materializado no texto que, segundo Brandão (2001), pode, a partir de então, ser entendido em seu funcionamento.

No sentido etimológico da palavra discurso, Orlandi (2003) lembra a noção de “curso, de percurso, de correr por, de movimento” (p. 15), uma vez que ela vê o termo como a mediação entre a pessoa e a realidade natural e social, que “torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (p. 15), propondo a ideia de discurso como a ligação entre os indivíduos envolvidos no processo de comunicação.

Mills (1997 apud PEREIRA, 2007), esclarecendo a concepção de discurso, diz o seguinte:

Assim, um discurso não é uma coleção de afirmações deslocadas, mas agrupamentos de enunciados ou sentenças, afirmações que são promulgadas em um contexto social, que são determinadas por aquele contexto social e que contribuem para a forma com que aquele contexto social continua sua existência. Instituições e contexto social, portanto, exercem um importante e determinante papel no desenvolvimento, manutenção e circulação de discursos (p. 81)

Fiorin (2001 *apud* PEREIRA, 2007), no entanto, preocupa-se com a estrutura interna do discurso, que precisa de uma organização sintática e semântica a ponto de carregar sentidos que possam ser compreendidos pelos interlocutores. Por sua vez, Fairclough (2003 *apud* PEREIRA, 2007) apresenta uma definição da seguinte forma:

Eu vejo discursos como formas de representar aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, do ‘mundo mental’ de pensamentos, sentimentos, crenças etc., e do mundo social. (...) Diferentes discursos são diferentes perspectivas sobre o mundo, e elas são associadas com as diferentes relações que as pessoas têm com o mundo, que por sua vez depende de suas posições no mundo, suas identidades sociais e pessoais, e as relações sociais nas quais eles se posicionam em relação às outras pessoas. Discursos não apenas representam o mundo como ele é (ou, antes, como é visto), mas são também projetivos, imaginários, representando mundos possíveis que são diferentes do mundo real, e ligados a projetos de mudar o mundo em direções específicas (p. 81).

Bakhtin (1992), refletindo sobre a noção de gênero discursivo, alega que as diferentes e efetivas formas dos enunciados configuram os diversos gêneros discursivos, selecionados pelo usuário de acordo com a necessidade de expressão, o campo de comunicação e a situação em que acontece essa comunicação. Para ele, mesmo que cada enunciado tenha características individuais, o contexto e as condições de uso desse enunciado determinam algumas regularidades para sua construção. Esses são, dessa forma, os gêneros do discurso. Assim acrescenta ele: “a diversidade dos gêneros deve-se ao fato de eles variarem conforme as circunstâncias, a posição social, e o relacionamento pessoal dos parceiros” (BAKHTIN, 1992, p. 302). Zanotto (2005) diz que a existência do gênero se confunde com a própria comunicação quando afirma:

Os gêneros de texto existem desde quando o homem começou a se comunicar servindo-se das línguas naturais. A afirmação que se faz, modernamente, de que as pessoas se comunicam por textos, e não por frases, nem por palavras soltas, não instaura um novo modo de utilizar a língua. Instaura sim uma visão diferente sobre uma realidade antiga (p. 40).

Lembramos que é possível encontrar também o termo *gênero textual*, que constitui os diversos tipos de textos que permeiam os ambientes de discurso na sociedade. Esse termo está mais diretamente relacionado à construção do texto, como se pode encontrar em Marcuschi (2005)³². Contudo, esclarecemos que optamos por usar o termo *gêneros discursivos* por considerarmos, como Bakhtin, o enunciado mais voltado para as condições de produção do discurso e para reforçar nossa intenção de fazer referência às construções textuais que nos permitem analisar a linguagem em uso nas situações comunicativas, integrando o conhecimento da língua na construção textual com os aspectos sociointeracionais, históricos e culturais, importantes para o uso da linguagem.

Bakhtin (1992) alega que, em cada situação de uso da língua, segundo as condições de comunicação discursiva e de acordo com as funções sociais e interesses ideológicos, o indivíduo elabora seus “tipos relativamente estáveis de enunciados, produzidos nas diferentes esferas da utilização da língua” (p. 262). Para ele, a “língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos; é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (p. 265). Desse feito, ele considera que os gêneros nascem e se estabelecem nos múltiplos e diversos campos da atuação do indivíduo, uma vez que, dependendo da esfera de atuação social do homem, o gênero surge e se constrói de acordo com as distintas categorias históricas e sociais da vida humana, a partir de seus objetivos comunicacionais, dos participantes dessa comunicação, das relações sociais e da forma de interação nessa comunicação.

O mesmo diz Bronckart (1999), quando expõe que é preciso escolher o gênero adequado em consonância com os objetivos da comunicação, o ambiente e os papéis sociais exercidos pelos interlocutores, além de se necessitar de adaptação dos modelos de gêneros a seus valores pessoais, adotando-se estilo especial e particular para seu uso. Segundo Bazerman (2005), “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando” (p.106). Reforçando, ainda, essa ideia, Koch (2002) afirma:

(...) o contato com os textos da vida cotidiana, como anúncios, avisos de toda a ordem, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, prospectos, guias turísticos, literatura de apoio à manipulação de máquinas, etc.,

³² MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

exercita a nossa capacidade metatextual para a construção e intelecção de textos (p. 53).

Para ela, competência discursiva é que leva os usuários da comunicação linguística a perceberem o que é adequado ou inadequado em cada uma das esferas de atuação de acordo com as práticas sociais. Essa capacidade leva à distinção entre os gêneros, pois, segundo a autora, os indivíduos conhecem, mesmo que intuitivamente, as estratégias para utilização dos gêneros discursivos em um determinado texto. Assim sendo, os gêneros do discurso são enunciados que apresentam certa estabilidade e os indivíduos vão formulando e reformulando seus usos conforme as necessidades de interação social. Contudo são também flexíveis, visto que podem sofrer alterações mediante as situações de comunicação, a posição social dos indivíduos e a relação entre os sujeitos participantes desse processo interacional.

Desse feito, tanto Bakhtin (1992) quanto Bronckart (1999), Bazerman (2005) e Koch (2002) veem os gêneros como constituintes de atividades linguísticas que exigem do elaborador de texto algumas deliberações que demonstrem sua competência. Ou seja, quem produz o texto tem de decidir que gênero utilizará para cada necessidade comunicativa de acordo com a situação de produção, assim como o conteúdo, o assunto, a forma da composição e os indicadores linguísticos que devem ser tomados para se proceder com seu feito, além considerar as finalidades da comunicação e o espaço social em que ela acontece, de acordo com os interlocutores envolvidos na situação de comunicação. Nesse sentido, conhecer cada gênero e suas especificidades garante ao usuário da língua a eficiência no uso do discurso com a adequação aos diversos contextos de comunicação.

E, dessa forma, as ações sociais se manifestam por meio da linguagem na comunicação entre os seres humanos, segundo Bakhtin (2002), numa consonância entre sujeitos socialmente constituídos, durante o processo de interação. O discurso, então, é formado por várias linguagens que constituem a sociedade e as palavras assumem, assim, vários sentidos dependendo da situação, o contexto e a necessidade de comunicação. Assim os discursos se multiplicam na formação social e nas várias vozes constituintes dessa sociedade, assumindo diversos sentidos construídos e reconstruídos na história social de cada grupo ou indivíduo, numa relação de interação dialógica.

Essa é a capacidade que se percebe nos indivíduos. Eles utilizam estratégias comunicativas de forma intencional, prevendo a interação social, para lidar com qualquer situação de uso efetivo da língua, tanto oral quanto escrita, conscientes de que a comunicação exige algumas táticas para seu uso, dependendo de cada contexto.

Nessa capacidade de demonstrar competências e habilidades na comunicação pode ser vista, ainda, a capacidade do indivíduo para usar a língua ou a linguagem de forma a conseguir afetar as relações com o outro, até mesmo convencendo-o ou influenciando-o a determinadas ações, segundo Chauí (2000), usando a linguagem como instrumento para se relacionar com o mundo e com os outros e “para persuadir os outros de suas próprias ideias e opiniões. A verdade é uma questão de opinião e de persuasão, e a linguagem é mais importante do que a percepção e o pensamento” (CHAUI, 2000, p. 139).

Aproveitando-se, ainda, das ideias de Marcuschi (2001), vê-se que ele indica que, por meio de sua exatidão e adaptação social, o desenvolvimento das tecnologias trouxe novas percepções e suportes para a comunicação. Por isso mesmo, novos gêneros surgiram e antigos se adaptaram. Para o autor, o gênero está presente na vida cotidiana dos indivíduos com formas sociais e comunicacionais peculiares que se constituem a partir de sua composição, dos objetivos discursivos e dos estilos que fixam esse gênero em um momento histórico, tecnológico, institucional e social específicos (MARCUSCHI, 2001).

Dessa forma, surge a capacidade do indivíduo para, de acordo com a razão, vontade e intenção, argumentar com outro e persuadi-lo por meio de todo e qualquer discurso, como afirma Koch (2002). A autora expõe da seguinte forma sua ideia sobre o termo:

o ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer momento subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (p. 17 - grifos da autora)

Argumentar depende do interesse de qualquer indivíduo que visa ao convencimento do outro no momento de comunicação. Dessa forma, a argumentação depende da intenção dos participantes do discurso de acordo com a relação em que se estabeleceu o diálogo. Na argumentação, percebe-se a pretensão do falante de tornar o outro conivente com seu discurso. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000), a

argumentação exige que se valorize a adesão do interlocutor, visto que este admite essa adesão, doando sua participação mental.

Para argumentar é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental (...). Quem não se incomoda com um contato assim com os outros será julgado arrogante, pouco simpático, ao contrário daqueles que, seja qual for a importância de suas funções, não hesitam em assinalar por seus discursos ao público o valor que dão à sua apreciação (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2000, p. 18).

Sendo assim, é preciso competência comunicativa para se argumentar a ponto de se convencer o outro – e isso já tem bastante valor – exigindo, assim, modéstia por parte de quem argumenta. Continuando, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000) asseveram que argumentar é “uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente” (p. 59), porque a importância do convencimento é conseguir que o outro mude pelo menos sua forma de pensar. Nesse sentido, para os autores, a argumentação garante novas formas de pensamento e novas oportunidades de re-elaboração de opinião e atitudes, sendo, por isso, oportunidades de aprendizagem, dependendo da cultura e do meio de vida das pessoas com quem se convive.

Koch (1996), distinguindo convencimento de persuasão, diz que o primeiro tem como objetivo “provocar a certeza através da evidência pela razão”, sugerindo, nesse sentido, uma relação lógica entre os fatos ou ideias, enquanto na persuasão, aproveita-se de “argumentos que podem levar a inferências” (p.121) que, não necessariamente, constituíram-se de verdades absolutas. Assim sendo, a argumentação depende da intenção do locutor e só é possível se acontecer numa relação de interlocução definida pela intencionalidade, pois comunicação é, conforme já vimos, reflexo de nossa capacidade de uso da linguagem na interação social de acordo com a cultura e as experiências de mundo.

Esclarecendo alguns conceitos, Costa (2002) acrescenta que convencer garante-se com o campo da razão, porque não apela para os sentimentos, pois se utiliza de provas ou de argumentos organizados com um fim específico, enquanto para persuadir é preciso agradar, recorrendo-se aos sentidos ou ao poder de sedução, com finalidade de alcançar o outro por meio das sensações.

Contudo, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000) dizem que essa distinção vai além da dicotomia razão/emoção, pois está centrado na ideia do público a ser atingido, uma vez que a argumentação – ou convencimento – é mais direcionada a públicos particulares,

que podem analisar as ideias apresentadas, ao passo que a persuasão liga-se a públicos não entendidos dos conceitos discutidos e, por isso mesmo, mais facilmente seduzidos pelo discurso persuasivo.

Nesse contexto, faz-se necessário relembrar a importâncias de perceber que para se argumentar, convencer ou persuadir, deve-se levar em consideração que o homem domina essa capacidade de envolver o outro em seu discurso quando conhece esse interlocutor e organiza seu texto discursivo com finalidade apropriada ao contexto, também específico, de comunicação. Assim, a linguagem é utilizada pelo indivíduo com grande carga de intencionalidade, tornando-se um organismo próprio para a interação social em que um sujeito tenta garantir que o outro participe de sua realidade e de seu conhecimento e experiência de mundo. É por meio desse discurso argumentativo intencional que um ser transporta sua persuasão, suas pretensões e seu convencimento.

CAPÍTULO III

ESTUDO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo, conforme já anunciado, pretende apresentar, descrever, analisar e discutir os dados obtidos a partir da observação do campo à luz dos conceitos teóricos apresentados nos dois primeiros capítulos deste estudo, que teve como objetivo analisar as práticas comunicativas dos jovens no orkut com vistas à identificação das estratégias discursivo-argumentativas que favorecem o aprimoramento da leitura e da escrita como competências socioculturais que permitem o desenvolvimento do pensamento crítico.

Nesse sentido, a investigação destacou alguns objetivos específicos que propuseram a nortear a pesquisa, quais sejam: a) identificar o que e como os jovens leem e escrevem no orkut; b) analisar as estratégias discursivo-comunicativas utilizadas pelos jovens em suas práticas comunicativas no orkut; e c) analisar as estratégias argumentativas utilizadas pelos jovens em suas práticas comunicativas no orkut.

Para tanto, este capítulo está estruturado da seguinte forma: num primeiro momento apresenta-se a metodologia que orientou o trabalho realizado e os passos seguidos para a busca dos dados teóricos e empíricos. Em seguida, faz-se uma caracterização do contexto da pesquisa, dos participantes e dos instrumentos utilizados para a coleta de dados, além de se apresentarem as categorias de análise. A partir daí, serão apresentados os resultados da pesquisa, tendo em vista todos os elementos apresentados.

3.1 Aspectos gerais da metodologia

A investigação buscou analisar a leitura e a escrita dos jovens para sua comunicação social no orkut, rede social de maior abrangência entre os jovens do Brasil. Para tanto, em função da natureza do objeto de estudo, a investigação procurou adotar os procedimentos da pesquisa qualitativa, que tem como objetivo apreender as diferentes

representações ou interpretações que os sujeitos envolvidos fazem do contexto: conceitos, sentidos e percepções da realidade. Nesse tipo de pesquisa, o investigador deve se adentrar ao campo para buscar dados que não falam por si, mas precisam ser analisados, interpretados e compreendidos a partir da postura de envolvimento direto do pesquisador com a situação estudada, numa maior preocupação com o processo do que com o produto.

Segundo Patton (apud ALVES, 1991), os estudos **qualitativos** apresentam três características fundamentais: a visão holística, "compreensão do significado de um comportamento ou evento em função da compreensão das inter-relações que emergem de um dado contexto"; a abordagem indutiva, em que "o pesquisador parte de observações mais livres, deixando que as dimensões e categorias de interesse emerjam (*sic.*) progressivamente durante o processo de coleta e análise de dados"; e a investigação naturalística, quando a "intervenção do pesquisador no contexto observado é reduzida ao mínimo" (p. 131).

Adotaram-se também as noções de Bogdan e Biklen (apud LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 11-12) que definem cinco características que esclareceriam e complementarariam as de Patton: 1) ambiente natural como fonte de dados e pesquisador como principal instrumento; 2) dados predominantemente descritivos; 3) maior preocupação com processo que com o produto; 4) atenção especial do pesquisador para com o sentido atribuído às eventos pelos pesquisados; e 5) utilização de processo indutivo na análise dos dados.

A pesquisadora criou um endereço eletrônico para si no orkut para observar os movimentos comunicacionais dos alunos pesquisados, mantendo-se imersa na virtualidade por quatro meses – de 23 de junho a 26 de outubro de 2010. Além desse tempo, também continuou a observar por mais dois meses em momentos avulsos. Dessa forma, caracteriza-se como uma pesquisa de inspiração etnográfica – no caso específico, etnografia virtual. Assim sendo, procurou-se trabalhar de forma flexível, buscando a maior parte do tempo possível de imersão no campo, fazendo correlação com os fatos externos à virtualidade e tentando analisar “produtos que possam vir a ilustrar a perspectiva dos participantes, isto é, sua maneira de ver o mundo e as suas próprias ações” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 14), mantendo-se em campo até perceber ter atingido um ponto de redundância.

A etnografia virtual, segundo Hine (2000), designa formas de fazer etnográfico no espaço de interações em que se configura a Internet e as tecnologias digitais. Trata-se de uma metodologia que propõe a observação participante como estratégia de integração do

pesquisador nos processos sociais que estuda para obter informações na perspectiva do ator e com o objetivo de compreender suas estruturas de significação. Dessa forma, baseia-se na transposição do espaço de pesquisa para o ciberespaço, postura inevitável para se conseguirem compreender as práticas culturais cotidianas surgidas por meio da comunicação mediada pelos computadores ligados à Internet, entendendo que esse espaço tem se revelado como rica possibilidade de comunicação. Para a autora, o pesquisador torna-se um participante “que compartilha algumas das preocupações, emoções e compromissos dos sujeitos pesquisados” (HINE, 2000, p.47).

Reforçando essa ideia, Kozinets (2007), usando o termo **netnografia**, segundo ele mais utilizado em áreas como marketing e administração, afirma que o pesquisador dessa modalidade transforma-se em experimentador do campo, pois necessita empenhar-se ao utilizar o objeto pesquisado no exato momento em que o pesquisa. Também Simone Sá (2002) propõe a netnografia como opção metodológica para a investigação de ambientes comunicativos na virtualidade. Segundo ela, essa é uma forma de se discutir a cibercultura, as noções de hipertexto e interatividade e as comunidades online a partir das experiências de socialização na web.

Também Gutierrez (2009) apresenta a etnografia virtual ou netnografia como possibilidade de investigação científica, visto que, segundo ela, a pesquisa “na e sobre a rede mundial de computadores é tão recente quanto a própria rede e, por isso, metodologias, métodos, técnicas e instrumentos foram inicialmente adaptados da pesquisa off-line em temas correlatos”. Dessa forma, a autora considera o campo constituído pelo ciberespaço muito novo e acrescenta:

(...) existe a necessidade de se ampliar o alcance das metodologias criadas e desenvolvidas na pesquisa de fenômenos anteriores a existência de uma dimensão cultural on-line. Por consequência, as metodologias podem se hibridizar, acolher métodos e técnicas umas das outras e receber influências de teorias diversas (p. 3).

Para Gutierrez (2009), nesse contexto de pesquisa, “as práticas sociais e culturais produzidas neste não-lugar, a cibercultura, além de criar modos de ser e estar específicos, integram as culturas dos demais espaços e as transformam, sendo por elas, também, transformadas” (p. 1). Ou seja, há uma troca de influências e transformações entre as práticas socioculturais dos espaços reais e virtuais de comunicação. Desse modo, Gutierrez (2009) reforça que esse tipo de estudo não exige a presença física do

pesquisador. Ela alega que “se não houver interação, o pesquisador poderá passar despercebido” (p. 11).

3.2. Caracterização geral do contexto empírico

A pesquisa apresentou como ponto de partida a condição da pesquisadora como professora do Ensino Médio e do Ensino Superior, atuando na formação de professores. Tal experiência docente tem evidenciado que os jovens de Ensino Médio comumente apresentam dificuldade em lidar com situações de leitura e escrita na sala de aula, porém leem e escrevem em situações sociais mediadas pela tecnologia como orkut, msn, myspace, blogs e outros.

A opção pela cidade de Anápolis deu-se por ser onde está fixada a residência da pesquisadora, bem como a sede da Rede Goiana de Pesquisa REDUCATIVA, que desenvolveu a pesquisa Leitura na Tela. Optou-se pela realização da pesquisa numa escola pública e de classes populares da periferia, levando-se em consideração que essa é uma parcela da população que se apresenta com menores possibilidades de acesso à tecnologia digital. Os sujeitos da pesquisa têm idades entre 14 e 17 anos.

A escola em que se deu a seleção dos sujeitos para a pesquisa é o colégio José da Silva³³. Com acesso por via pavimentada e cercado por muro de alvenaria, o colégio pertence à rede estadual de ensino e está localizado em um bairro da periferia de Anápolis, em um terreno de 8.378 metros quadrados, sendo 1.291,72 metros de área construída.

O colégio localiza-se a cinco quilômetros do marco central da cidade que, segundo o setor de Engenharia de Trânsito do CMTT (Companhia Municipal de Trânsito e Transporte) é a Praça Santana. Com salas de aulas disponíveis no turno Matutino, o colégio possui também salas para coordenação, direção e secretaria, além de uma sala de professores e uma casa, que já foi habitação do zelador e hoje serve como cozinha. Possui ainda uma biblioteca com 784 livros catalogados, que ocupa uma área de 63,59 metros quadrados; uma quadra de esportes coberta; sete banheiros para os alunos, sendo um especial para cadeirantes, e dois para professores e funcionários; uma sala para vídeo-aula; um laboratório de Ciências, além de um laboratório de informática com 22 computadores

³³ Nome fictício que tem como objetivo proteger a identidade da escola e dos sujeitos pesquisados.

padrão Cyber³⁴, funcionando com programa do Windows³⁵ com acesso à Internet que, segundo informação dos alunos e funcionários, é lenta e sempre perde a conexão, em especial quando todos os alunos a acessam ao mesmo tempo.

No ano de 2010, o colégio José da Silva contava com aproximadamente 431 alunos, nos turnos Matutino, Vespertino e Noturno. No turno Matutino havia 187 alunos matriculados e frequentando turmas de 6º ano do Ensino Fundamental a 3º ano do Ensino Médio. Desse total de alunos, 76 estavam matriculados no Ensino Médio e foram, por isso, contatados, pois constituíam o foco do estudo.

O colégio possui um blog na Internet com apenas quatro publicações entre os meses de agosto e setembro de 2009. Nesse blog, pode-se perceber alguma identificação do colégio: “Somos uma escola de tempo integral, voltada para a formação de alunos do ensino fundamental e médio da rede pública estadual de educação de Goiás. Nossa missão é promover uma aprendizagem que garanta aos nossos alunos uma vida digna e feliz!”

Por meio da aplicação de um pequeno questionário, descobriu-se ser o orkut a principal rede social utilizada pelos estudantes. Partiu-se, então de uma amostra inicial: os estudantes de Ensino Médio da escola em questão que fazem uso do orkut fora do contexto escolar. Essa amostra foi ampliada, conforme descrição a seguir.

3.3 O desenvolvimento da pesquisa

Pretendendo desenvolver a pesquisa em sites de relacionamento, também chamados de redes sociais virtuais, antes de entrar em contato com os prováveis sujeitos da pesquisa, a pesquisadora criou para si um endereço no orkut, buscando navegar livremente para entender o que era e como funcionava esse site.

³⁴ Dentro do processo de informatização da rede estadual da Educação no estado de Goiás, os novos laboratórios de informática padrão CYBER contem 23 computadores, 1 impressora, link e equipamentos para conectividade com internet, e estão em processo final implementação. Disponível em: http://www.educacao.go.gov.br/educacao/gestao/getec/projetos_cyber.asp

³⁵ Microsoft Windows é uma popular família de sistemas operacionais criados pela Microsoft, empresa fundada por Bill Gates e Paul Allen. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&biw=1187&bih=517&rlz=1W1ASUT_pt-BR&defl=pt&q=define:Windows&sa=X&ei=mpNBTd61PMfbgQeT06yhAg&ved=0CB8QkAE> Acesso em: 18/2/2011.

Conversando com a coordenação do turno matutino do colégio, percebeu que seria mais fácil encontrar sujeitos que se adequassem a pesquisa, nesse turno, já que no vespertino, só funciona o Ensino Fundamental, e, no turno noturno, os alunos são mais maduros e normalmente trabalham durante o dia, o que poderia indicar dificuldades para acesso mais acentuado às lanhouses, uma vez que teriam menos tempo para acessar a Internet ou poderiam acessar do trabalho e não utilizarem dos centros de acesso pago como as lanhouses do bairro.

Visando à seleção dos sujeitos, aplicou-se, no turno matutino, durante os momentos de entrada e saída e nos intervalos de aula, um pequeno questionário em que se pretendia detectar estudantes que, mesmo não possuindo computador em casa, utilizavam as redes sociais nas lanhouses do bairro. Pôde-se, a partir daí, proceder a uma seleção de estudantes que se adequassem às exigências do estudo. Com o questionário, percebeu-se que a rede social da Internet mais utilizada pelos alunos do colégio era realmente o orkut.

No início, houve grande dificuldade para se conseguir o endereço eletrônico de vários desses alunos, porque alegaram que seus pais não poderiam assinar o termo de livre esclarecimento, pois não sabiam que eles acessavam sites de relacionamento pela Internet. Os alunos acrescentaram que diziam aos pais que, quando iam às lanhouses, era sempre para executarem pesquisas para a escola e que os pais não tinham de saber que tinham contatos com esses sites. Nesse caso, os sujeitos da pesquisa ficaram reduzidos a apenas seis alunos da escola que se dispuseram a assinar o termo de livre esclarecimento e levá-lo para casa a fim de que os pais também assinassem, além de oferecerem seus endereços para que, recebendo o pedido da pesquisadora, pudessem adicioná-la como contato no orkut deles. Contudo, por meio desses alunos, que se tornaram “amigos” da pesquisadora no orkut, pôde-se ampliar essa amostra com a possibilidade de acesso também aos “amigos” dos alunos e, também, aos “amigos” dos seus “amigos”, o que fez com que se expandissem as possibilidades de acesso a centenas de scraps.

Dessa forma, puderam-se conhecer seus contatos ou, de acordo com o site, amigos; assim como também foi possível apreciar suas formas de escrita e suas comunidades virtuais, garantindo a possibilidade de observação de sua comunicação com seus interlocutores, percebendo seus movimentos de leitura e escrita.

Nesse instante, então, a pesquisadora procurou aprofundar seu conhecimento teórico e prático acerca do site de relacionamento chamado orkut. Descobriu que, a priori,

não era possível determinar as categorias de análise, uma vez que seria necessário conhecer a realidade de comunicação, para depois poder defini-las. A partir do conhecimento e utilização de alguns recursos do orkut, percebeu-se que os usuários, tanto jovens quanto adultos, apreciam esse site de relacionamento, por ele permitir relacionamentos de interlocução com um “amigo” ou com vários.

No entanto há de se ressaltar que, mesmo navegando pelos depoimentos e recados dos sujeitos em sua rede social virtual, a pesquisadora manteve-se ausente das interlocuções com os sujeitos observados na rede social. Ela faz, portanto, parte da rede de amigos desses alunos, mas não entrou em contato direto para comunicação, a fim de não os incentivar a manter o contato específico com ela e, com isso, evitar que fiquem preocupados com sua presença e observação.

Dessa forma, caracteriza-se ainda de forma mais veemente a definição desta pesquisa como qualitativa, apresentando visão holística do contexto de comunicação na rede social orkut, numa abordagem indutiva a partir das observações mais livres, intervindo o mínimo possível no contexto observado (PATTON, *apud* ALVES, 1991).

3.4 Descobrendo estratégias de comunicação no orkut

A partir da observação dos movimentos de leitura e escrita na comunicação social online dos alunos pesquisados, pôde-se partir para as definições das categorias de análise dos dados levantados que, em total relativos, correspondem a mais de 400 páginas recolhidas e impressas como fotografias produzidas pelo sistema PrintScreen do computador, que captura em forma de imagem o conteúdo de uma tela.

No corpus analisado, observa-se o tratamento de, basicamente, três temas: expressão pessoal, relações afetivo-amorosas e promoção de eventos por meio da publicidade e da propaganda.

Acerca da expressão pessoal, percebe-se uma manifestação das características da personalidade e dos gostos e hábitos dos jovens ao utilizarem o orkut, inclusive utilizando, em alguns momentos, “provocações”. Nesse sentido, percebe-se um interesse de promoção da auto-imagem e de tudo o que se relaciona aos interesses sociais dos usuários. Para tanto, vê-se a necessidade de manter a comunicação, numa tentativa de ser

agradável ao interlocutor com elogios e adequação linguística ao recurso que se está utilizando.

Nas relações afetivo-amorosas, observa-se um interesse em discorrer, para o grupo, os acontecimentos considerados importantes nas relações sociais da juventude, como relatos sobre encontros amorosos, término de namoros, separações e traições, bem como argumentação sobre acontecimentos relacionados a essas relações afetivo-amorosas

Outro tema frequente é a capacidade dos usuários de lançarem promoções acerca de eventos por meio de publicidade e propaganda de shows e músicas, relacionados a tais relações afetivo-amorosas. Nota-se um relevante interesse em divulgar os eventos típicos da comunidade a que pertencem. E, nesse sentido, também se argumenta sobre a necessidade de se entrosar com o grupo, participando dos eventos considerados agradáveis para a socialização de todos os jovens.

Tendo em vista a preocupação com as práticas comunicativas no orkut e as contribuições de Azeredo (2007), Bazerman (2005), Brandão (2001), Bronckart (1999), Chauí (2000), Chen (1990), Costa (2002), Costa Val (1991), Fávero e Koch (1994), Kleiman (2002), Koch (1996, 2002, 2008) Koch e Traváglia (1992), Santaella (2005), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000) e Vygotsky (2008), entre outros, as categorias de análise foram assim definidas:

1. Estratégias discursivo-comunicativas
 - a. Leitura e escrita contextualizadas em sentido e significado de um novo código;
 - b. Formas de referência discursiva;
 - c. Emprego de outras vozes e de um falar coletivo.
2. Estratégias argumentativas
 - a. Convencimento e persuasão do interlocutor;
 - b. Divulgação de comunidades, sites ou vídeos.

3.4.1 Estratégias discursivo-comunicativas

No contexto deste estudo, as estratégias discursivo-comunicativas serão consideradas como as formas de comunicação desenvolvidas e praticadas pelos jovens no orkut

Estratégias discursivas designam todos os meios mobilizados para agenciar enunciados a fim de compor um discurso. Estas estratégias visam a obter um conjunto não apenas coerente, mas interessante, agradável, intrigante, segundo o efeito que se visa produzir sobre o interlocutor. A discursividade é, então, o que atribui qualidade ao discurso – coerência interna, unidade e objetivo (finalidade) – e o distingue, assim, de um simples conjunto de informações ou dados. De uma maneira simples, pode-se opor a capacidade de gerar frases (competência morfossintática) àquela de gerar um discurso. Quando se tratar da expressão escrita será utilizada a expressão “texto” e não discurso, a menos que se deseje definir o texto de forma mais rigorosa como instanciação do discurso.

As estratégias comunicativas podem ser designadas como todos os meios implementados para afetar o processo de comunicação, aqueles que intervêm em um nível mais geral do discurso. Exemplos: a tomada da palavra (falar, escutar, interromper, responder em eco, retomar o que disse o interlocutor ou mudar de tema, etc.), a implicação maior ou menor com a interação, o respeito ou a violação deliberada das regras de etiqueta ou, ainda, a exploração dos conhecimentos sobre o interlocutor ou a situação de interação a fim de melhor controlá-la.

a. Leitura e escrita contextualizadas em sentido e significado de um novo código

A comunicação, mais que nunca, está presente em textos como o que se encontram a seguir. O usuário do orkut desabafa para uma colega e, claro, para todos os que têm acesso a sua comunicação, referindo-se ao difícil término de um namoro. Numa linguagem típica dos internautas em redes sociais, ele fala da dificuldade de se tomar a decisão diante da súplica e humilhação da garota, como se estivesse se justificando para quem quiser explicações. Contudo, interessa-nos observar como se dá a leitura e a escrita dos códigos utilizados pelos usuários, conforme quadro a seguir:

Quadro 1 – Código utilizado no scrap 1.

;/	chateação, desapontamento
VS	vocês
D:	muita tristeza
DD:	mais tristeza ainda
mt mt MT	muito, muito, muito
foda Best	muito ruim, o mais ruim de tudo, extremamente ruim

Fonte: organizado pela autora, 2011.

Scrap 1

terminei ;/
 meu vs não tem noção de cmo ela choro, partio meu coração mvendo ela chorar daquele jeito
 foi horrivel D:
 e o pior, ela emploro mt mt mt pra mim não largar ela, se humilho pra mim.
 foda best. mais vai ser melhor assim DD:

O que se observa é a capacidade de se ler e escrever de forma a transmitir sentimentos em um novo código, para um grupo seletivo e ao mesmo tempo para qualquer um que tenha acesso ao conteúdo escrito. Nas redes sociais, como o orkut, tem-se essa possibilidade de se comunicar de forma instantânea com um número maior de pessoas na difusão de suas ideias e – por que não? – sentimentos. Para se ter acesso a essa forma de linguagem, é preciso conhecer e dominar, além dos signos linguísticos, alguns signos próprios da comunicação online.

A seguir, mais três exemplos de comunicação por meio de signos novos que requerem leitura e escrita específica de um novo código utilizado em situação, também nova, de interação. Para compreendê-los, vale a pena ver o quadro a seguir:

Quadro 2 – código utilizado nos scraps 2, 3 e 4.

_ ou *---*	bichinho com olhinhos brilhantes, serve para tornar a comunicação agradável, demonstrando sorriso ou carinho
;P	piscando e mostrando a língua
pq, tbm	porque e também, elementos de coesão para dar sequência ao discurso
♥	amor ou amizade
&	e
) : ou :)	sorriso, alegria
;O	gritando e piscando
;x	piscando com boca fechada
\õ	com braço para cima, demonstrando animação ou festejando algo
ouiaeiouaeioeaeiouae	risadas

Fonte: organizado pela autora, 2011.

Scrap 2

_ nossa guria a gente nem sumio ;P
só o bruno que nao ta mais entrando, pq ele nao paga mais a net na casa dele, daai ele só meche quando vem aqui em casa ;P
Mais, eu tbm fiquei feliz *_* nossa foi horrivel amiga ;/
mais enfim. a gente se ama né *_* e ja faz 1 ano e 4 meses cara *---*
e vs ? o queme conta de bom ? ta namorando mto ? haha
beijinhos mil ♥

Scrap 3

Noois & Muito Brigona , Seempre Juuntas :)

Scrap 4

PARABÉNS, PARABÉNS **HOOJÊ** É SEU DIA, QUE DIA MAIS FELIZ. :D
ouiaeiouaeioeaeiouae ;x
tudo de bom pra você.
que todos os seus desejos se realize. \õ
que você seja **muito** feliz.
precisando grita eu. ;O
tj amo. ;\$
;* (L)

Nessa comunicação, vê-se a tentativa de não perder o contato e mostrar-se agradável, visando a manter ativa a relação online ativa. Para isso, além dos signos

linguísticos, utilizam-se novos códigos da virtualidade, exigindo escrita e leitura diferentes dos enunciados constituídos apenas de palavras. As palavras aparecem entremeadas de formas não linguísticas, carregadas de significação que assumem sentido para quem conhece o código. Contudo, alguns desses símbolos já são conhecidos da sociedade – principalmente nas escolas – onde é frequente a comunicação diária por meio dos típicos caderninhos ou agendas de recados, que ainda circulam no ambiente escolar, para o registro de recados de amizade ou elogios. É interessante lembrar que os meninos também colocam recadinhas nos cadernos ou agendas das meninas. Contudo, são as meninas quem normalmente possuem e espalham esses caderninhos ou agendas de recados para serem assinados eram as meninas.

Na comunicação online das redes sociais, percebe-se que, tanto meninos quanto as meninas fazem uso constante dessas possibilidades de recados para parabenizar, para dar ‘uma boa noite’, para lembrar os seus sentimentos – amor, paixão ou amizade, por exemplo –, normalmente em tons elogiosos e carinhosos.

Há de se observar, todavia, que a ideia de economia de signos com o uso da redução vocabular nem sempre está presente no texto, uma vez que ao lado de expressões como **pq, ta, net, tbm, né, vs, mto**, que revelam economia vocabular e de digitação, encontram-se **meche, mais, noois, seempre, juuntas, beem**, que utilizam mais letras que o necessário, o que pode sugerir imperícia no uso da língua escrita ou simplesmente um reforço de ideias. No entanto, são todos exemplos de expressões de um código utilizado pelos usuários das redes sociais, que caracterizam uma forma bem especial de comunicação que, segundo Freitas (2000), consiste em “teclar pouco e dizer muito para economizar tempo e comunicar-se rapidamente” (p. 14). Assim, ler e escrever se misturam num emaranhado de relações e interações de um *conversar-escrevendo*.

Além do mais, é notável o uso de cores diversas e do jogo de maiúsculas e minúsculas na utilização da mensagem escrita.

Novamente percebe-se uma codificação restrita ao grupo conhecedor das regras dessa comunicação das redes sociais, no caso específico orkut. Essas regras podem ser entendidas somente dentro de determinado contexto e por aqueles que estão, de uma forma ou de outra, envolvidos nesse contexto. Dessa forma é possível, mesmo que relativamente, perceber que os usuários se adaptam a essa nova forma de comunicação, adotando suas regras de funcionamento.

A plataforma do orkut permite apenas 1024 caracteres na escrita de scraps. Isso significa que, assim como na emissão de mensagens pelo celular, não há como se escrever muito. São rituais diferenciados para a escrita e, conseqüentemente, para a leitura. Nesse caso, é um código mais ou menos fechado, conhecido só para quem faz parte do grupo ou esteja na mesma faixa etária ou atuante na comunicação online das redes sociais. É uma linguagem para um grupo seletivo.

No mesmo fragmento há ainda, uma redução vocabular que se resume consoantes, que representam palavras inteiras como em “*c o q vooc é c resume em apenas 11*” ou, traduzindo para uma linguagem mais convencional e com maior possibilidade de entendimento: *se o que você é se resume em apenas 11*.

Nos textos seguintes, aparecem também palavras que trazem dificuldades para decifração, como **own**, apenas uma expressão de afeto ou ternura, sem apresentar uma significação específica; **dolu** (scrap 8), que significa adoro, para demonstrar amor ou amizade por alguém, também revelando uma expressão de carinho e meiguice em uma linguagem afetiva e infantil de declaração de amizade de uma garota para outra ou de um rapaz por uma garota, como acontece em “**doloo**” (10). É notável também observar a preocupação em aumentar o tamanho da fonte para expressar a dimensão do sentimento, conforme se percebe no último exemplo a seguir.

Scrap 5

Pra qq -' **1024** caracteres, ?
c o q vooc é c resume em apenas **11**
E S P E C I I I I A L .

Scrap 6

own linda *-
que saudades de conversar com voce ;/
como vai sua vida gatinha ?

Scrap 7

Oii
 To jóia tbm ..
 Vcê tbm nem ta sumida né ,R.ssss
 Brigado anjinha ,pra vcê tbm 😊
 BeijO ☐

Scrap 8

Oi
 vc é mt especial pra mim tbm
 dolu demais vc
 beijsss

Scrap 9

sumi nd vc q sumiu
 eu to trabalhando e estudando
 to fazendo nd de bom e vc bjos

Scrap 10

Toma , É Praa Você
 "o_♥
 <|
 /)
linda ti dolooo ! ;x

A leitura e a escrita, na comunicação por meio do orkut, como foi visto, vão muito além da decodificação, pois, além dos signos linguísticos conhecidos pelos usuários da língua, usam-se outros signos carregados de significados, e os usuários também lhes acrescentam novos sentidos.

Dessa forma, lembramos Langendoen (1999) quando diz que "toda língua é um sistema com recursos suficientes para comunicar as intenções, desejos e crenças de seus falantes" (p. 235). Segundo ele, os elementos mais significativos da teoria linguística são os elementos de *expressão* (nesse caso consideramos as palavras, os símbolos e até mesmo

as reduções ou pontuações diferenciadas como transportadoras dos sentidos daquilo que é expresso a fim de comunicar algo) e os elementos de *significado*, que trazem consigo exatamente aquilo que se comunica. O autor também esclarece que tudo o que é dito em uma língua é dotado de expressividade e viabilizado por meio da interação entre os vocábulos pertencentes à língua, bem como da estrutura, classificação e formação desses vocábulos e suas relações funcionais, com a acomodação deles à frase e a das frases no discurso, numa relação lógica para se construir um ou mais sentidos dentro das regras da linguagem.

Outro fator a ser lembrado para um estudioso das formas de linguagem e comunicação são as diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua. A linguagem escrita apresenta algumas peculiaridades que a tornam mais exigente quanto a sua apresentação, enquanto a língua falada é mais simples e descomplicada.

A língua falada ou oral apresenta-se subsidiada pela presença de recursos sonoros e gestuais e, devido à presença dos interlocutores, demonstra ao mesmo tempo vivacidade e repetição de termos ou expressões mais fortes, que normalmente são enfatizados ao gosto dos falantes. Ao contrário, a língua escrita exige precisão para sua elaboração, uma vez que não é improvisada e, às vezes, o interlocutor é esquecido, fazendo com que o escrevente tenha mais tempo e cuidado na elaboração da mensagem.

O que se vê na linguagem desses usuários das redes sociais é uma espécie de reinvenção das formas de conversação presencial, face a face, ou mesmo por meios mais convencionais, como a conversa por telefone. Misturam-se as características de cada estilo e forma-se uma maneira especial de se falar-escrevendo, com aparência da oralidade, porém mesclando-se fala e escrita, numa forma nova de se relacionar com a escrita e, ao mesmo tempo, com a oralidade. A insuficiência da escrita para demonstrar todas as possibilidades comunicativas da linguagem oral vai resultando num hibridismo de linguagens, a tal ponto de se aproveitar de qualquer símbolo ou som que possa, de alguma forma, emitir sentidos a quem recebe a mensagem. É o que se vê nos exemplos apresentados com figuras de carinhas sorridentes, corações vermelhos, cores chocantes, setas e sons nem sempre decifráveis para todos, mas que comunicam de uma forma diferente.

Assim, o que se conclui é que há uma aplicação da oralidade na escrita e vice-versa, ou seja, tentam-se unir as possibilidades de uso da linguagem de forma total e

absoluta, como se uma pudesse – e pode – complementar a outra. Ou, aproveitando-se das palavras de Marcuschi (2001):

A escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de fonte (p. 17).

Assim, esse novo suporte, a virtualidade, segundo Rocco (1999) influencia na forma de produção dos textos, na sua aparência dos textos e também nos processos de apropriação e significação que os leitores dão a eles, porque são textos que apresentam hibridismo em sua construção, pois, apesar de se constituírem por meio da escrita, empregam os recursos da linguagem oral e os símbolos, que viabilizam uma proximidade com a naturalidade de uma conversa.

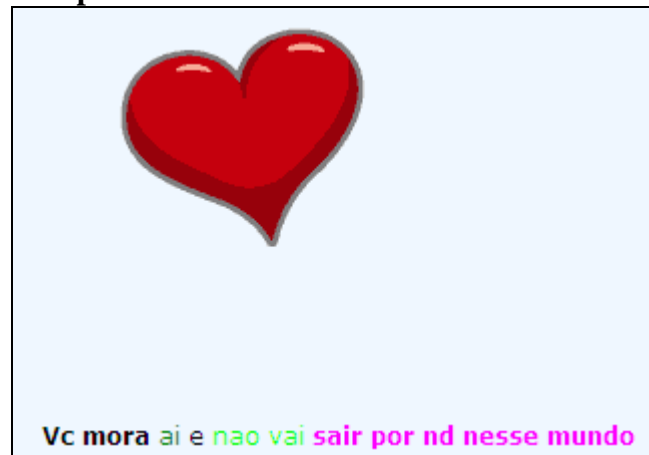
Contudo é necessário ainda lembrar que esse é um novo gênero discursivo e que, segundo Bakhtin (1992), todos os gêneros apresentam motivação social para seu uso e desenvolvimento para a provisão de alguma necessidade de comunicação.

É, ainda, proeminente lembrar que o leitor – em especial o participante de redes sociais – precisa dotar-se dessa capacidade comunicativa diferenciada e miscigenada para conseguir comunicar-se de forma a compreender suas possibilidades de interpretação de acordo com os sentidos construídos nas relações sociais refletidas por essas redes.

Conforme reforçado nos exemplos a seguir, os sujeitos pesquisados revelam seus objetivos comunicacionais por meio da junção das linguagens verbal e não verbal, apropriando-se da escrita aliada aos desenhos, imagens do cinema e da TV, figuras, músicas, potencializando sua linguagem conforme lhe aprouver.

No primeiro exemplo, observa-se como o escrevente aliou dois textos, um verbal e outro não verbal; contudo, no texto verbal, acrescentou a palavra *aí*, que faz referência exatamente ao que aparece no texto não verbal. E no segundo quadro, vê-se a correlação de um fragmento de uma música, além de um símbolo não verbal – a imagem de um coração “flechado” – para refletir um sentimento, garantindo-se uma reprodução da afetividade de quem produziu o texto.

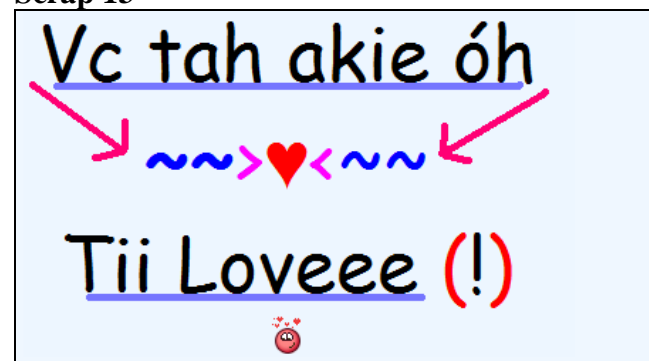
Scrap 11



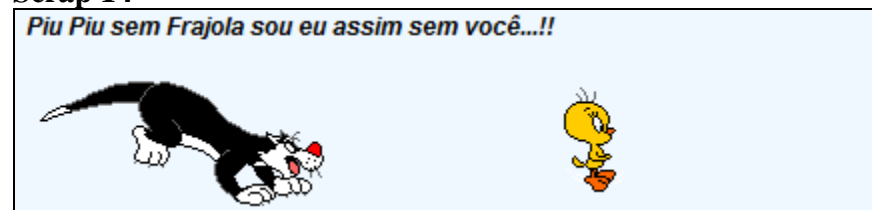
Scrap 12

- elaa tem um lugarzinho aki oh ~-> ♥

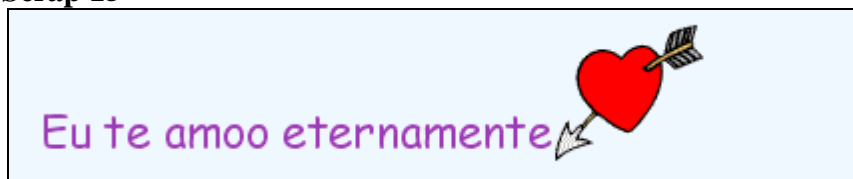
Scrap 13



Scrap 14



Scrap 15



b. Formas de referência discursiva

Durante a comunicação por meio do orkut, é comum a mudança de pessoa do discurso. Um usuário escreve um depoimento para outro como se estivesse falando de alguém, ou seja, usando a terceira pessoa do discurso, ele ou ela – em especial ela, já que os rapazes estão constantemente elogiando as garotas. A seguir há alguns exemplos dessa modalidade de conversação. Percebe-se que nesse momento acontece um falar coletivo, em que um usuário da rede revela a todos o que acha da pessoa a quem se refere. É uma necessidade de expor o que percebe ou sente em relação a uma pessoa, mas sem deixar de sentir a coletividade ao grupo. Os depoimentos a seguir foram escritos por dois rapazes que, enviando uma mensagem diretamente para uma garota, elogiam-na para todos os que tivessem acesso a sua rede de relacionamento, utilizando esse falar coletivo em 3ª pessoa do discurso, conforme se pode perceber com o uso do pronome ela (ou elaa). Assim, mesmo estando se dirigindo a uma pessoa específica, em vez de postar “você é linda”, verifica-se que o jovem escreve: “Ela é linda”.

Scrap 16

Gente vcs n tem ideia do qto essa gatOna é
especial pra mim! *-*
Vsê aqui oh-->♥
- 'Seempre!

Scrap 17

Ha ela sabe ser linda viu!!!
Ela e muio especial pra mim !!!
----->♥<-----

Scrap 18

Eu amoo elaa demaais

**Scrap 19**

*Ela se tornou
especial na minha vida.
Sempre que precisar pode contar comigo.
Te
adoroo muito !!!
Beijooo ♥*

Scrap 20

*A ela sabe ser linda viu ♥
ela ser minha melhor gatinha
amo vc muito lindinha*

É comum, também, a mudança brusca da 3.^a para a 2.^a pessoa do discurso, embora continue se referindo à mesma pessoa, ou seja, como se estivesse falando *com ela*, e não *dela*. Essa mudança de pessoa do discurso reforça a presença desse diálogo coletivo para um grupo seletivo do qual se faz parte, conforme se pode ver acima em dois trechos retirados de conversações pelo orkut. O primeiro texto inicia-se usando a 3.^a pessoa do discurso (“ela se tornou especial na minha vida” – scrap 19 – e “ela sabe ser linda” – scraps 17 e 20) para, em seguida, utilizar a 2.^a pessoa, conforme se prova pelo uso do verbo poder (pode) no modo imperativo, referente à 2.^a pessoa, bem como pelo uso dos pronomes pessoais do caso reto – tu – e do caso oblíquo – te. Nos scrap 19 e 20, assim como acontece também no scrap 16, da mesma forma, principia-se com o uso da 3.^a pessoa do singular (ela), para depois se utilizar o pronome de tratamento (você/vc/vsê) que é usado para, em diálogo, referir-se à 2.^a pessoa do discurso, ou seja, aquela com quem se fala.

Acredita-se que essa é uma estratégia de comunicação que torna o “falante” agradável ao grupo, uma vez que demonstra saber elogiar.

Dessa forma, percebe-se ainda a presença da concordância ideológica, visto que, em um momento, o falante mentaliza o grupo e utiliza a 3.^a pessoa do discurso, de

forma a “conversar” com esse grupo. Depois mentaliza a pessoa a que se refere e, então, usa *vc*.

c. Emprego de outras vozes e de um falar coletivo.

Em todas as páginas de recados – scraps – do orkut percebe-se a presença de cópias. Basta procurar pela Internet e encontram-se diversos sites prontos a fornecer ideias para os internautas. Há até sites especializados em orkut³⁶, podendo-se, inclusive, encontrarem mensagens por categorias: amizades, amor, aniversário, despedida, humor, religiosa, boas-vindas e mais uma infinidade de mensagens escritas – pensamentos, músicas, frases feitas, frases de famosos – e mensagens visuais – desenhos, figuras e imagens³⁷ animadas ou não.

A tendência é ver o texto coletivizado quando se copia aquilo de que se tem conhecimento ou aproveitam-se partes de músicas para a comunicação no orkut.

Somente em textos curtos, com aproximadamente três linhas, há recados originais que são facilmente percebidos, tendo em vista o grau de familiaridade ou intimidade entre os interlocutores, como se pode observar logo a seguir. Em alguns deles, o locutor faz um comentário, mas, como não quer esclarecer para todos, alega que “ela entende” ou “só nóis entende”, usando, dessa forma, um artifício para dizer e, ao mesmo tempo, não dizer. Nesse sentido a linguagem deixa de ser coletiva e se particulariza.

Scrap 21

, Só agente paga altos MICOS na ROÇA 😊
rs.. [elaentende]

³⁶Alguns sites de mensagens animadas: <http://br.orkutnow.com/>; <http://www.myrecados.com/Mensagens/>; <http://www.mensagensmagicas.com/>; <http://www.glimboo.com/>; <http://www.recadopop.com/>; <http://docerecado.com/>; <http://www.recadosonline.com/>.

³⁷ É grande a utilização de imagens no orkut. Essa imagens têm o formato JPEG, GIF e PNG. O gif é um formato muito utilizado, pois utiliza imagens de pequeno porte e que também possuam animações. É possível encontrar essa animações na internet ou, por meio de programas criar as próprias animações. Disponível em: <http://www.blogbrasil.com.br/o-que-e-gifs-e-como-funciona/> e <http://www.infowester.com/imagensnet.php>. Acesso em: 5/4/2011.

Scrap 22

, HAHA *-.* mó massa fala com ele .
 altas trelas no msn :]
 KKKKK , Tico Tico , só nóois entende .. adoro vc ♥

Scrap 23

na vida encontramos pessoinhas maravilhosas;
 e eu dei a sorte de encontrar uma você :)
 adoro você #'

Scrap 24

Eu te amoooooooo muiiito

Contudo, é surpreendente quando se inicia uma busca pela Internet a procura de scraps copiados. Foi o que se observou no decorrer da análise de dados do estudo em questão, quando a pesquisadora começou a investigar pela Internet alguns trechos de músicas percebidas em alguns scraps. Ela descobriu que muitas mensagens deixadas no orkut em forma de scraps eram cópias retiradas de diversos sites da Internet prontos a fornecer ideias para os internautas, conforme está esclarecido por meio das notas de rodapé de números 37, 38, 39, 40, 41 e 42. Deparou-se com uma grande quantidade de cópias que vão desde fragmentos de músicas ou simples mensagens amorosas até algumas mais chamativas, com muito brilho e palavras ou imagens que entram e saem de um quadro compondo animações.

É ainda interessante observar que os scraps que apresentam cópias têm também uma linguagem mais trabalhada com proximidade ao formalismo, enquanto os scraps que não são cópias da Internet, ou seja, são produzidos pelos próprios usuários sujeitos da pesquisa do orkut, apresentam uma linguagem mais próxima da oralidade e da informalidade.

Scrap 25



Scrap 26

fique velha caduca mais nunca se esqueca da sua amiga maluca. ♥ beijossssssss..... te adoroo.....♥

Scrap 27

**Akiii dentro →(♥)– moram
as pessoas de valor e ki
tem um grande significado
simples e verdadeiro pra miim;
pois bem, akii →(♥)– mora você**

Scrap 28

*** com você eu passei os melhores
dias da minha vida, porque você é diferente de toodas.
você é a melhor **amiiiga**, eu te amo demais,
até o fim da minha vida.
espero estar sempre contigo, mesmo com as brigas a toa !
na nossa **amizade** podera haver varias **virgulas**, mais nunca um ponto **final**.

todos os momentos aqui ~ ♥**

Scrap 29



Nos recados apresentados³⁸, percebe-se um tom apelativo com conteúdo poético, trabalhando a expressão comunicativa com o uso de signos não linguísticos, como imagens de corações, num misto de linguagem verbal e não verbal. Todos representam cópias de sites específicos para serem copiados pelos usuários das redes de relacionamento.

A seguir encontram-se outras formas de copiar. Os jovens aproveitam-se das letras de músicas, provavelmente conhecidas pelo grupo, para expressar seus sentimentos de amor ou amizade, bem como para fazer apelos eróticos que, talvez, não tenham coragem de dizer por si mesmos, assumindo seu próprio discurso. Nesse sentido, pode-se afirmar que se escondem sob um texto poético, como a letra de música popular, normalmente sertanejo eletrônico como as letras das duplas *Jorge e Mateus* e *Victor e Leo*, que aparecem em duas referências³⁹, deixando claro que fazem parte do seu mundo cultural e social. É, contudo, curioso lembrar que essa atitude é comum em se tratando de jovens, uma vez que sempre foi comum nas sociedades revelar-se por meio de discursos conhecidos socialmente, como músicas, poemas.

³⁸ Disponível em: <http://aessa.sites.uol.com.br/page2/page2a.htm>;
http://www.frazz.com.br/frase/cintia/aqui_dentro_coracaomoram_as_pessoas_de/90311
<http://blogs.abril.com.br/xuxuquiinhas/2010/06/depoimentos.html>;
http://pensador.uol.com.br/autor/Fernando_Oliveira/;
<http://www.fotolog.com.br/marynascimento/96041771>. Acesso em: 2/2/2011.

³⁹ Disponível em: <http://letras.terra.com.br/victor-leo/995776/>; <http://letras.terra.com.br/jorge-mateus/1668672/>. Acesso em: 4/2/2011.

Scrap 30

♪ não vou negar que outra pessoa não servira.
 tem que ser você sem porque, sem pra quê
 tem que ser você, sem ser necessário entender,

Só queria que soubesse que te gosto muito & que de alguma formg você já faz parte da minha vida .

TE AMO <3

Há também referências a outros estilos de música que utilizam linguagem mais agressiva ou chula, como os casos mostrados a seguir em que o estilo copiado é das bandas chamadas *Tree Stronda* e *Bonde da Stronda*⁴⁰. São bandas formadas por adolescentes e apresentam linguagem chula e agressiva, num ritmo que mistura rap, funk e hip-hop.

Pensa-se que a cópia representaria uma forma de pertencimento ao grupo. Nesse sentido, seriam necessários estudos que procurassem descobrir se esse estilo é próprio do grupo estudado, de apenas alguns sujeitos do grupo ou se os usuários que escreveram isso estariam apenas tentando se rebelar contra algum modelo considerado “certinho” por eles e, por isso mesmo, digno da agressão por meio da música. De qualquer forma, é um assunto que merece ser mais bem investigado, lembrando que é naturalmente inerente aos jovens a busca pela contrariedade às regras sociais, inclusive na maneira de expressar as ideias – seja na forma oral, seja na escrita.

As letras reveladas pelos trechos a seguir mostram o domínio do uso da linguagem em tom ameaçador, desafiando alguém como se estivesse em plena atividade de guerrilha urbana.

Nos dois últimos textos – um deles, parte de uma música; o outro, um poema – há também um discurso de exaltação do machismo, numa relação de “macho predador”, com linguagem marcada por forte apelo erótico, revelando ênfase no amor carnal. Quanto ao estilo poético, o último texto é um poema⁴¹, com algumas rimas pobres, porque procura rimar palavras de mesma classe morfológica, como em razão/ atenção.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/three-stronda/playsson-farpador.html#ixzz1G8CC8yGT>; http://letras.azmusica.com.br/B/letras_bonde_da_stronda_6748/letras_otras_4566/letra_sagacidade_1255449.html. Acesso em: 5/2/2011

⁴¹ Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/Mjk1MDk2/>. Acesso em: 5/2/2011

Scrap 31

é engraçada com nega se preocupa comigo = •
 ☐◇ TODOS ◇
 •< . ◇ na stronda represento o olhar da confirmação , o estilo e playsson rei da farpação. eu faço certo da maneira errada e as cocotas se perdem pensando na noite passada . fotos e fatos conversas sem simpatia esse é o meu mundo não é uma fantasia. Reparado pela massa e elite carioca quando eu passar na sua frente segura a sua cocota porque mesmo do seu lado ela não me dá veto enquanto tu tá beijando , eu já fiz o serviço completo estilo vida playsson assumo pra você sem esse estilo você não pode crescer quem pode pode quem não pode já era pra ostentar essa fama tem que ser bom a vera .. /'
 ☐ . Isso tudo é criatividade , copia fdp _'_³

Scrap 32

*sempreeh q ue precisaar de mim
 estarei na mansãum thug strondaah
 com as çocot@§ pronto pra te ajudaar
 somus **X.X.T E FARPADOOR MERMUUh**
 somus da familiaah **PLAYsSoN**
 temuus styllo propio e queremos e **FUDEER MEMUUR***

Scrap 33



henrique

Amar com os olhos, sem nada poder dizer,
 Juro! É castigo!
 Algo que não combina comigo,
 Desse amor não quero sofrer!
 O amor tem que ser pra valer.
 Ardente feito chama,
 Pressupondo contato, cama,
 Tudo que nos dê prazer!
 É preciso portanto aproximação,
 Toque de corpos...bocas...mãos...
 Abraços...carinhos...beijos...
 Olhar apenas não satisfaz,
 Sempre queremos um pouco mais
 Para saciar nossas "fomes", nossos desejos!

Enquanto isso, percebem-se cópias de textos que fazem apologia a outros estilos de música, o que contradiz, nesse sentido, o que se percebeu quanto aos estilos anteriormente revelados.

Na cópia a seguir, mostra-se o texto *Oração do rock*⁴², um trecho que chama a atenção por apresentar uma construção em que se reproduz a estrutura da oração do Pai

⁴² Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/OTUwNjc/>. Acesso em 8/2/2011.

Nosso, prontamente reconhecida pelo leitor ou ouvinte. Nesse caso, o autor trabalhou com a construção de um texto, parodiando a oração original e construindo, assim, uma intertextualidade, isto é, um diálogo entre os textos.

A intertextualidade, na construção do gênero discursivo, faz-se por meio do conhecimento de outros textos como a recuperação deles, pois o texto novo fica dependente do sentido de outros já veiculados ou conhecidos. É por isso que Koch (1998) diz que a produção de textos é tarefa que se estabelece com propósito social, apresentado consciência, criatividade e por isso mesmo compreendendo

o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual (p.22).

Assim, o que se percebe é que as estratégias discursivo-comunicativas estão presentes no momento de construção textual nesse relacionamento entre os textos. Dessa forma enriquecendo a compreensão do uso social dos textos nessa relação que exige, “o processamento cognitivo de um texto, recorre[ndo]-se ao conhecimento prévio de outros textos” (KOCH; TRAVÁGLIA, 2003, p. 75). É interessante notar que o aluno fez a opção pela cópia desse texto por reconhecê-lo como parte de seu universo cultural e social.

Scrap 34

ORACAO DO ROCK

*Rock nosso que estais na veia
Muito escutado seja vosso solo
Venha a nós o riff inteiro
Seja feito barulho a vontade
Assim em casa como nos shows
Musica boa de cada dia nos daí hoje
Perdoai nossas loucuras
Assim como perdoamos os pagodeiros e sertanejos
Com aquelas músicas horríveis
Não nos deixeis cair em funk carioca
E livrai-nos do axé*

AMÉM

Evidenciam-se, nesses achados da pesquisa, as noções de juventude reveladas por Abramo (1997) e Groppo (2000), que veem os jovens como seres constituídos a partir

das relações sociais, culturais e históricas em constante movimento e construção condicionados a suas relações de coletividade, numa “definição cultural” (MELUCCI, 1997, p. 9).

Esse contexto dos jovens continua sendo expresso quando se percebem outros tipos de cópias reveladoras de sua constituição social e histórica e de transgressões da ordem pré-estabelecida pelas convenções sociais em “representações sociais de desvio” (PERALVA, 1997, p. 19).

A seguir vemos vários tipos de textos copiados de sites da Internet, onde se encontram, desde textos com apelos eróticos, como o primeiro, até declarações de amizade ou de amor. Em alguns deles vê-se que foi acrescentado algo de particular no final, como se o texto copiado estivesse sendo o condutor de sentimentos comuns à categoria. Isso é evidente no primeiro texto, que apresenta as quatro últimas linhas e a assinatura originais, isto é, não são cópias, mas foram acrescentadas pela criatividade do próprio dono da página. Observa-se como o jovem diz que ama alguém em dobro, elevando-se a potência 2 (“... amo vc demais, em doobro²”), evidenciando, também, uma lógica de pensamento que vai além da simples escrita e leitura, mas relacionando-se também a contextos matemáticos.

Contudo, observa-se também que, em outras palavras, os jovens utilizam potências como nos vocábulos “Mundo²”, “sempre¹” ou “sempre²”, revelando uma tentativa de expressar multiplicidade de sentimentos, emoções, ideias. Essas expressões demonstram que eles têm capacidade de se expressar de forma criativa e original e, por isso mesmo, a questão que se destaca é por que motivo não produzem suas próprias mensagens.

Scrap 35

~ esse sentimento que eu sinto por ti é unico e inexplicaveel !
do mesmo tempo que é amizade, também é amor.
êê a consideração é enorme por **você**,
→ <3
amor é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito ♪
amigos **verdadeiros**, são pra vida toda ♪
, você ? simplesmente a garota do sorriso mais lindo do Mundoô.²
eu te quero tão bem,♥
e e amo vc **demais**, em doobro² -
By: akele que te ama

Scrap 36

• *Sou o fruto proibido, o atalho pro paraíso, sou tua anja malvada teu sonho acordado, sou a resposta pra tua questao, sou teu desejo, tua doce ilusão !!*

Scrap 37

'the best sister (:
 aquela irmã perfeita .
 que tá do seu lado pra tudo .
 que **sempre**¹ quer seu beem .
 que **sempre**¹ zoa junto com você ?
M E L H O R ←
Obrigada por tudo viu sua feiosa ;P
 Conta comigo sempre². ~
Eu TE ADORO amiga

Scrap 38

Se eu fosse tu e tu fosse eu
 Eu seria tu e tu seria eu.
 Mas como eu nao so tue tu nao e eu
 Eu mando um depo pra tu e tu manda um depo pra eu..

Scrap 39

REFFFFWERY! "Significa "eu adoro vc" em dinossauro *-*

Scrap 40

Tão bom morrer de amor e continuar vivendo ♥

Scrap 41

Eu te odeeeio com todo meu Amoor , ♥

Nesse sentido, os textos, embora sejam cópias, trazem aspectos característicos da pessoa que os copiou e publicou em sua página de orkut como se tivessem sido

produzidos por ela mesma. Assim percebe-se que copiaram com um interesse de expor uma ideia ou sentimento que é representativo de sua constituição sociocultural. É notório que os textos foram lidos e selecionados devido ao seu conteúdo, como o que se percebe no scrap 40. Nele, vê-se a presença de interessante figura de linguagem – hipérbole – que se caracteriza pelo exagero ao dizer que o amor é motivo para morrer e, ao mesmo tempo, garante o viver, ou seja, serve para continuar vivendo⁴³.

No entanto, um alerta seria o problema específico da cópia. Sabe-se que a comunicação não é totalmente pura, visto que há modelos de textos mais ou menos fixos que transmitem determinadas conteúdos – são os gêneros da escrita utilizados na sociedade. Assim, quando se vê uma carta, um certificado, uma receita ou poema, reconhece-se facilmente, tendo em vista sua constituição estrutural. A preocupação com as cópias está em não se adequar ao próprio sentimento, pensamento ou ideia a essa estrutura, mas simplesmente repetir textos escritos por outrem.

Nesse pensamento, é importante lembrar o que diz Libâneo (2006), sobre a “origem social, meio cultural, etnia, níveis de escolarização, relações de gênero, condições de acesso aos bens culturais” (p. 44) que definem o jovem não apenas em suas peculiaridades interiores, mas também em suas relações sociais, de acordo com seus agrupamentos, organizações, etnias, religiões, gêneros e classes sociais, que definem as juventudes e não apenas juventude, conforme explica Guimarães (1996).

Esses jovens sujeitos da pesquisa fazem parte de um contexto específico que os leva a agirem como agem. São produtos de “uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e, ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação” (NOVAES, 2007, p. 7). O que essa juventude está se propondo a fazer é congregar as novidades do mundo tecnológico a suas necessidades comunicativas, demonstrando sua forte relação com os meios de comunicação e informação, que determinam alterações na conduta e na construção da identidade e de hábitos (LIBÂNEO, 2006). As cópias também são reveladoras das habilidades dos jovens para procurar, encontrar e se apropriar, nos meios cibernéticos, daquilo que determina suas formas de pensamentos, suas ideias e sentimentos, provando que, de forma acentuada, a juventude

⁴³ Texto inspirado em poema de Mario Quintana. Fonte: <http://pensador.uol.com.br/e_tao_bom_morrer_de_amor_e_continuar_vivendo_mario_quintana/>. Acesso em 12/5/2011.

tem se apropriado, consideravelmente, dos meios de comunicação e informação na tecnologia digital.

Prova-se que essa juventude pode realmente ser considerada como nativos digitais (PRENSKY, 2001) ou Geração Net (TAPSCOTT, 1999) pela capacidade de busca e descoberta de outras formas de relacionamento e de afetividade, de interação e de tomada de decisão, além de outras formas de busca de conhecimento, habilidade de adequação às mudanças no uso da comunicação online e da “facilidade que eles possuem para localizar as informações na rede, eles conseguem compreender e organizar grandes quantidades de informações disponíveis nestas tecnologias” (MORAES, 2010, p. 30). Percebe-se que esses jovens interagem no ciberespaço, em ambientes híbridos (computador/televisor/telefone ligados) com naturalidade, descontração e, ao mesmo tempo, com autodidatismo, familiaridade e facilidade de manuseio, entendendo a lógica das máquinas cerebrais (SANTAELLA, 2003). Assim sendo podem, segundo a autora, alterar, transformar, converter ou disfarçar as versões de um texto virtual, uma vez que podem se colocar na posição de co-autores. Ou, para Ramal (2000), a juventude poderia ser vista como um “sujeito coletivo, uma reunião e interação de consciências que produzem conhecimento e navegam juntas” (p. 6).

Convém, ainda, lembrar a afirmação de Koch e Elias (2006), quando lembram que o texto só atinge o sentido quando é “*construído na interação texto-sujeitos* e não algo preexistente a essa interação” (grifo das autoras) (p. 11). O que se vê nos scraps apresentados são revelações de momentos de interação na coletividade de um grupo que tem algo em comum e que conseguem atingir a coerência a partir do texto e de seu uso na efetiva comunicação interativa na rede social. Para tanto, os jovens conseguem “a mobilização de uma série de fatores de ordem discursiva, sociocognitiva, situacional e interacional” (Ibid, p. 208), confirmando que a leitura do texto não acontece de forma passiva. Eles atuam ativamente para transformar o texto de acordo com seu interesse ou suas necessidades comunicativas. Ou, segundo Fiorin e Savioli (2000), os jovens conseguem, com a leitura de qualquer texto, levar em consideração “o contexto que envolve a passagem que está sendo lida” (p. 13), pois é por meio desse contexto que eles conseguem construir “um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade” (p.13).

Contudo, observa-se que os jovens sujeitos da pesquisa, concordando com o pensamento do inglês Buckingham (2003), precisam de orientação para que cresçam com postura crítica em relação ao uso dos recursos tecnológicos digitais e à comunicação em rede, pois, segundo ele, “as crianças realmente têm ganhado mais poder, mas não somente como cidadãos, mas também como consumidoras” (p. 22). Nesse caso, consumidoras do que se produz na rede sem ter, necessariamente, condições de enriquecer a rede com suas produções ou de consumir de forma criteriosa e crítica.

Faz-se relevante alertar sobre a possibilidade de a escola e os educadores despertarem em seus jovens estudantes a capacidade de produção autêntica de conteúdos para que, efetivamente, possam fazer parte do mundo com autonomia, alimentando os meios de comunicação e não apenas servindo-se do que os outros escrevem. Não se pode deixar de pensar na possibilidade de exclusão, considerando-se as palavras de Saraiva e Rocha (2010), que a definem como “estar fora do jogo, estar sem condições de prover suas próprias necessidades e desejos” (p. 6). É preciso que os jovens tenham possibilidade de não serem excluídos da capacidade de produzir seus próprios textos, pois mesmo que tenham acesso à tecnologia da comunicação e informação, carecem de condições de refletir sobre seus próprios interesses e vontades, a ponto de poderem determinar o que, como, porque, e para quem dizer o que querem ou pretendem dizer. Fatos esses que garantiriam capacidades de argumentar em busca do direito de falar por voz própria e, assim, também poder afiançar acesso aos bens e serviços que garantam uma vida digna.

Não se trata, portanto, de assegurar apenas alcance aos bens e serviços propiciados pelo acesso às TIC, mas, como afirma Pinheiro (1999), “garantir que todos possam utilizá-la de maneira apropriada, ou melhor, que possam vir a aprender como utilizar de maneira apropriada a tecnologia desenvolvida, que teoricamente deveria beneficiar a todos indistintamente” (p. 4).

Para isso, a escola e os educadores precisam conhecer esses meios tecnológicos e se ambientar com suas possibilidades de leitura e escrita diferenciadas.

É também o que diz Pierre Lévy (1993; 1999) acerca da instauração da democracia, quando alega que a tecnologia, em si mesma, não é boa ou má nem neutra, mas depende do uso e do contexto do uso. Confirma-se, ainda, a ideia de Castells (1999), quando declara que a tecnologia – ou a falta dela – incorpora o potencial que as sociedades têm para alterar suas relações com esses meios tecnológicos, assim como os usos que

desejam dar a tal tecnologia, conferindo-lhe utilizações que sentem serem adequadas a suas necessidades de evolução e de acordo com seus interesses.

Assim sendo, compreende-se que as TIC não podem realmente ser apenas aparelhos ou meios capazes de transformar as práticas sociais, pois carregam consigo a subjetividade de quem produz e de quem consome seus produtos (PEIXOTO, 2008). Vão além disso. São portadoras de ideologias de quem as programa, de quem as divulga e de quem as utiliza de acordo com seus interesses e necessidades. Isso confirma, também, a noção de apropriação, pois um indivíduo ou um grupo social aproveita-se dessas tecnologias, de forma a dominá-las tecnicamente, determinando seu uso com fins específicos, integrando-as em sua prática cotidiana (CARDON, 2005). Os nativos digitais designam a utilização dos meios tecnológicos, buscando seus próprios caminhos, a fim de construir conhecimentos e mudar relações. Resta saber se eles têm condições para usá-los de outras formas.

Quadro 3 - síntese das estratégias discursivo-comunicativas

Categoria	Indicadores	Elementos encontrados
Estratégias discursivo-comunicativas	Leitura e escrita contextualizadas em sentido e significado de um “novo código”	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação instantânea de sentimento • A comunicação exige domínio dos signos linguísticos e dos signos da comunicação online. Ou seja, o domínio de um “novo código”, que articula signos linguísticos convencionais a signos da comunicação online. • Esforço para conservar/manter a comunicação, por meio de uma expressão se que apresente como agradável. Também signos próprios ao universo virtual. • Elementos desse “novo código”: 1) uso de imagens ou ícones, 2) utilização de recursos visuais como as cores e os efeitos na fonte (tamanho, negrito, itálico, sublinhado), 3) economia de caracteres, por meio da abreviação de palavras, 4) ampliação de palavras por meio da repetição de letras, visando a enfatizar os sentidos, 5) alteração de palavras (dolu = adoro) especialmente com o objetivo de destacar a intenção afetuosa na utilização delas. Ou seja, o “novo código” pode bem se compreendido por meio dos elementos de expressão e significado. • Junção das linguagens verbal e não verbal em um processo de intensificação do código de comunicação dos jovens na rede social. • O código é restrito aos iniciados, mas já ocorre um processo de divulgação e ampliação deste para outros espaços comunicativos, visto que, de certa forma, reproduz símbolos já conhecidos da sociedade, principalmente nas escolas, em caderninho de mensagens oferecidos aos colegas para que escrevessem e, nessa escrita, utilizavam-se de linguagem verbal e não verbal.
	Formas de referência discursiva	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança de pessoa no decorrer do discurso como forma argumentativa por meio da concordância ideológica, buscando acesso à coletividade. • Renovação ou adaptação da linguagem ao novo meio e – como é próprio a qualquer código linguístico – adequação ao interlocutor, ao contexto e aos objetivos, demonstrando articulação linguística com o aprimoramento das possibilidades de expressão e de comunicação por meio da linguagem escrita.
	Emprego de outras vozes e de um falar coletivo	<ul style="list-style-type: none"> • A cópia como expressão de pertencimento ao grupo, com a utilização de elementos que fazem parte do código do grupo. • A cópia como facilidade de acesso ao código do grupo • A cópia marcada pela característica pessoal do copião. • Tipos diferentes de cópia, uma vez que se copiam de sites de mensagens prontas, letras de músicas, poemas, orações, revelando intencionalidade da cópia de acordo com os interesses do copião e com suas relações com o grupo. • Temas das cópias: 1) poemas e mensagens de amor e amizade, com tons apelativos, que destacam seu mundo social e cultural; 2) apelo erótico, pornografia, incitação à violência e tratamento desrespeitoso-agressivo, expondo a expressão juvenil como forma de desvio e de transgressão.

Fonte: Corpus da pesquisa, organizado pela autora, 2011.

3.4.2 Estratégias argumentativas

Neste estudo, as estratégias argumentativas foram ponderadas como as habilidades construídas pelos jovens para convencer ou persuadir o interlocutor de acordo com as intenções ou interesses do locutor, compreendendo a força comunicativo-argumentativa que pode ser expressa por meio das relações sociais mediadas pela rede social orkut.

Dessa forma, pretende-se revelar como o usuário demonstra a capacidade de, utilizando a razão, a vontade e a intenção, argumentar com o outro por meio de todo e qualquer discurso, valorizando a adesão ou o consentimento dele.

Entre as possibilidades de argumentação, encontra-se o reconhecimento da culpa por meio de textos emotivos, ou pedidos de contato na rede, em que se utilizam estratégias comunicativas de forma intencional e pretenciosa.

a. Convencimento e persuasão do interlocutor

Destaca-se, na comunicação online por meio do orkut, a capacidade que os jovens observados em seus movimentos de leitura e escrita demonstram ao argumentar em favor de determinado interesse e de acordo com a intenção de tornar o outro conluiado com seu discurso.

A seguir, no scrap 42, é possível perceber como o indivíduo, com sutileza e perspicácia, consegue “armar” sua defesa para amenizar sua possível culpa diante de algum fato que tenha acontecido. Seu discurso de defesa pode ser reconhecido parcialmente pela sua fala. É notável que esse usuário do orkut primeiramente reconhece sua culpa, o que faz com que seja mais facilmente perdoado. Depois, com o conectivo *mas* (mais), inicia sua própria defesa na tentativa de amenizar sua culpa. Dessa forma, a conjunção adversativa (*mas*) tem o propósito argumentativo.

Outro texto que se destaca é o scrap 43, em que o falante cobra determinada ação, pedindo um depoimento (*depo*) e se justifica explicando que colocou a foto da pessoa em questão em sua página: tudo em nome do amor, para fazê-la feliz.

Scrap 42

Amor... sei que tenho defeitos ...
 Sei que te decepcionei algumas vezes ...
 Mais ha algo que sei além disso tudo !
 Que eu te amo muito .
 Sigo com você até o final ♥

Scrap 43

faz um depo pra mim amr ?
 eu coloquei uma foto sua no meu orkut *-*
 todo o meu mundo gira em torno de achar maneiras de fazer voce feliz / TEAMO

Dessa forma, ratifica-se a afirmativa de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000) quando dizem que a argumentação exige a valorização da adesão do interlocutor. Nos casos representados, observa-se a cobrança de determinadas atitudes do interlocutor, entendendo que há essa adesão, uma vez que se confia na possibilidade de o outro em se sentir incomodado com a possibilidade de ser “julgado arrogante, pouco simpático” (p. 18), e por isso mesmo deverá atender à solicitação, uma vez que, em seus discursos públicos, estima-se a apreciação do outro sobre seu comportamento.

Mais uma vez percebe-se a competência comunicativa para se decidir o que dizer, como dizer e com que objetivo, confiando na capacidade do interlocutor para entender e agir conforme interesses e intenções do locutor (KOCH, 1996).

Assim observa-se, segundo a classificação de Costa (2002), que os textos apresentados tendem a partir para a persuasão, recorrendo-se aos sentidos ou ao poder de sedução, com finalidade de alcançar o outro por meio das sensações, principalmente ao se referir à ideia de seguir até o fim (“sigo com você até o final”) e de que o mundo gira em torno da pessoa amada (“todo o meu mundo gira em torno de achar maneira de fazer você feliz”). Essas expressões, acompanhadas de um “te amo”, são robustecidas em seu intento de agradar, buscando a total adesão do interlocutor. É notável também observar que, no segundo texto, consegue-se aliar essa persuasão ao convencimento quando a organização

do discurso recorre para o uso da razão, utilizando um argumento bem convincente e com esse fim específico, ao se dizer “coloquei uma foto sua no meu orkut”.

É surpreendente a competência e a capacidade do usuário para envolver o outro em seu discurso com um fim específico, organizando seu discurso com essa intenção para levá-lo o outro a participar de sua realidade, de seu conhecimento e de suas experiências de mundo.

Outros exemplos de argumentação em que se espera a reação do interlocutor aparecem a seguir em várias situações em que se convoca o outro a tomar uma decisão ou a assumir uma atitude.

Scrap 44

tem msn?
passa?

Scrap 45

tira essa foto ja era fei ficou mais ainda lambão!!!!!!!!!!

Scrap 46

faz um favor pra mim traduz este trecho

Scrap 47

uai eu posso ser eu amigo

Scrap 48

passa seu telefone bjsss

Scrap 49

ei com todo o respeito vamos sair qualquer dia desses

Scrap 50

Oie priminha do coração.... ve se aparece la em ksa depois ...
 nao vamos nos afastar ... depois de tudo q aconteceu ainda gosto muito de vc e de seus pais... pois vcs fazem parte da minha vida... bjs amo vcs todos e principalmente vc..... bjs e abraços do fundo do meu coração....

Observa-se nos textos apresentados a manifestação da capacidade do indivíduo para, de acordo com a razão, vontade e intenção, argumentar com outro e persuadi-lo por meio de todo e qualquer discurso, pois, como reforçou Koch (2002), a “neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende ‘neutro’, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (p. 17 – grifo da autora), uma vez que sempre se revela uma ideologia, segundo a autora, na “acepção mais ampla do termo” (p. 17).

Nas formas de argumentação, percebe-se a tentativa de convencimento do outro no momento da comunicação, visto que a argumentação depende da intenção dos participantes do discurso segundo a relação em que se estabeleceu o diálogo e, assim, o locutor pretende fazer com que o outro se torne conivente com seu discurso. Para se conseguir essa proeza, normalmente o falante/escrevente que argumenta apresenta certa modéstia, como se percebe no scrap 46, em que se pede um ajuda: “faz um favor pra mim traduz este trecho”. Pode-se imaginar que, como colegas de escola ou amigos com certa intimidade, os falantes auxiliam uns aos outros nas tarefas de tradução de um texto de outra língua. É interessante observar que a rede social também pode ser utilizada para complementar, nesse caso, as relações de atividades da escola com a troca de favores na execução das tarefas escolares ou tradução de um poema, uma música, ou outro texto de interesse do grupo.

No scrap 49, também se percebe uma tentativa de se convencer por meio de uma atitude reveladora das condições culturais, quando o falante – nesse caso, um garoto – faz uma proposta de encontro, porque inicia com um argumento bastante convincente. Ao colocar a expressão “com todo respeito” no início da fala, o locutor enfatiza o cuidado que tem para não ser mal interpretado, para ter maiores garantias de eficiência em seu discurso e, assim, conseguir alcançar a realização de seu desejo.

Isso é o que dizem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000), quando alegam que a argumentação garante novos contornos de pensamento organizado e novas chances de se elaborarem as opiniões e atitudes, avalizando, por isso, possibilidades de aprendizagem, dependendo da cultura e do meio de vida das pessoas com quem se convive.

Por isso os autores alegam que a argumentação ou convencimento vai além da dicotomia razão/emoção, pois está centrado na ideia do público a ser atingido. É preciso, nesse caso, conhecer a quem se dirige o discurso, de tal forma que se possa organizá-lo mais eficientemente. Assim, a argumentação ou convencimento, para eles, é mais direcionado a públicos particulares, que podem analisar as ideias apresentadas, como se observa no scrap analisado.

Contudo, no scrap 44, vê-se uma forma diferente de se comportar diante da argumentação, quando um garoto, para se dirigir a outro, diz que ele deveria retirar determinada foto do orkut, pois ele não ficou bem na foto: “tira essa foto já era fei ficou mais lambão!!!!!!!!!! (sic)”. Para argumentar, o usuário usa a persuasão, aproveitando-se de “argumentos que podem levar a inferências” (KOCH, 1996, p.121) que, não necessariamente, constituem-se de verdades absolutas. Assim, confirma-se a ideia de que a argumentação depende da intenção do locutor e só é possível se acontecer numa relação de interlocução definida pela intencionalidade, haja vista que a comunicação é representação de nossa competência no uso da linguagem e nas nossas relações interativas na sociedade de acordo com a nossa cultura e experiências de mundo.

b. Divulgação de comunidades, sites ou vídeos.

As redes sociais online, como o orkut, constituem-se de espaços sociais em que se utilizam formas específicas de comunicação e outras formas discursivo-comunicativas, entre elas, a possibilidade de argumentação com o interlocutor por meio da divulgação sobre comunidades, sites interessantes ao grupo ou mesmo vídeos produzidos por eles mesmos ou por outros, como por exemplo aqueles que se posicionam contra o aborto.

Os jovens estudantes da Geração Net (Tapscott, 1999) aproveitam-se da tecnologia como um espaço a mais, desenvolvendo novas formas de socialização, uma vez que demonstram interesse em interagir com essas máquinas até mesmo para divulgação de suas comunidades e dos sites que frequentam e aos quais desejam que seus amigos participem, por serem aprazíveis a eles e, provavelmente, ao grupo de que fazem parte, além também de compartilharem a propaganda de seus candidatos em uma eleição pública ou os vídeos feitos de si mesmos. Esta é uma clara representação de que são imagéticos,

pois vão além da decodificação e compreensão dos signos linguísticos, comprovando serem nativos digitais, conforme Prensky (2001) relatou, já que o apego a “imagem é uma característica forte das novas gerações” (TOSCHI; ANDERI, 2010, p. 21).

A seguir, apresentam-se alguns exemplos de comunicação na rede social orkut em que se percebem convites para participação em comunidades ou para acesso a determinado site, bem como exibição de vídeos, promoção de candidatos políticos ou publicidade de ideologias religiosas.

Scrap 51⁴⁴

e ai Gente Tudo bem com Vcs

Espero Q sim,
 Vim Incomodar vcs so por alguns segundos;;
 Da uma Força Na minha Comu se puder: <http://www.orkut.com.br/...>
 mm=10`03_05` obrigado a todos pela atenção
 abraços pro lekes
 e bjs pra meninas ..
 Bom Fim de Semana 😊

Scrap 52

Oi Tudo bem? intaum to passando pra avisar. que saiu um CD Novo
CD Goias Na Balada - Sertanejo Vol 10 || Só entra no site e baixar..
 Ta muito bom musicas novas, varios sucessos. Aproveita e Baixa as outras
 edições. segue o link-> www.Girsaaldr.com

Scrap 53

veja meu video por favor

Scrap 54

É UM ABSURDO QUEREM TIRA 5 VERSICULOS DA BIBLIA SAGRADA, QUEREM IMPEDIR A IGREJA DE EVANGELIZAR NAS RUAS E NA TELEVISÃO

⁴⁴ Alguns elementos dos endereços virtuais que aparecem nos scraps de número 51 e 52 foram apagados para se preservar o sigilo do endereço.

Scrap 55



Nota-se, nos scraps apresentados, a presença da argumentação em forma de divulgação daquilo que é peculiar ao universo dos usuários da rede social. Assim, percebe-se, novamente, a argumentação, conforme explica Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000), que “tende a mudar um estado de coisas preexistentes” (p. 59), na tentativa de fazer com que o outro mude, pelo menos, seu modo de pensar, garantindo novas possibilidades de se constituírem opiniões por meio do pensamento reorganizado, o que confirma a declaração dos autores que dizem que para argumentar “é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental” (p. 18).

Dessa forma também os jovens buscam incutir um determinado comportamento para seus interlocutores, com o propósito de convencê-los a participarem daquilo que acreditam serem formas interessantes de convívio social, tentando, com isso, influenciar na postura ideológica do outro. É o que caracteriza, de acordo com a fala de Koch (2002), a argumentação construída por um discurso que se forma por meio da relação ideológica com os fatos e eventos da sociedade. Para ela, “*ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer momento subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo*” (p. 17 - grifos da autora).

Legitima-se também o que diz Chauí (2000) acerca da possibilidade de uso da linguagem como instrumento que se serve a avaliar relacionamentos do ser com o mundo e com os outros. Para ela, os indivíduos utilizam a linguagem com objetivo de persuadir os outros a fim de que creiam em suas próprias opiniões e juízos, pois “a verdade é uma questão de opinião e de persuasão, e a linguagem é mais importante do que a percepção e o pensamento” (CHAUÍ, 2000, p. 139).

Os jovens, na interação por meio do orkut, participam dessa possibilidade de comunicação de acordo com seus objetivos comunicacionais, dos participantes dessa

comunicação, das relações sociais e da forma de interação presente nessa comunicação, já que os alunos, de acordo com suas funções sociais e interesses ideológicos, elaboram seus “tipos relativamente estáveis de enunciados, produzidos nas diferentes esferas da utilização da língua” (BAKHTIN, 1992, p. 262). Para tanto, eles utilizam diferentes formas de enunciados, selecionando os textos de acordo com a necessidade de expressão, o campo de comunicação e a situação em que acontece essa comunicação. Ou seja, utilizam também a divulgação daquilo que lhes é interessante como formas de argumentação a seus interlocutores para convencê-los ou persuadi-los a participarem das mesmas relações sociais de que gostam e que apreciam.

Encontram-se, nos scraps apresentados, as referências acerca da argumentação de Costa (2002), pois se veem tentativas de convencimento por meio do campo da razão, sem apelar para os sentimentos, como acontece no scrap 54, quando apenas se inseriu o cartaz da propaganda de um candidato. Contudo, aparece de forma mais acentuada a persuasão quando é necessário agradar, recorrendo-se aos sentidos ou ao poder de sedução, com finalidade de alcançar o outro por meio das sensações. É o que se observa no scrap 51, quando se diz: “vim incomodar so por alguns segundo” e, no final agradece, despedindo-se com abraços e beijos.

Também no scrap 52, vê-se a tentativa de se tornar agradável, primeiramente cumprimentando a todos antes de dar o recado, no scrap 53, ao pedir “por favor” ou no scrap 54, quando se tenta, por meio de manifestações emotivas e sentimentais argumentar com o outro, influenciando-o com uma expressão contundente, como “é um absurdo”

É desse modo que o homem domina essa capacidade de envolver o outro em seu contexto discursivo, quando conhece esse interlocutor e organiza seu texto com intenções e objetivos apropriados ao contexto de comunicação que também apresenta certas especificidades. Assim, a linguagem é utilizada pelo indivíduo com grande carga de intencionalidade, constituindo-se de um mecanismo próprio para a interação social, de tal forma que um sujeito possa conseguir que o outro compartilhe de sua realidade e de seu conhecimento e experiência de mundo. Nesse discurso argumentativo intencional um indivíduo conduz sua persuasão, suas pretensões e seu convencimento. E, portanto, leitor e autor mantêm uma relação de proximidade com a interação e a proposição de estratégias de entendimento para o texto escrito e lido, conforme a intenção de cada um. Ou lembrando Koch e Elias (2006), o leitor “participa, de forma ativa, da construção do sentido. Dessa

forma, autor e leitor devem ser vistos como 'estrategistas' na interação pela linguagem” (p. 6 – grifo da autora).

Com o estudo, observa-se, portanto, é que os scraps não são, apesar de tudo, muito argumentativos, embora apresentem uma potencialidade de argumentação.

Quadro 4 - Síntese das estratégias argumentativas

Categoria: Estratégias argumentativas	
Convencimento e persuasão do interlocutor	Divulgação de comunidades, sites ou vídeos
<p>Tipos encontrados: Convencimento e Persuasão</p> <p>Elementos encontrados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Valorização da adesão do interlocutor em favor de determinado interesse ou intenção; • Reconhecimento de culpa com finalidade argumentativa; • Confiança na possibilidade o interlocutor em entender e agir conforme interesses e intenções do locutor, uma vez que o primeiro não desejará ser considerado arrogante ou insensível; • Recorrência aos sentidos ou ao poder de sedução, objetivando o convencimento do outro por meio das sensações; • Domínio da capacidade de, com um fim específico, envolver o outro em seu discurso, organizado com essa intenção; • Apreciação do outro sobre seu comportamento; • Envolvimento do outro por meio do discurso, a fim de que participe de suas experiências e visões do mundo; • Persuasão que leva ao convencimento, apelando para o uso da razão e cobrando uma atitude a partir de outra já realizada. 	<p>Tipos encontrados: Convencimento e Persuasão</p> <p>Elementos encontrados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Divulgação sobre comunidades, sites interessantes ao grupo ou mesmo vídeos produzidos por eles mesmos ou por outros; • Entendimento de imagens representativas de suas relações com o mundo • Influência de um determinado comportamento sobre seus interlocutores, com o propósito de convencê-los a participarem daquilo que acreditam serem formas interessantes de convívio social, tentando, com isso, influenciar na postura ideológica do outro; • Comunicação segundo os objetivos dos participantes desse ato comunicativo, das relações sociais e da forma de interação nessa comunicação; • Elaboração e seleção de textos de acordo com a necessidade de expressão, o campo de comunicação e a situação em que acontece essa comunicação – no caso, a divulgação; • Recorrência aos sentidos ou ao poder de sedução, a fim de convencer o outro por meio das sensações. • Utilização da linguagem como instrumento para se relacionar com o mundo e com os outros.

Fonte: Corpus da pesquisa, organizado pela autora, 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessa-nos agora lembrar a justificativa desse estudo, haja vista a preocupação com o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa em nossas escolas de Ensino Básico. Percebemos hoje a dificuldade que os jovens apresentam em relação ao uso eficiente e competente da língua materna no que diz respeito ao vocabulário, à gramática e à interpretação dos textos. Comumente os estudantes e, às vezes também professores, nem percebem que as falhas estão diretamente relacionadas a problemas com a leitura e a escrita, bem como ao sentido que elas adquirem no meio sociocultural.

Por outro lado, as tecnologias digitais, em especial após a popularização da Internet, possibilitam o acesso aos meios virtuais, conectando os indivíduos às informações e a variadas formas de expressão e de comunicação. Pesquisa divulgada em 2010 pela empresa Nielsen⁴⁵, especializada em Internet, indica que os brasileiros, estão entre os internautas que passam mais tempo conectados às redes sociais. No Brasil, 86% dos internautas estão conectados a redes sociais, sendo que em abril cada brasileiro dedicou, em média, mais de cinco horas a esses tipos de sites. Parte dessa popularidade se deve ao orkut.

Nesse contexto, surgiu a necessidade de se entender o que e como os jovens leem e escrevem, bem como que estratégias discursivo-comunicativas e argumentativas eles empregam em sua comunicação social mediada pela tecnologia virtual, quando utilizam as redes sociais online – sobretudo o orkut. É isso que nos interessou neste estudo: conhecer as formas de expressão e as formas de significação ou sentido atribuídas às expressões da língua, além de perceber como a tecnologia digital, por meio das redes sociais, opera no uso e função da linguagem, enquanto leitura e escrita na comunicação social, favorecendo o aprimoramento da leitura e da escrita como competências socioculturais que permitem o desenvolvimento do pensamento crítico.

⁴⁵Fonte: < http://blog.nielsen.com/nielsenwire/online_mobile/social-media-accounts-for-22-percent-of-time-online/>. Acesso em: 07 jun 2011.

Nas salas de aula, as TIC já são comumente utilizadas como novas ferramentas que ampliariam as habilidades dos indivíduos. Tal postura pode caracterizar um equívoco, uma vez que elas vão além de simples ferramentas, dependendo da forma como são utilizadas. As TIC constituem-se de elementos socioculturais, permeadas por relações de poder. O ambiente virtual oferece inúmeras possibilidades de navegações e usos, podendo ser utilizado para pesquisa, para diversão ou para comunicação com outras pessoas, o que se faz por meio de diversas formas de linguagem.

Contudo, nessa sociedade permeada por tecnologias digitais, demandam-se indivíduos que atuem de forma crítica sobre o ciberespaço, usufruindo das possibilidades culturais, comunicacionais e educativas que ele oferece.

A presente pesquisa revelou que os jovens articulam as linguagens oral e escrita de forma que elas se complementem, tendo em vista a expressão do sentido pretendido, ou do sentido conhecido pelo grupo sociocultural a que pertencem. Dessa forma, conseguem também produzir novos sentidos para sua compreensão do mundo e para suas relações de interação com o outro – ou com os outros – no mundo, visto que tanto falam para alguém individualizado como também falam para a coletividade, às vezes, em um mesmo texto ou discurso.

Dessa forma, entende-se que os jovens usuários do orkut apresentam capacidade para renovar ou adaptar sua linguagem a esse novo meio e também de ajustar-se ao interlocutor, ao contexto e aos objetivos, demonstrando habilidade para articular a comunicação linguística com o aprimoramento das possibilidades de expressão e de comunicação por meio da linguagem escrita.

Evidenciou-se, contudo, que os jovens têm o hábito de apropriar-se de discursos pré-estabelecidos socialmente, fazendo uso da cópia, para revelar seu pertencimento ao grupo com uso dos códigos próprios desse grupo. A cópia representaria, assim, o passaporte para acessar esses códigos. Todavia, nota-se a presença de peculiaridades inerentes ao copiado, ou seja, ele imprime algumas características pessoais que revelam, ainda, seus interesses e relações com o grupo, principalmente ao finalizar a mensagem, o poema ou o trecho da música que foi copiado, acrescentando um toque particular e específico na forma de uma saudação escrita ou um de ícone, por exemplo.

As cópias são reveladoras de algumas peculiaridades juvenis. Mas é preciso lembrar, que os grupos de jovens não são homogêneos. Há diferentes juventudes, que

devem ser consideradas também em suas relações sociais, levando-se em conta a diversidade de situações, de agrupamentos e organizações, de classes sociais, de etnias, de religiões, de gêneros e de especificidades regionais. Nesse sentido, os temas das cópias revelam aspectos sociais distintos, uma vez que, enquanto alguns copiam poemas e mensagens de amor e amizade, com tons apelativos, que destacam seu mundo social e cultural; outros se aproveitam de textos que apresentam forte apelo erótico, pornografia, incitação à violência e tratamento desrespeitoso-agressivo, expondo a expressão juvenil como forma de desvio e de transgressão.

É relevante, ainda, esclarecer a descoberta de que o jovem usuário das redes sociais como o orkut busca conhecer e utilizar novas formas de escrita com signos novos e expressões abreviadas da língua materna. Além disto, revelam grande capacidade de decifração ao lerem e escreverem de variadas formas. Nós, adultos, por outro lado menos hábeis e menos experientes nessa forma de comunicação, encontramos dificuldades frequentes para a compreensão dos textos, que foram por nós denominados de “novo código”.

Essa forma de escrita articula signos linguísticos convencionais a signos da comunicação online, além de conjugar as linguagens verbal e não verbal com uso de imagens ou ícones, cores e efeitos na fonte utilizada, redução ou ampliação de palavras ou, ainda, a repetição de letras para enfatizar uma ideia, proporcionando novas possibilidades de produção de sentidos.

Por isso compreende-se a fala de Vygotsky (1998) acerca da linguagem humana que, proveniente da necessidade de interação entre os homens, é um sistema que medeia a transmissão racional e intencional de experiências e de pensamentos aos semelhantes. Assim esses signos, formados por palavras, imagens, siglas e cores, entre outros elementos, vão sendo internalizados até se tornarem um conceito para o indivíduo. Esse conceito, por sua vez, vai evoluindo a tal ponto de passar de conceitos mais espontâneos ou cotidianos a conceitos mais elaborados, num constante processo de crescimento intelectual. Nessa escrita – e, conseqüentemente, na leitura – o usuário do orkut ‘brinca’ com as relações de sentido entre as palavras, os sons, as imagens, as siglas, as abreviações, numa sobreposição de diversas linguagens – verbal, sonora, visual –, utilizando a linguagem para se adequar ao grupo ou para se comunicar da forma como lhe aprouver. Contudo, observa-se que os jovens pesquisados preocupam-se com o sentido que

será atribuído às expressões grafadas na rede social, já que muitas vezes justificam suas falas e reconhecem suas culpas por determinado comportamento online ou offline, pedindo desculpas quando julgam necessário ou quando têm um objetivo maior: convencer ou persuadir o outro a tomar determinada atitude.

Sobre esse interesse em argumentar com o outro, a descoberta interessante está em entender como o outro é importante na relação social do internauta – como em todo processo de comunicação –, uma vez que sempre se vê a intenção de convencer, recorrendo-se aos sentidos ou ao poder de encantamento sobre o outro, objetivando o convencimento dele por meio das sensações. Dessa forma, acontece a força dominadora que é capaz de envolver o outro em um discurso com um objetivo específico, levando o interlocutor a fazer parte do universo do locutor. O discurso é organizado de forma intencional, assegurando o envolvimento para que o outro participe das experiências e visão de mundo de quem fala.

Nota-se também o interesse de se argumentar utilizando-se a razão, por meio da persuasão, buscando provocar atitudes no interlocutor para que ele aja conforme deliberação do locutor, que o influencia por meio da linguagem organizada com esse fim.

Nesse sentido, em relação à linguagem utilizada no orkut, percebe-se que há uma adaptação da comunicação, tendo em vista a nova realidade comunicativa que exige renovação da linguagem a ser utilizada, como é próprio de qualquer código linguístico. Aquele que comunica busca adequar-se ao interlocutor, ao contexto, aos objetivos e a necessidade comunicativa de forma articulada, garantindo o aprimoramento no uso dessa linguagem.

Dessa forma, entende-se que o usuário possui e desenvolve habilidades cognitivas e desenvolve-as consoante a seu propósito de agir linguisticamente de acordo com as necessidades de uso da língua para satisfazer suas intenções de comunicação e para lidar de forma prática com a realidade.

A linguagem, enquanto ferramenta, dá ao jovem chances de recriar os significados e apropriar-se deles, atribuindo-lhes um sentido pessoal. Esse sentido sofre influência das relações sociais vividas e adquiridas no contexto sociocultural.

Para Vygotsky, o signo e as relações com o contexto são mediações necessárias para se garantir ao aprendente o desenvolvimento das funções mentais superiores,

conduzindo-o à formação de conceitos. Tomando, então, a abordagem histórico-cultural como referência, pode-se considerar o orkut como instrumento físico e psicológico de mediação cultural usado para interação comunicacional que, por se inserir entre as linguagens, na concepção de Vygotsky (2007), é organizadora dos processos mentais, porque medeia o processo de desenvolvimento das funções mentais do indivíduo – linguagem, valores, significados, sentidos – que vai do externo para o interno, numa orientação do processo cognitivo de fora para dentro, pois é hoje uma das formas de relacionamento social instituída na comunicação dos jovens.

E, se as funções mentais superiores são relações sociais internalizadas, o orkut institui-se como artefato ou recurso usado para interação comunicacional. O computador e a Internet formam os instrumentos técnicos e simbólicos (VYGOSKY, 2007) usados em ações concretas sobre o mundo e que provocam mudanças externas no indivíduo, possibilitando a transformação da natureza do ser.

Os jovens apresentam certa competência e são capazes de comunicar e argumentar. Essa função da comunicação está presente na linguagem dos usuários das redes sociais, pois demonstram capacidade de comunicação e de relação entre os fatos e eventos da vida social e cultural. Essa capacidade é condição também para argumentação na escola, uma vez que, bem direcionada ou mediada pelo professor, pode também constituir uma argumentação de caráter acadêmico.

Apesar de utilizarem argumentos que estão distantes de serem considerados acadêmicos, os jovens têm uma visível possibilidade de argumentação e discursividade que, aliás, é pouco aproveitada. Vê-se uma potencialidade na construção do discurso argumentativo, embora potência ainda não seja o ato. Normalmente, na escola – e também fora dela – eles são tachados de ignorantes quanto ao uso da linguagem e sofrem críticas por isso. Cabe à escola contribuir para que sua clientela tenha garantia de acesso ao conhecimento produzido pela humanidade. Para isso, é preciso que o professor procure saber que caminhos seus alunos percorrem durante a comunicação online, a fim de mediar o conhecimento deles rumo à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

A linguagem imprime consciência ao indivíduo e isso incumbe à escola, como instituição sistematizada do ensino, e para o professor, como mediador do conhecimento científico, a tarefa de acompanhar a potencialidade de crescimento do aluno, com vistas à aquisição de conhecimentos mais elaborados. Isso pode se dar na observação das etapas

ainda não atingidas pelos educandos para aproveitá-las como incentivadoras nas aquisições, com o propósito de alcançar o desenvolvimento potencial deles, provocando avanços cognitivos.

O aluno já apresenta certas condições de uso da linguagem por meio do conhecimento espontâneo adquirido em suas experiências do cotidiano em sua origem social, com o auxílio do outro, ou seja, um conhecimento adquirido do social para o individual. A escola pode atender às necessidades sociais de ampliar o cabedal de possibilidades de atuação no mundo com vistas ao crescimento pessoal, social, cultural e – por que não? – profissional. A intervenção do professor, como alguém mais experiente, pode garantir a chegada ao conhecimento científico, assim como a apropriação de leituras com proficiência e que levem à extração e construção de sentidos (VYGOTSKY, 1998).

A escola e o professor, assim, representam o outro mais experiente de que fala Vygotsky (1998). Eles são elementos que fazem a mediação, proporcionando a formação de generalizações que garantem a formação de conceitos por meio das funções psicológicas superiores. A escola é a mediação necessária para se garantir que os jovens usuários da Internet e da comunicação nas redes sociais possam assumir essas funções psicológicas por meio da linguagem. Afinal, a comunicação por meio das redes sociais online envolve certos rituais comunicativos que estão sendo, na verdade, desenvolvidos por seus usuários. Esse fato pode ser percebido pelas vozes que “falam” no orkut.

É preciso utilizar essas tecnologias como um novo ambiente cognitivo, compreendendo que, no contexto digital, mudam-se as nossas formas de pensar e, portanto, de aprender, e que os alunos – “cabeças digitais” – também tem uma nova forma de pensar e de aprender. Afinal, conhecimento e informação são basilares em toda e qualquer forma de desenvolvimento.

Nesse contexto, intriga-nos saber se e como a educação sistematizada tem se apropriado dessa potencialidade para garantir aos estudantes a apropriação das mídias comunicacionais, considerando que a escola recebe alunos que têm utilizado os recursos tecnológicos, com grande fluência, fora do contexto escolar.

A tecnologia despertou-nos o interesse em avaliar não a técnica em si, mas a utilização que os indivíduos fazem dela. Eles são responsáveis por inventá-la e mantê-la, mas também usufruem seus recursos em consonância com propósitos e necessidades pessoais e grupais, aplicando esses recursos com o fim de sistematizar suas relações

sociais, suas manifestações de pensamento e seus padrões de comportamentos. Interessou-nos, ainda, a capacidade de atração que essa tecnologia tem exercido, principalmente, sobre os jovens.

A educação, mais que nunca, torna-se responsável por acolher e ajudar os jovens na busca de soluções para as dificuldades surgidas na atualidade e em tempos futuros, já que se espera dela a capacidade de contribuir para a resolução de situações de conflito com sensibilidade, reflexão e criticidade quanto ao contexto em que os jovens vivem e quanto às implicações do advento tecnológico na vida deles. O uso interativo das antigas e novas tecnologias, segundo Jenkis (2008), colaborará com a obtenção de competências que podem provocar importantes alterações na forma como os jovens participam da vida social, política, econômica e cultural e no modo como trabalham.

Novamente, a escola é um espaço favorável para se conversar sobre questões éticas, valores sociais, confiabilidade de informações, enfim, sobre o crescimento que esse meio pode promover.

Embora a transmissão eletrônica de textos tenha marcado o início da terceira revolução da leitura, a escola parece ter realizado poucas mudanças em suas práticas que evidenciem de fato a aprendizagem das novas aptidões exigidas socialmente de nossos leitores. Como ambiente de ensino e de incentivo à leitura, à escrita e à produção de sentidos, o espaço escolar poderia acompanhar o processo pelo qual essa prática social vem passando.

O computador é uma tecnologia que pode se tornar aliada da educação, favorecendo o crescimento intelectual e pessoal dos jovens leitores. Porém, de nada adianta a integração dessas tecnologias se, diante delas, o aluno permanece com os mesmos hábitos escolares criticados há tempos, como a cópia e a falta de reflexão sobre os meios comunicacionais que o cerca.

Acreditamos ter atingido os objetivos a que nos propusemos. Contudo, seria impraticável conhecermos, à data da conclusão deste trabalho, o grau de atingibilidade de alguns deles. Então, este trabalho foi mais um passo nesse continuado processo de desenvolvimento como ser humano, professor e educador. E outras etapas são exigidas, pois também o professor é aquele que “de repente aprende”, como pensou o grande escritor mineiro Guimarães Rosa.

Por isso, preocupados com o ensino de língua na escola, fomos para fora dela, para tentar compreender, desfazer mitos, entender a razão de professores condenarem a prática de leitura e comunicação dos jovens no orkut.

A Internet tornou-se excelente fonte de informação e é preciso aproveitá-la em favor da aprendizagem de um sujeito autônomo e crítico das informações que circulam e são produzidas nas redes sociais. Cabe à escola partir das culturas particulares, das práticas culturais do cotidiano, e levar o educando à conquista das culturas da humanidade. A escola tem a função de assegurar esta apropriação.

Com isso, ela desempenha um papel de humanização dos indivíduos, porque faz com que as pessoas se apropriem daquilo que foi relevante e apropriado para os homens, internalizando esse conhecimento e transformando-o em dispositivos reguladores de sua conduta, de seu comportamento, de sua personalidade. Esses dispositivos internos afetam, por sua vez, a linguagem, que propicia a organização do pensamento, o que, por sua vez, contribui para o melhoramento da linguagem num processo que vai ampliando ou enriquecendo as funções mentais do indivíduo. Ao mesmo tempo, quem fornece essa experiência não é só o professor, nem só a escola, nem só a mãe, nem o pai; mas também são outras práticas socioculturais que se estabelecem hoje no mundo contemporâneo e acabam gerando ferramentas culturais, como o orkut, que também se tornam portadoras de saberes, práticas e experiências, que são mediadores básicos do sujeito com o mundo.

Essa é uma função da comunicação presente na linguagem dos internautas que demonstram capacidade de comunicação e de relação entre os fatos e eventos da vida social e cultural. Essa capacidade é condição também para argumentação na escola, uma vez que, bem direcionada ou mediada pelo professor, pode também constituir-se de uma argumentação acadêmica, pois esse jovem demonstra condições de produzir questionamentos ao professor.

Assim, na cultura acontece o desenvolvimento do ser humano e de sua subjetividade, pois a ação humana está dirigida para um objeto e essa atividade apresenta, por isso, sempre um caráter desse objeto. E o ensino constitui-se em uma forma social de organização e apropriação da cultura material e espiritual da humanidade, pois a função da escola é, conforme Leontiev (1978), a de socialização do conhecimento científico, filosófico e artístico produzido pela humanidade ao longo do processo histórico, em suas configurações mais elevadas, alimentando o universo cultural de seus alunos, com o fim de

interferir no gosto estético deles para avaliar o burilamento em suas atividades sociais, culturais e artísticas. Tais atividades vão além daquilo que eles já possuem em sua relação cotidiana com o conhecimento para, assim, assumir um processo civilizatório mais elevado, como assistir a uma peça de teatro, uma orquestra ou um filme; ler um bom livro de literatura; ter e apreciar momentos culturais diversos; ouvir instrumentos variados. Isso sim seria essencial para avaliar a todos os homens a possibilidade de humanização.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendell. (1997), Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED 1997, N° 5/6 p. 25-36.

ABREU, Rosane Albuquerque dos S. Cabeças digitais: um motivo para revisões na prática docente. In: COSTA, Ana Maria Nicolaci da (Org.). *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: Ed. da PUC; São Paulo: Loyola, 2006. p. 163-180.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ANDERI, Eliane Gonçalves Costa; SILVA, Elida Ferreira da. A Internet como aliada no ensino da leitura. In.: TOSCHI, Mirza Seabra (org.). *Leitura na tela: da mesmice à inovação*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

AZEREDO, José Carlos de. *Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie F. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Paulinas, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. Os jovens e a Internet: representações, usos e apropriações. In: FANTIN, Monica.; GIRARDELLO, Gilka. (orgs.). *Liga, roda, clica: estudos em mídias, cultura e infância*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____. *O que é mídia-educação*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. A Integração das Tecnologias de Informação e Comunicação aos Processos Educacionais. In BARRETO, Raquel Goulart (org.) – *Tecnologias Educacionais e Educação a distância*. Rio de Janeiro, Quartet Editora, 2001.

BERNÁRDEZ, Enrique. *Introducción a la lingüística del texto*. Madrid: Espasa-Calpe, 1982.

BORDENAVE, Juan Díaz. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In.: *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRANDÃO, Helena. Nagamine. Texto, gênero do discurso e ensino. In: CHIAPPINI, Ligia (coord.) *Gêneros do discurso na escola: mito, cordel, discurso político, divulgação científica*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. – São Paulo: EDUC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). *PCN + Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

_____. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/Semtec, 1999.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, DF: MEC, 1997.

BUCKINGHAM, David. *Media Education – literacy, learning and contemporary culture*. Cambridge: Polity Press/Blackwell, 2003.

_____. *Media education*. Alfabetizzazione, apprendimento e cultura contemporanea. (tradução de Gilka Girardello) Gardolo: Erickson, 2006.

CAGLIARI, Luis Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo, Scipione: 2004.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli (orgs.). *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo de São Paulo / Secretaria de Estado da Cultura – Departamento de Museus e Arquivos, 1996.

CARDON, Dominique. A inovação pelo uso. In: AMBROSI, Alain; PEUGEOT Valérie; PIMIENTA, Daniel (orgs.) *Desafios de Palavras: enfoques multiculturais sobre as sociedades da informação*. Túnis: C & F Éditions, 2005.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. *Dissertação* (Mestrado em Ciências da Engenharia de Sistemas e Computação). Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A Era da informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999.

CAVALCANTE, Cláudia Valente. Jovens e estratégias educativas de apropriação dos espaços urbano e virtual. *Dissertação* (Mestrado em Educação). Goiânia, 2010.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CHEN, S. Q. A study of communication strategies in interlanguage production by Chinese EFL learners. *Language Learning*, v. 40, 1990. p. 155-87.

COSTA, Terezinha da Conceição. *Argumentação e escrita*. Dissertação (Mestrado).UEL.Londrina, 2002.

COSTA VAL, M. da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1991
Disponível em: < <http://ruyalexandre.zzl.org/arquivos/pedtexto2.pdf>> Acesso em 22/jan/2011.

DAGNINO, Renato; BRANDÃO, Flávio Cruvinel; NOVAES, Henrique Tahan. Sobre o marco analítico-conceitual da Tecnologia Social. In: LASSANCE JR., Antonio E. MELLO, Claiton José. *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

ECO, Humberto. *Tratado geral da Semiótica*. São Paulo. Perspectiva: 1991.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas*. VI Congresso Português de Sociologia: junho de 2008. Universidade de Lisboa. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>> Acesso em: 8/9/2010.

FÁVERO, Leonor L.; KOCH, Ingedore G. V. *Linguística textual: uma introdução*. São Paulo: Cortez, 1994.

FRAGA, Renê. *Orkut: o gigante adormecido que precisa acordar*. 2010. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/platb/google/tag/orkut/>> Acesso em: 8/3/2011.

FEENBERG, Andrew. *What is Philosophy of Technology*. Tradução de Agustín Apaza. 2003. Disponível em: <http://www.sfu.ca/~andrewf/books/Portug_O_que_e_a_Filosofia_da_Tecnologia.pdf> Acesso em: 20/9/2010.

FIDALGO, António. *Semiótica geral*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1999. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/fidalgo-antonio-semiotica-geral.pdf>>. Acesso em: 9/11/2010.

FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. Tradução Cláudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FORACCHI, Marialice. (1972), *A Juventude na sociedade moderna*, São Paulo, Pioneira/Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, julho, 2002. p. 21 a 39.

_____. *Escrita teclada: uma nova forma de escrever?* Caxambu, MG: Reunião 23 da ANPED: GT Alfabetização, Leitura e Escrita, 2000.

FIORIN, José Luiz, SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin et al. Contribuições conceituais sobre juventude, família e escola. *Revista Educativa*, Goiânia, v.1., n. 1, 1997.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. *A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line*. Anped, 2009. GT 16 - Educação e comunicação. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/trabalho_gt_16.html> Acesso em: 12/5/2011.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa II: crítica de la razón funcionalista*. Madrid: Taurus, 1999.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. London: Sage, 2000.

JENKIS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução de Suzana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

KLEIMAN, Angela B. Oralidade letrada e competência comunicativa: implicações para a construção da escrita em sala de aula. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 23-38, 2º sem. 2002.

_____. Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho? In: KLEIMAN, Angela. B. (Org.) *A formação do professor: perspectivas da Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. 342 p. p. 39-68.

_____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas; Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual e PCNs de Língua Portuguesa*. 2008. Disponível em: <http://www.ufg.br/this2/page.php?site_id=25¬icia=5827> Acesso em 24/6/2009.

_____. Linguística Textual: uma entrevista com Ingedore Villaça Koch. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 1, n. 1, agosto de 2003.

_____. Gêneros do discurso. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 53 – 60.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. *A argumentação pela linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996

KOCH, Ingedore G.V.; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOZINETS, Robert. V. Netnography 2.0. In: R. W. BELK. *Handbook of qualitative research methods in marketing*. Edward Elgar Publishing, 2007.

LANGENDOEN, D. Terence. Linguistic theory. In: BECHTEL, William; GRAHAM, George (Orgs.). *A companion to cognitive science*. Oxford: Blackwell, 1999. p.235-244.

LEFFA, Vilson J. ; LOPES, Rita de Cássia Campos. Evolução do conceito de leitura em alunos da 2ª à 8ª série. *Anais. IX Encontro Nacional da ANPOLL*. Caxambu, MG, 12 a 16 de junho de 1994, p. 113-115.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEONTIEV, Alexis N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa, Livros Horizonte, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. *Rev. Bras. Educ.* 2004, n.27, pp. 5-24.

_____. Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores? *Revista Educativa*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 25-46, jan./jun. 2006.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Mariana. *Acesso a novas tecnologias cresce de maneira desigual*. Observatório do direito à comunicação. Publicado em: 07.04.2009. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=4847> Acesso em: 7/9/2010.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Tradução de Angelina Teixeira Peralva. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED 1997, nº 5/6. p. 5-14.

MORAES, Moema Gomes. Matemática 2.0: o desafio dos blogs e a construção de 'novas' situações didáticas. In.: TOSCHI, Mirza Seabra (org.). *Leitura na tela: da mesmice à inovação*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

NEVES, Iara. *Ler e Escrever: Compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

NOVAES, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. São Paulo: Editora Escala. *Revista Sociologia Especial, Ciência & Vida*, ano I, n. 2, 2007. p.7-15.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. *Do mito da tecnologia ao paradigma tecnológico: a mediação tecnológica nas práticas didático-pedagógicas*. 2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE18/RBDE18_10_MARIA_RITA_NETO_SALES_OLIVEIRA.pdf> Acesso em: 12/8/2009.

ORLANDI, Eni Pucineli. *Análise de discurso*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PAGLIARO, Antonino. *A vida do sinal*. Lisboa: Gulbenkian, 1952.

PAZ, Dioni Maria dos Santos. *Formação de conceitos de leitura: relação com a cognição e os processos de significação*. Disponível em <http://www.ufsm.br/lec/02_03/Dioni.htm> Acesso em 21/7/2009.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PEIXOTO, Joana. Tecnologia e educação: um questão de transformação ou formação? In. NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (org.) *Formação e profissão docente em tempos digitais*. Campinas: Alínea, 2009. p. 217 a 235.

_____. A inovação pedagógica como meta dos dispositivos de formação a distância. *Revista Eccos*, São Paulo, v. 10, n. 1, 2008.

_____. Culturas digitais juvenis e as funções da tecnologias de informação e de comunicação na escola. In. GALVÃO, Afonso Celso Tanus; SANTOS, Gilberto Lacerda dos (orgs.). *Educação: tendências e desafios de um campo em movimento*. Brasília: Liber Livros: ANPED, 2008. p. 27 a 43.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED 1997. nº 5/6. p. 15-24

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PEREIRA, Ariovaldo Lopes. Representações de gênero em livros didáticos de língua estrangeira: reflexos em discursos de sala de aula e relação com discursos gendrados que circulam na sociedade. *Tese de doutorado*. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2007, p. 81.

PINHEIRO, Mauro. *O impacto social das novas tecnologias no Brasil e no mundo*. 1999. PUC-Rio. Disponível em:
<<http://www.feiramoderna.net/portfolio2006/miscvirtual/print.html>> Acesso em: 23/8/2010.

PRENSKY, M.. *Nativos digitais, imigrantes digitais*. Trad. Roberta de Moraes Jesus de Souza, NCB University Press, v. 9, n. 5. out. 2001.

RAMAL, Andrea Cecilia. *Ler e escrever na cultura digital*. Porto Alegre: Revista Pátio, ano 4, no. 14, agosto-outubro 2000, p. 21-24.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 2009
http://www.redessociais.net/cubocc_redessociais.pdf . Acesso em: 30/11/2010.

_____. *Redes sociais na Internet: Considerações Iniciais*. E Compós, v. 2, 2005;

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Entre a oralidade e a escrita: reflexões esparsas. In: DIETZSCH, M. J. *Espaços da linguagem na educação*. São Paulo: Humanitas, 1999. p.85-115.

ROSA, Inez Rodrigues. O processo de leitura escolar e o uso da tecnologia. In.: TOSCHI, Mirza Seabra (org.). *Leitura na tela: da mesmice à inovação*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

SÁ, Simone Pereira de. Netnografias nas redes digitais. In: PRADO, José Luiz Aidar (Org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker Editores, 2002. p. 147-164.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

_____. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista Famecos*. nº 22. Porto Alegre: dezembro 2003.

_____. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, D. (Org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

_____. *O que é semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1983. Coleção primeiros passos.

SANTANA, Camila. Redes sociais na Internet: potencializando interações sociais. *Revista Hipertextus*, Vol. 1, 2007.

SANTOS, Edméia Oliveira dos. Educação on-line: a dinâmica sociotécnica para além da educação a distância. In.: PRETTO, Nelson de Luca (org). *Tecnologia e novas educações*. Salvador: Edufba, 2005.

SARAIVA Karla; ROCHA Cristianne Famer. *Juventude, Internet e inclusão digital*. IV Simpósio Internacional e VII Fórum Nacional de Educação, 2010. Disponível em: <http://forum.ulbratorres.com.br/2010/mini_texto/MINI%20CURSO%206.pdf> Acesso em 7/9/2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 30. ed. São Paulo: Cultrix. 2001.

SOUZA FILHO, Marinho Celestino de; CUNHA, Geremias Dourado da. *Breve história da leitura e da escrita*. 2009. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/breve-historia-da-leitura-e-da-escrita-6507/artigo/>> Acesso em: 22/3/2010.

TAPSCOTT, Don. *Geração digital – a crescente e irreversível ascensão da Geração Net*. (tradução de Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: Makron Books, 1999.

TOSCHI, Mirza Seabra (org.). *Leitura na tela: da mesmice à inovação*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

TOSCHI, Mirza Seabra; ANDERI, Eliane Gonçalves Costa. Ler na tela é ler imagem. In: TOSCHI, Mirza Seabra. *Leitura na tela: de mesmice à inovação*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. p. 15-25.

TRAVÁGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação : uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VARGAS, Suzana. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

VEEN, Win; VRAKKING, Bem. *Homo zappiens: educando na era digital*. Tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

VYGOTSKY, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. *A Formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO

PEQUENO GLOSSÁRIO DE TERMOS UTILIZADOS NO ORKUT

Retirado do dicionário do orkut para principiantes Disponível em:
<<http://marinow.wordpress.com/2009/01/08/dicionario-do-orkut-para-principiantes/>>
Acesso em: 20/jan./2011.

Add = a palavra está escrita no inglês e significa Adicionar (usado geralmente quando a pessoa te solicita para ser seu amigo.)

Scrap = palavra também em inglês cujo significado é Recado.

Comu = Comunidades (redução de palavras é comum no orkut.)

Euri = Eu ri ou eu sorri (quando a pessoa quer mostrar que sentiu graça no que a outra comentou etc.)

Coment(s) = Comentários ou Comentário (Referente a comentários em comunidades e fotos.)

Namo = Redução da palavra namorado.

Depo = Redução da palavra depoimento.

Up = Up no orkut está referente a mudar atualizar etc. Usado em mensagens de comunidades etc.

Bug ou Bugada = Quando dizemos que uma comunidade está bugada ou está com *bug* quer dizer que ela está com falha no sistema proveniente do próprio orkut